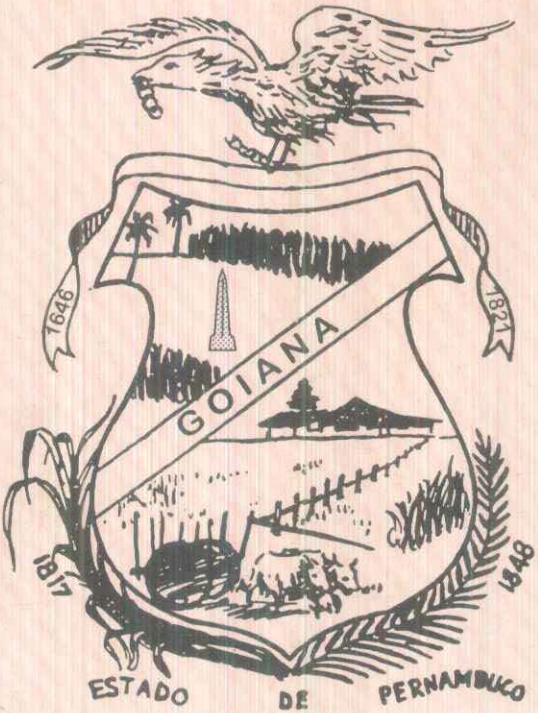
MÁRIO RODRIGUES

CRÔNICAS GOIANENSES



Editor
Carlos Eduardo Carvalho dos Santos

VOTO DE APLAUSOS POR OFÍCIO

CÂMARA MUNICIPAL DE GOIANA
CASA JOSÉ PINTO DE ABREU

Goiana, 24 de outubro de 1995.
Ofício nº PL 250/95
Prezado Senhor

Com o presente, damos ciência a V.Sa. do Requerimento, de nº 087/95, de autoria do Vereador PAULO VIÉGAS, e subscrito pelos Vereadores Leonízio Batista, Marcílio Régio, Carlos Correia, Glauco de Sena e José Nascimento, consignando, na Ata dos Trabalhos desta Casa, "VOTO DE APLUSOS", a V.Sa., por sua folha de serviços de relevância prestados a Goiana, como político e historiador respeitável.

Atenciosamente,
Ver: Henrique Fenelon.
1º Secretário.

HOMENAGEM PRESTADA PELA CÂMARA DOS VEREADORES

PLACA DE PRATA

"Ao
Profº Mário Rodrigues do Nascimento

O reconhecimento, a gratidão deste Poder Legislativo, em nome da Comunidade Goianense,pela exaltação e ensinamento, diariamente, nos noticiários do Estado de Pernambuco, da história de Goiana.

Goiana, 15 de fevereiro de 1993
Câmara Muncipal de Goiana."

MÁRIO RODRIGUES

CRÔNICAS GOIANENSES

GOIANA
1996

Editor:
Carlos Eduardo Carvalho dos Santos
Fone: (081) 271-4594

EQUIPE TÉCNICA

Editor
Carlos Eduardo Carvalho dos Santos
Av. Joaquim Ribeiro, 810 - Bloco B-15 - Fachada Posterior
Telefone: (081) 271.4594 - CEP 52500-000
Caxangá - Recife - Pernambuco

Digitação
Dígito Publicações & Produções Gráficas

Revisão Técnica
José Edson Wenceslau de Souza

Editoração Eletrônica
Tecla Laser (Eloi)

Fotografias
Alfa - Fotografias e Filmagens

Capa
Brasão de Armas de Goiana

Fotolitos e Impressão
Recife Gráfica e Editora S.A.

Distribuição
* No caso de não haver estoque desta obra na Livraria Livro 7 (Recife), oferecemos o telefone (081) 626.0578 para informações.

* Todos os direitos reservados. É proibido a duplicação ou reprodução deste volume, no seu todo ou em parte, sob quaisquer meios: eletrônicos, mecânicos, gráficos, fotocópicos, gravações ou outros, sem permissão expressa do Editor ou do Autor.

N244c Nascimento, Mario Rodrigues do, 1921 -
Crônicas goienenses / Mario Rodrigues
do Nascimento. – Recife: Carlos Eduar -
do Carvalho dos Santos, 1996.
230p. : il.

1.CRÔNICAS BRASILEIRAS - PERNAMBUCO.
2.GOIANA (PE) – HISTÓRIA. 3. GOIANA (PE) –
VIDA E COSTUMES SOCIAIS. I.Título.

PeR - BPECB C D U 869.0(81)-94

DEDICATÓRIA

À memória de meus queridos e sempre lembrados pais Manoel Rodrigues do Nascimento (exemplo de trabalho e honestidade) e Tude Maria da Conceição (matrona admirável da família Barbalho).

À minha esposa Lêda Pinto Rodrigues - incentivadora de meus ideais.

Aos meus queridos filhos: Sílvio Romero, Maria do Carmo, Mário Filho e Fábio Rogério - pérolas de meu coração, e que sempre me estimularam a viver muitos anos.

Aos meus netos queridos: Sílvio Romero Júnior, Felipe, Bruno, Diego e Thaís.

A todos eles, minha esperança de grande sucesso no futuro.

À memória de meus irmãos: José, Antônio, Severino, Vicente, João, Joaquim, Francisco, Sebastião, Maria das Dores, Maria Rita e Maria Elisa (esta, ainda viva, graças a Deus).

À memória de meus sogros: Antônio Pinto de Abreu e Áurea Raposo Pinto, que sempre apoiaram as minhas atitudes e gestos.

Ao meu prezado genro Nicácio Marinho de Farias - o companheiro das horas incertas, o meu abraço de agradecimento.

Leoneide da Fonseca Lima
Barbosa
Fone: 3620 2427

VEREADORES - Abril, 1996

CÂMARA MUNICIPAL DE GOIANA

Paulo Geraldo dos Santos Viégas - Presidente

José Carlos Correia da Silva

José Nascimento de Barros Filho

João Bezerra de Morais

Henrique Fenelon de Barros Filho

Fernando Augusto de Albuquerque Mendes

João Jorge Filho

Leonízio Batista da Cunha Neto

João Bosco Saraiva Filho

Macílio Régio da Silveira

José Inácio da Cunha Rabelo Neto

Cláuco Rodolfo Fonseca de Sena

MANOEL RODRIGUES

Manoel Rodrigues do Nascimento foi sepultado em Goiana, no mês de janeiro de 1946, com 72 anos de idade, pai de doze filhos, deixando viúva dona Tude Maria da Conceição.

Manoel Rodrigues do Nascimento, matuto, mal-assinando o nome, tinha um extraordinário senso de oportunidade e de perspicácia. Sabia fazer as coisas na hora certa e com talento. Acertou quando se tornou comerciante em Caricé e acertou quando se transferiu para Goianinha, deixando uma povoação decadente por uma vila em desenvolvimento.

Em Goianinha se tornou sólido armazenário de estivas, teve bastante crédito e muitos fregueses, fez dezenas de casas para aluguel e comprou, a seu filho Antônio Rodrigues do Nascimento, em julho de 1927, por escritura pública, a empresa de luz elétrica e o cinema mudo.

Em maio de 1928, por escritura lavrada em cartório, se tornou vendedor local exclusivo dos produtos da Standard Oil Company of Brasil, quando era maior o gasto de querosene.

Cidadão responsável e administrador a toda prova, a sua presença em qualquer negócio significava garantia de bom andamento.

Manoel Rodrigues do Nascimento sabia ver e prever. Antevendo discórdia entre seus filhos por motivo de herança, propos, em tempo, um desquite legal e fictício. Feito o desquite, marido e mulher doaram, de per si e com usufruto, os bens proporcionais ao quinhão no caso de inventário.

Adquirindo a empresa de luz, estando esta em condições de atender ao consumo, foi empresário eficiente e zelou pelos interesses seus e dos usuários.

Fazia gosto ouvi-lo, às vésperas de Natal, dizer a "seu" Moura, foguista da empresa, que avisasse ao povo que iria faltar luz três noites, para que se pudesse fazer revisão no motor e na rede elétrica, a fim de não faltar luz na festa.

Dono de um limitado serviço de fornecimento de água, com alguns banheiros, das torneiras jorravam água limpa e abundante, sempre que

abertas, não acontecendo o que hoje ocorre com a Compesa.

Quando percebeu que o serviço de luz e água não iria longe no atendimento satisfatório, ele vendeu ao primeiro pretendente.

Comerciante sabido e conceituado, se tornou conhecido em toda região. Ao chegar a vez de seu comércio decair, pela variedade de concorrência, ele passou o estabelecimento a outro e foi morar em Goiana, onde comprou muitas casas baratas, que logo se valorizaram.

Manoel Rodrigues do Nascimento não dava salto no escuro. Matuto vivo e inteligente, não dormia no ponto.

Diario de Pernambuco, dezembro de 1984.

Ludovico Gouveia de Andrade

* Manoel Rodrigues é pai do autor.

HOMENAGENS

À família Jordão, nas pessoas de Ângelo Jordão de Vasconcelos - diretor do "Almanaque de Goiana" (1930), Edmundo Jordão de Vasconcelos, Aluísio Jordão de Vasconcelos, Ângelo Jordão Filho, que marcaram uma época em Goiana, pela inteligência e cultura.

A Otávio Pinto, minha homenagem póstuma. Em honra do grande historiador - autor do livro "Velhas Histórias de Goiana" - republico, (por deferência especial da Casa Editora Vecchi Ltda., do Rio de Janeiro, titular de Direitos Reservados para o Brasil, Portugal e Províncias Ultramarinas), o título: "Resumo Histórico de Goiana" (1), páginas 147 a 153, da 1ª edição, sem cortes ou emendas.

PERSONALIDADES

Prefeito Municipal:
José Roberto Tavares Gadêlha
Presidente da Câmara:
Paulo Geraldo dos Santos Viégas
Juíz de Direito da 1ª Vara:
Ambrósio Agrícola Nunes
Juíz de Direito da 2ª Vara:
Carlos Antonio Alves da Silva
Páraco de Goiana:
Pe. Hélio de Oliveira Alves
Prior do Carmo:
Frei Alcebíades
Diretor da Biblioteca:
João Carlos de Mendonça
Presidente do Lions Clube:
Júlio da Cunha Rabelo
Venerável Mestre da Maçonaria:
Dr. Paulo Roberto Tavares da Silva
Superiora do Sagrada Família:
Irmã Maria José Soares
Presidente da Sociedade 12 de Outubro:
Assuero Alves da Silva
Presidente da Sociedade Musical Curica:
Wilfred de Albuquerque Gadelha
Delegado de Polícia:
Edenízio Lourenço da Silva
Promotor Público 1ª Vara:
Sílvio Tavares
Promotor Público 2ª Vara:
Luiz Andrade
Diretores do Hospital:
Dr. Belarmino Correia e Dr. Paulo Veloso
Tabelião do Cartório do 1º Ofício:
Carlos Gondim Torres
Tabelião do Cartório do 2º Ofício:
Maria Helena da Silveira
Cartório do Registro Civil:
Anita Cavalcanti de Albuquerque Nunes
Associação Comercial de Goiana: Presidente -
Antonio Rodrigues de Albuquerque Filho

ÍNDICE

PRÓLOGO

Manoel Rodrigues 05
Prefácio - Ludovico Gouveia de Andrade 13
Anais da História da Redação dos Jornais 15
Obelísco de Tejucopapo 17
O Brasão e a Lei 19

I CAPÍTULO

Resumo da história de Goiana 23
Como nasceu Goiana 30
Povoação de Goiana 31
Topônimo Goiana 32
Goiana do começo do século 33
Topografia 34
Rio Goiana 35
Junta de Goiana 35
A guerra em Goiana 37
Companhia de transportes 37
Tipografia 39
Usina Goiana 41
Movimento Abolicionista 42
Gente da Abolição 44
Escravos 45
Dança dos Congos 46
Quilombo de Goiana 47
Abolição em Goiana 50
Músicas de escravos 51
A Patriotada 52
Subterrâneo em Goiana 55
Goiana de Ontem 56
Goiana e seu automóvel 57
Cruzeiro do Carmo 59
Velhos engenhos 61
Movimento Republicano em Goiana 62
General das Urupemas 64
Padre Elódio 65
O lenço que o Imperador beijou 66
Visita pastoral 67
Tipo popular 67
Cinzas de André Vidal 68
As mãos de padre Tenório 69
Vapor Irati em Goiana 70
General Pedro Labatut 72
Gabinete de Leitura 73
Carro de Goiana 75

Casa de Adelmar Tavares 77
Sinos de Goiana 80
Herói Goianense: Silvino de Macedo 81
Luz elétrica da Chesf 82
Patrimônio: Casa de Nunes Machado 85
Arcádia goianensse 85
Convento da Soledade 86
Procissões Quaresmais 87
Museu de Arte Sacra 90
Igrejas 92
Procissões de Goiana 94
Museus Esquecidos 96
Igreja da Misericórdia 97
Convento do Carmo 97
Igreja da Conceição 99
Igreja dos Pretos 100
Colégio da Sagrada Família 102
Cemitérios Secularizados 104
Primazias 105
Convenção de Beberibe 106
Visita Imperial 107
Almanaque de Goiana 108
Origem do Abacaxi 109
Eleições de 1935 110
Lembranças de Ubiara 112
Aeroclube 114
Teatro 115
Cidade Histórica 117
Campanha Liberal 118
Mário Melo 119
Imprensa 121
Anedotário 122
Viriato Claúdio de Melo - Herói 123
Velhas Diligências 124
Folha de Goiana 125
Apelidos 126
Goiana Artística 127
Explosão da Usina Elétrica 128
Fidalguia 128
Solares 129
Colégio Comercial 130
Acorda Povo 131
Festa de São Pedro 132
Poço do Rei 133
Maçonaria 133
O Canal Centenário 135
Banda Curica 136
Casa do Estudante 138
Lions Clube 140
Banda Saboeira 141
Ensino em Goiana 144
Folclore 145
Homenagem ao Dr. Gilberto Gondim 145

Tiro de Guerra 146
Professora Eunice Raposo 147
Fandango 148
Charangas 149
Curiós 149
Barão de Goiana - Correia Picanço 150
Velhos Pastoris 151
Praça do Artesão 152
Radiodifusão 153
Curso de Filosofia 154
Mapa de Goiana 155
Coco de Roda 155
As Praias, Ontem e Hoje 156
Evoé! Goiana 157
Ciclo Junino 160

II CAPÍTULO

Ponta de Pedras 165
Colonia Z-3 167
Santa Cruz 168
Naufrágio do Vapor Bahia 169
Cajueiro das Almas 171
Carne de Vaca 172
Fortim de Catuama 174
Perseguição à Família Souto Maior 174

III CAPÍTULO

Condado e sua Origem 179
Tradição de Festa do Condado 181
Bandas de Música do Condado 182
Futebol em Condado 183
Luz Elétrica de Goianinha 184
Feira aos Domingos 185
Mãe Preta 186
Cruz do Borges 187
Missa Cantada 188
Condado e sua Emancipação 189
Banda 28 de Junho 190
De Goianinha a Condado 191

IV CAPÍTULO

Referências da Imprensa 195
Ilustrações 207
Album de Família 232
O Autor 253
Bibliografia 256
Oferenda 257

PREFÁCIO

Em 23 de janeiro de 1921, não sei dizer se foi pela madrugada, no correr do dia ou da noite, naquela casa de uma porta e duas janelas de frente, defronte da Capela de Nossa Senhora das Dores, hoje a bonita Igreja Matriz, do Condado, os residentes, com excessão da gente miúda sem percepção do que estava para acontecer, tiveram, mais uma vez, momentos de feliz expectativa. Uma nova criatura estava sendo esperada para aumentar, a já numerosa prole, do casal Manoel Rodrigues do Nascimento e Tude Maria da Conceição. Era uma reunião espontânea, sob a mesma especial emoção, aguardando, de ouvidos atentos, o choro de um novo ser que não se demorou a fazer todos os lábios se abrirem em sorriso repentino e uníssono, logo seguido de uma pergunta generalizada e de tamanha curiosidade: menino ou menina? Pelo grito forte, disse o pai, é menino e chama-se Mário.

No devido tempo, Mário se tornou aluno da escola estadual da competente e sempre lembrada Professora Maria Olindina e, lá, como menino inteligente, estudioso e bem comportado, logo aprendeu a escrever o seu nome completo: Mário Rodrigues do Nascimento.

O prenome Mário foi sacramentado pelo padre Aragon, Vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Ó, a cuja jurisdição eclesiástica pertencia a então vila de Goianinha, segundo distrito de Goiana. Eis o Mário Rodrigues do Nascimento, para todos os efeitos.

Em Goianinha, ele fez o curso primário, teve os primeiros namoricos e participou de uma plêiade de rapazes que, além de primar pelo amor à terra e pela notável ética, registrou no calendário local uma fase de desenvolvimento social e cultural, sem que faltassem as festinhas, os folguedos carnavalescos, os micros-jornais e, porque não dizer, política também. Sendo eu de faixa etária anterior, tenho ainda a grata satisfação de haver comungado dos ideais daquela turma vibrante.

No Recife, Mário fez o Curso de Humanidades no Liceu Pernambucano. No ano de 1940, os seus pais foram morar em Goiana e, lá, ele se casou, foi vereador atuante, professor de História e Geografia

dos colégios Manoel Borba, Sagrada Família e Monsenhor Fabrício, Secretário do Instituto Histórico e Presidente do Lions Clube (meu companheiro Leão) e vem sendo colaborador assíduo da "A Província". No Diario de Pernambuco e no Jornal do Commercio, na secção ''Cartas'', ele bota sua pena a serviço da comunidade, clamando contra as mazelas da cidade e do município em geral, incentivando e enaltecendo aquilo que merece ser incentivado e enaltecido, fazendo a crônica da sociedade local e divulgando a história regional.

O Professor Mário Rodrigues do Nascimento, hoje fora das salas de aula, é comum vê-lo, em sua residência, cercado de ex-alunos que vão procurar ensinamentos e dar e receber afetos. Amigos também o procuram constantemente para uma conversa proveitosa. A sua casa é um pedaço de Goiana, de uma Goiana rediviva e pujante. Eu já disse, certa vez, que o seu coração balança entre o Condado e Goiana.

O livro CRÔNICAS GOIANENSES traz à memória fatos de Goiana com repercussão nacional. Se não existisse Goiana, a história de Pernambuco seria diferente. É isso que o nosso amigo professor mostra em suas crônicas, com toda verdade e muito amor. O livro não é uma simples coletânea, é um relicário.

Joacil de Brito Pereira, escrevendo a biografia de José Américo de Almeida, disse, com uma simplicidade talvez incomum aos acadêmicos, "ninguém é bom patriota, servidor de seu país, sem ter sido fiel à sua província, à sua cidade, à sua aldeia, à sua rua". O mesmo que o acadêmico da Paraíba afirmou ao escrever a vida de seu grande coestaduano, eu repito, de sã consciência, ao falar de meu estimado conterrâneo.

Condado, 31 de março de 1996.

Ludovico Gouveia de Andrade

*Escritor e Jornalista

ANAIS AUTÊNTICOS DA REDAÇÃO DOS JORNAIS

Cartas à Redação, quando publicadas, têm se tornado um estilo de documentação histórica que vem abastecendo, através dos anos, os mais renomados historiadores, oferecendo subsídios, de naturalidade incomparável, às suas obras de maior expressão.

Dentre outros muitos jornalistas amadores e cronistas do cotidiano, Napoleão Barroso Braga se tornou ainda mais famoso quando publicou o livro "Cartas Recifenses", inserindo algumas de suas muitas crônicas de vários momentos do Recife, cuja grandiosidade cultural se tornou uma preciosa agenda tira-teima para diversos assuntos polêmicos e outros temas de interesse geral, livro que, em minha incursões como aprendiz de historiógrafo, utilizo, como se um dicionário de fatos incontestáveis.

Mário Rodrigues, cronista por excelência e experimentado baluarte na defesa intransigente da verdade sobre a história, tal qual um perdigueiro, vive à caça de elucidar fatos da cena de sua Goiana. Nada menos de sete pastas-colecionadores guardam os recortes das Cartas à Redação publicadas nos jornais de maior circulação de Pernambuco, tanto que levou o veterano José do Patrocínio Oliveira a considerar que, Mário, já se tornou um dos donos da página de ambos os jornais: Commércio e Pernambuco, como chamamos na intimidade jornalística.

Cartas aos jornais são, na verdade, artigos preciosos para historiadores, povo e governos. São uma alavanca a lançar nomes no jornalismo e na literatura. Poucos sabem mas, Monteiro Lobato começou a escrever e definiu sua carreira de escritor após uma carta à redação do jornal "O Estado de São Paulo", que, de tão bem escrita o editor estampou como artigo, nascendo alí o grande literato.

Mário Rodrigues vive e respira tradição histórica, começando pelo casarão típico das residências do Pernambuco colonial, onde cultiva hábitos de decorar o ambiente com jarro e bacia de porcelana, formando a guarnição de um lavatório que repousa sobre pedra de mármore em

armário bem tradicional das casas-grande dos tempos de engenhos-banguê.

Para preservar do esquecimento tantas vitórias envoltas nas campanhas que fez na imprensa pela preservação de alguma tradição de Goiana, fatos de repercussão regional, ele juntou alguma coisa que ora editamos, complementando a história e oferecendo ao leitor muito aprendizado complementar sobre acontecimentos genuinamente goianenses, crônicas, na verdade, de grande significação para o nosso tempo, para a nossa gente e, sobretudo, para o porvir.

Carlos Eduardo Carvalho dos Santos
Editor

OBELISCO DE TEJUCOPAPO

O primeiro número do "Jornal de Goiana", que circulou na cidade no mês de janeiro do corrente ano, estampou duas fotografias do obelisco de Tejucopapo, sem alusão ao nome de quem o mandou construir.

Parece que muitos goianenses ignoram que o meu pai, Antônio Gonçalves Raposo, nomeado prefeito do Município, após a Revolução de 1930, mandou erigir o referido obelisco de pouco mais de dez metros de altura, no lugar das trincheiras, assinalando a vitória, em maior parte, das mulheres de Tejucopapo que se bateram ali, em 1646, contra os holandeses.

O mencionado obelisco foi construído no inverno de 1931, sendo grandes, por isso mesmo, as dificuldades que se apresentaram à sua construção. Outra dificuldade, além da falta de recursos, foi a oposição do então "senhor de engenho", em cujas terras se situam as trincheiras. E o prefeito, que enfrentara os conflitos da campanha liberal e da Revolução, para o bem de tantos, conseguiu vencer. Venceu e lá está o Obelisco de Tejucopapo como um tributo de admiração de seu povo à heroicidade patriótica de seus antepassados.

A placa de bronze que se vê aposta na base do obelisco, foi ofertada pelo amigo de meu pai, o historiador Mário Melo que era na época secretário do Instituto Arqueológico, e a quem Goiana muito deve pela sua luta em defesa da integridade territorial do nosso município, cuja história, lembrava ele, era a própria história de Pernambuco, consubstanciada na bravura de seus filhos.

As contas das despesas, pagas pela Prefeitura, constam de sua escrituração e os comprovantes devidamente arquivados. Assim o obelisco não é construção do Instituto. Construiu-o a Prefeitura de Goiana.

Só um prefeito de grande modéstia como o meu inesquecível pai, Antônio Gonçalves Raposo, deixaria de perpetuar o seu nome no "monumento" que, no dizer do general Pargas Rodrigues, quando de sua visita a Tejucopapo, "recomendava uma administração".

Fiz um apelo ao prefeito do município, Harlan Gadelha, para que mandasse colocar uma pequena placa no citado obelisco, com o nome de seu idealizador, goianense que tanto amou a sua terra, passando aqui, no anonimato, toda a sua vida, como pobre e honrado advogado.

Provavelmente será mais um goianense esquecido, como os ilustres: João Joaquim Corrêa de Oliveira - Barão de Goiana; Dr. Elpídio de Figueiredo, Araújo Filho, Pe. Antônio Alves de Castro, Basílio Machado e outros, que fizeram Goiana no passado pela cultura e bravura cívica.

Diario de Pernambuco, março de 1984.

* Professora Eunice Raposo

BRASÃO E A LEI

BRASÃO DE ARMAS DE GOIANA

LEI N.º 486

Resolução da Câmara n.º 508

Histórico: Estudo do sr. Laiete Gemir - Secretario do Instituto Histórico de Goiana. Desenho original do estudante Paulo Gemir. Desenho definitivo do sr. Bartolomeu de Castro.

Projeto de Lei n. 45/59, apresentado à consideração da Câmara, no dia 20 de outubro de 1959, pelo vereador (presidente) Mário Rodrigues do Nascimento, e subscrito pelos demais vereadores, que participaram da 3a. Legislatura.

Lei nº 486, sancionada pelo Exmo. Snr. Prefeito Lourenço de Albuquerque Gadelha, no dia 31 de outubro de 1959.

Em 5-11-59, foi feita, no salão de reuniões da Câmara, a aposição do retrato (desenho colorido) do Brasão de Goiana, tendo comparecido à cerimónia o Exmo. Snr. Prefeito, Vereadores e pessoas gradas. Usou da palavra o Vereador Mário Rodrigues do Nascimento — o idealisador do brasão.

Casa "José Pinto de Abreu" em 6 de novembro de 1959.

BRASÃO E BANDEIRA
— DE —
GOIANA

LEI N.º 486

Art. 1º - Fica criado o Brasão de Goiana, com as seguintes caracteristicas:

1) - **ESCUDO** - De forma usadas nas moedas do Imperio ou nas moedas portuguesas, debruado em toda periferia por filete estreito de metal ouro. O campo está dividido por uma barra estreita de metal ouro, que atravessa o escudo em sentido obliquo e ascendente da direita para a esquerda.

2) **EMBLEMA** - Duas paisagens em cores naturais, enchem os dois campos em que se acha dividido o escudo:
a) - no campo inferior esquerdo lembrando o Brasil Colonia está desenhada em cores naturais, uma paisagem de nosso engenho banguê com nossas canas de açucar rememorando o periodo de 1569, quando se fundou em Goiana o primeiro engenho banguê que teve o nome de Itapirema, de posse de André Fernandes Velasques;
b) - no campo superior do escudo figura o mais notavel acontecimento marcante da História do Brasil Colonia em que as mulheres de Tejucupapo concorreram para expulsão do holandês invasor: a paliçada e as trincheiras, construidas pelos homens e mulheres de Tejucupapo de então, e na parte superior desta paisagem eleva-se o obelisco que marca aquele feito histórico de 24 de abril de 1646.

3) TIMBRE - Encimando o escudo uma aguia "emblema da força", de asas destendidas parte um grilhão de metal ouro. A aguia está desenhada em cores naturais e simboliza a liberdade dos escravos em Goiana, conduzida pelo idealista goianense Basilio Machado.

4) MOTE - Sôbre a barra estreita do escudo está inscrito em côr preta com letras maiusculas a legenda: Fundada no ano de 1569.

5) DIVISA - a) - uma fita de ouro de pontas bipartidas desenhada entre o escudo e a aguia; vê-se em letras de cor preta, o nome GOIANA e nas extremidades as datas 1646 e 1821 que assinalam, respectivamente, os seguintes feitos: a epopéia de Tejucupapo e a reação dos goianenses contra o govêrno despótico de Luiz do Rêgo;
b) - sôbre as pontas flutuantes do laço de côr branca e azul claro que liga os pés dos feixes do suporte, em caracteres maiusculos dourados figuram o nome: ESTADO DE PERNAMBUCO e as datas: 1817 e 1848 que lembram, respectivamente, o espirito republicano do Padre João Ribeiro e a Revolução Praeira, representada pelo bravo goianense Joaquim Nunes Machado.

6) - **SUPORTE** - Um feixe de cana de açucar e uma folha de coqueiro encercam o escudo lateralmente e por baixo, tudo em cores naturais, simbolizando a lavoura do Municipio.

Art. 2º. - Fica criada a Bandeira de Goiana, assim descrita:

1) FORMA - Retangular com maior dimensão no sentido horizontal - Centrada.

2) - **DIVISÃO** - Em duas partes ou faixas em pala (verticais) e iguais.

3) - **CORES** - Azul para a parte junto à haste; branca na esquerda.

4) - **CENTRO** - O Brasão de Armas do Municipio.

Art. 3º. - Esta lei entrará em vigôr na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Mário Rodrigues do Nascimento
Presidente da Câmara

Lourenço de Albuquerque Gadêlha
Prefeito

VEREADORES

Manoel Guedes Peixoto
Eusebio Martins dos Santos
Waldecy Tavares de Oliveira
Aderico Alves de Vasconcelos
Mucio Rabelo da Fonseca Lima
Frederico Carlos da Silveira Rigueira
Harlan de Albuquerque Gadelha
Durval Corrêa de Andrade

Goiana, 5 de novembro de 1959.

1º CAPÍTULO

RESUMO HISTÓRICO DE GOIANA (1)

O povoamento de Goiana (2) é anterior a 1570. Anterior a essa data já se haviam dado sesmarias a João Dourado. Em carta de doação de 20 de maio de 1570, D. Jeronima de Albuquerque e Sousa, Capitôa e Governadora de Itamaracá, fazia saber que dava em sesmaria a Diogo Dias, para êle e seus filhos Boaventura, Maria e Catarina, 5 mil braças de terra em quadro nas ilhargas da de João Dourado, que tem em Capibaribe-Mirim, "donde êle suplicante achar melhor, sendo que caso hajam águas na dita terra para engenho, pagarão, fazendo engenho, de pensão a senhora da terra à razão de 2% de todo o açúcar em pó, que se fizer no engenho ou engenhos de água".

Diogo Dias foi um dos primeiros colonizadores mártires de Goiana. Em outra carta de sesmaria, requerida por Boaventura Dias, quando já falecido seu pai Diogo Dias, a mesma D. Jeronima de Albuquerque, datada de 17 de março de 1577, tem-se notícia de que Diogo Dias se passara de Pernambuco, onde morava com mais de 600 pessoas da terra, machos e fêmeas, plantando canaviais para o seu en-

(1) Condensado do "Almanaque de Goiana" — Pernambuco, 1930.

(2) Gueena ou Guayanna, Gua-Yai (pôrto, ancoradouro), "Toponomia Pernambucana" (Melo, Mario).

genho e gastando sua fazenda em fazer fortalezas em defesa da Capitania, contra o gentio potiguar, de quem era fronteiro, pagando sôldo, gastando muito em artilharia, pólvora e munições necessárias contra os selvagens."

Conta Celso Mariz ("Apanhados Históricos da Paraíba") que "em 1574 os potiguares da Paraíba, chamados pelos de Tracunhãem, daqui marcharam por mar numa frota de pirogas e em vultosa coluna por terra, para atacar o engenho de Diogo Dias. Êste prendera duas virgens indígenas, provocando sôbre o interêsse da defesa territorial e a cobiça do saque, o ódio do sangue ludibriado. O combate foi tremendo, cabendo aos assaltantes a triste vitória, coroada pelo incêndio das casas e canaviais e pelo massacre de 600 pessoas da família e agregados."

Em 1646 Goiana escreveu uma página áurea da história pernambucana, no combate travado nas trincheiras de Tejucupapo, quando os goianenses, comandados por Agostinho Nunes, expulsaram os holandeses, desbaratando completamente as tropas flamengas chefiadas pelo Almirante Lichtart, superiores em armas e homens. Nesse feroz combate foi heróica a resistência da mulher goianense, cujo feito ficou gravado na história pátria coma um dos mais brilhantes.

Na célebre Guerra dos Mascates, luta comercial entre os habitantes de Olinda, chamados os nobres, e os do Recife, os mascates, a 23 de julho de 1711, houve em Goiana um encontro das duas facções, triunfando os nobres, que tiveram à sua frente os tenentes Gil Ribeiro, Felipe Bandeira e o capitão Antonio Ribeiro.

Com a decadência da vila de Conceição, várias povoações foram enfeixadas no território de Goiana, que teve a preeminência de Vila. Por fôrça de Carta Régia de 15 de janeiro de 1685, El-Rei transferiu a justiça e a Câmara de Itamaracá para Goiana, porque a Ilha ficava muito distante das demais povoações, "tendo os interessados e litigantes de passarem no inverno a nado por sete rios". No entanto, sòmente a 6 de outubro de 1742 é que Goiana teve justiça independente da de Itamaracá.

A época de 1817 a 1870 está pontilhada de memoráveis acontecimentos para Goiana. Nesse período se desenrolaram sangrentos movimentos, resistência armada em defesa de um direito expressamente conferido, na afirmativa do Conselheiro João Alfredo. A Revolução de 1817, segundo Raposo de Almeida, foi concebida e planejada em Goiana pelo Dr. Arruda Câmara. Fracassada a revolução, as mãos decepadas do herói e mártir Pe. Souza Tenorio foram expostas acintosamente numa praça pública de Goiana, para intimidar a população.

O levante de Goiana em 1821, contra o govêrno Luiz do Rego, é um fato culminante da história pernambucana e graças a êle fundou-se na cidade a Primeira Junta Constitucional que houve no Brasil. Êsse levante representa a justa exigência, feita de armas nas mãos, da conquista liberal dos deputados pernambucanos obtida na Côrte. O governador Luiz do Rego burlava as resoluções de Lisboa, uma delas que determinava "fôssem havidos como legítimos todos os governos estabelecidos ou que se estabelecessem nos Estados portuguêses de ultramar e ilhas adjacentes". E criou um Conselho de militares e amigos

do palácio... Daí, o movimento de rebeldia dos goianenses, que passou à história como a chamada Revolução de Goiana.

"O povo de Goiana, narra João Alfredo, herdeiro dos heróis de Tejucupapo, formou o Govêrno Constitucional temporário de Pernambuco e porque Luis do Rego preparou-se para castigar os rebeldes, o exército de Goiana foi atacá-lo no Recife, obrigando-o a assinar a Convenção de Beberibe".

Segundo os historiados, antes do grito do Ipiranga, Goiana já havia de fato proclamado a nossa independência política.

Em 1824 ecoou em Goiana o brado liberal de Manoel de Carvalho Pais de Andrade, conhecido como Confederação do Equador. Vencidos os federalistas no Recife sob o comando de Lima e Silva, o destemido Frei Caneca fugiu para Goiana, onde havia morado no Convento do Carmo.

O motim de 1848, a conhecida Revolução Praieira, tão discutida hoje pelos historiadores, teve como chefe o Desembargador Joaquim Nunes Machado, filho ilustre de Goiana, onde ainda hoje residem seus descendentes, entre êles D. Elvira Nunes Machado. Fracassado o movimento e derrotados os rebeldes com a morte do seu chefe na Soledade (Recife) sacrificado na luta pelos seus ideais, foi Goiana tomada pelos governistas no dia 11 de fevereiro de 1849, sob o comando de Pedro Ivo. Houve combate, pois, os *praieiros* haviam se apoderado de 200 carabinas e 20.000 cartuchos do adversário. No Engenho Pau Amarelo, do liberal Manoel Paulino, houve também resistência.

Essa revolução fechou o ciclo de nossas lutas nativistas. Vieram então, os movimentos de libertação dos escravos e propaganda republicana, nos quais Goiana tomou parte ativa e importante. Bazilio Machado, humilde sapateiro, roubava escravos dos engenhos para entregá-los a José Pires Vergueiro, que os escondia em sua olaria. Em 1884, um ano depois da luta iniciada pela Confederação Abolicionista, os goianenses se reuniram em sessão memorável na sede da sociedade Terspsichore, sob a presidência de Irineu Machado, para solenemente declarar que na cidade de Goiana não existiam mais escravos.

De todos êsses movimentos, o que mais empolgou o povo goianense foi o republicano. Em Goiana tramava-se abertamente pela implantação do nôvo regime, com o maior entusiasmo e com o apoio da Maçonaria, da qual fazia parte as figuras mais destacadas da cidade. Tanto assim que o grande tribuno Silva Jardim, o inolvidável preparador da República, logo ao chegar no Recife, veio visitar Goiana, recebendo por parte do povo estrondosa manifestação. A campanha republicana era chefiada por Metodio Maranhão, Amaro Rabelo Filho, Antonio Gomes de Albuquerque, Pereira de Lira, José Lobo, Manoel Evaristo, Caetano Leobaldo, Angelo Jordão de Vasconcelos, Miguel Tavares da Rocha, Francisco Rafael, Manoel Aurelio Tavares de Gouveia e outros.

Foi, incontestàvelmente, o município de Goiana que mais lutou pelo advento da República, na praça pública e na imprensa. E ao ser proclamada a República, a cidade ficou em festa, havendo sessão solene na Câmara Municipal.

Goiana teve, assim, participação ostensiva e direta em todos os movimentos democráticos do Brasil, inclusive na Revolução de 1930, pegando em armas desde a expulsão dos holandeses, em defesa de nossa nacionalidade.

Goiana rivalizava-se com a capital. Depois do Recife era a cidade mais importante de Pernambuco, pelo seu desenvolvimento, progresso e, sobretudo, pelo seu nível cultural, com jornal diário, sociedades culturais e artísticas e duas bandas de música (Curica e Saboeira), hoje centenárias e cujos arquivos musicais eram os mesmos das grandes cidades da Europa, conforme constatou o notável musicista Curt Lange. As companhias teatrais que vinham ao Recife, faziam temporadas em Goiana. Pedro II, chegando ao Recife, veio logo visitar Goiana, o mesmo fazendo o tribuno Silva Jardim.

Em 1899 a cidade contava com o seu Monte Socorro, sociedade beneficente e de previdênca social, para auxiliar as famílias em caso de morte. O Hospital da Santa Casa de Misericórdia já funcionava em 1739. A Loja Maçônica foi fundada em 1874, possuindo a maior biblioteca do interior do Estado. Pedro II encontrou em Goiana bons professôres, sobretudo de latim.

Goiana era no fim do século passado um grande centro agrícola, comercial e industrial. Tinha 47 engenhos safrejando (no engenho Novo de S. Antonio, morava o general André Vidal de Negreiros), usina de açúcar e fábrica de tecidos. A cidade possui oito templos católicos, inclusive dois Conventos e um Cruzeiro imponente, todo de pedra lavrada, com várias inscrições e datado de 1717. Dizem ser no gênero, a mais notável obra de arquitetura sacra existente na América do Sul.

O comércio era enorme daquela época. Não existindo ainda estrada de ferro, todos os municípios vizinhos vinham se abastecer em Goiana, que tinha o privilégio de um pôrto fluvial, cujo ancoradouro vivia sempre cheio de barcaças de tôda parte, trazendo e levando mercadorias. Daí, o extraordinário movimento comercial da cidade, contando a Rua do Meio com 26 lojas de fazendas, comprando alguns comerciantes diretamente da Europa. Os armazéns, lojas e casas comerciais funcionavam até tarde para atender a freguezia que vinha de grande parte do interior de Pernambuco e Paraíba.

Com o correr do tempo, essa situação modificou-se. Surgiu a rêde ferroviária do nordeste cortando vários municípios e Estados e os caminhões facilitaram o transporte de mercadorias para tôda parte.

Goiana, porém, não vive hoje do seu passado, de suas glórias e tradições. A cidade tomou outro desenvolvimento, surgiram novas iniciativas, indústrias, etc. A praia de Pontas de Pedras, uma das mais belas do nordeste, é centro de turismo. A cidade, tôda calçada, moderniza-se, com o seu restaurante típico — *O Buraco da Gia* — internacionalmente conhecido pelos seus pratos regionais saborosos e inigualáveis e pelos caranguejos amestrados pelo seu proprietário, Sr. Luiz Morais de Oliveira.

COMO NASCEU GOIANA

Goiana jamais teve subordinação para emancipar-se. Sempre foi livre, sem peias, daí nasceu a rebeldia de seu povo. Há um velho ditado: "quem é bom já nasce feito".

Foi assim Goiana, que primitivamente não estava no território pernambucano, já que as terras onde ela se encontrava encravada, foram por Dom João III doadas a Pero Lopes, que nunca as levou em conta, no quinhão que tomou o nome de Capitania de Itamaracá.

Os malfeitores que Duarte Coelho expulsava de seus domínios encontravam lá refúgio e lugar para se esconder. Pero Lopes de Souza não segurou o pé na Ilha de Itamaracá, depois de se haver batido com os franceses, voltou para Portugal, mas naufragou e morreu em 1539, perto da Ilha de Madagascar. Já Duarte Coelho em Pernambuco teve mais sorte. Fez boa administração e anexou Goiana às suas terras, quando esta deixou a Capitania de Itamaracá por força da reversão à Coroa em 1743. Agora, Goiana pertencia de fato e por que não de Direito - às terras dos petiguares, tribo que daria mais tarde o nosso grande Felipe Camarão, que participou das famosas guerrilhas conhecidas pelo nome de Companhias de Emboscada na guerra contra os holandeses em Pernambuco. Antes de findo o primeiro século, Goiana já era freguesia, o que ao tempo, se revestia de grande importância.

E de freguesia para vila foi ascensão natural. É como vila quase da mesma idade do Recife. E como vila da Capitania de Itamaracá foi logo cabeça desta. "Como cabeça, isto é, capital, não tinha superiores hierárquicos. Assim, nasceu de ventre livre", como dizia o historiador Mário Melo no seu entusiasmo pela história de Goiana.

Jornal do Commercio, janeiro de 1991.

POVOAÇÃO DE GOIANA

Com a definitiva expulsão dos holandeses em 1654, começou com mais intensidade o povoamento de Goiana. Esta cidade de Goiana, que outrora se chamava São Pedro de Goiana, conforme indícios que ainda hoje existem e comprovam essa assertiva, como: os marcos "Portas de Roma" no centro da cidade, um lavabo na sacristia da atual Igreja Matriz, artisticamente esculpido com as insígnias papais, e ainda o próprio São Pedro como padroeiro da cidade com festas anuais no seu dia.

Goiana que nascera em 1568 em terras pertencentes à Capitania de Itamaracá, tornou-se Vila pelo seu progresso em 1685. E a freguesia de Tejucopapo, que hoje historicamente figura como a Olinda de Goiana pela bravura de seu povo no passado, representada pela "Epopéia das Heroínas" com o obelisco a lhe exaltar o feito, e a coragem de João de Souto Maior, foi uma das mais antigas, uma das primeiras do Norte, criada em 1555.

Quando da extinção da Capitania de Itamaracá, Goiana foi incorporada à de Pernambuco de Duarte Coelho, já era próspera e antes mesmo de se tornar Comarca em 1833, confinava ao Norte com o Ceará, ao Sul com o termo de Igaraçu e fenecia a Leste com o Atlântico.

O antigo porto fluvial de Goiana tem estreita ligação com a origem do nome de nossa cidade, conforme Teodoro Sampaio e estudo acurado feito pelo saudoso Antônio Raposo, desde que a mesma está situada em um vale, servindo de ancoradouro ou bacia de um rio. O outrora porto era profundo, largo e suficiente para ancoragem de navios costeiros de grande lotação e sumatras e brigues que subiam até bem perto da cidade. Tráfego esse impedido mais tarde pela obstrução do rio. Depois veio a idéia, levando a cabo da construção de um canal, aproveitando um braço do rio Capibaribe-Mirim, que passa rente à parte baixa da cidade, onde em 1924, o governador Sérgio Loreto inaugurou uma ponte com o seu nome e que ainda hoje existe, meio abandonada, com pouca serventia, já que a estrada de rodagem foi deslocada dali para fora da cidade.

Jornal do Commercio, janeiro de 1991.

O TOPÔNIMO "GOIANA"

Há várias interpretações a respeito do topônimo "GOIANA". O seu significado ainda suscita dúvidas. São divergentes as opiniões. No "Analecto Goianense" (1946), de Alvaro Guerra com seu pseudônimo Mário Santiago, encontramos o seguinte: "Antiga "GUEENA" como escreveu na sua História do Brasil, de 1627, Frei Vicente do Salvador, mas deve ser Guaiana - porto, ou ancoradouro do vale ou bacia (versão de Teodoro Sampaio)".

Mário Melo - baluarte da unidade territorial de Goiana, dá também as suas interpretações na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano: planta anileira, semelhante à que existe n'água; charco; flor-de-cana.

O assunto foi por ele muito debatido no Diario de Pernambuco nos anos 1928/29, chegando à conclusão de que aquele topônimo é menos tupi que guarani.

E Ângelo Jordão Filho - entusiasta da história de Goiana, firma-se na versão de Varnhagen (Visconde de Varnhagen - autor da História Geral do Brasil), de "gente estimada", aliás, a que mais se popularizou entre os goianenses. Já o saudoso historiador Antônio Raposo, depois de muitas publicações nos jornais do Recife, disse acatar como mais aceitável, a versão de Teodoro Sampaio que se refere a porto, ancoradouro do vale ou bacia, mais ligada à sua natural topografia. Goiana, dizia ele, "sempre foi porto, ou ancoradouro de rio desde longínqua época, ou seja, de seus primeiros tempos".

Quando ainda engatinhava na formação de sua história - a aldeiazinha de Capibaribe, em consequência de sua implantação à margem do rio Capibaribe-mirim, e que é hoje a vestuta cidade de GOIANA com as suas várzeas férteis. Antigamente, pequenas embarcações ancoravam em pontos escolhidos, de boa profundidade, à margem de nossos rios e a esses locais chamavam portos, assim tinha-se na época o Porto Holandês ou Toco, o Porto do Jacaré, o Porto do Tanquinho (hoje bairro da cidade), etc, inclusive a célebre

Pedra das Galeras - dos corsários estrangeiros, na foz do rio Goiana, detrás da qual carregavam caixas de açúcar-bruto de nossos engenhos a fim de abastecer o mercado europeu.

Por tudo isso a tese ou a interpretação dada por Teodoro Sampaio tem fundamento - a sua razão de ser do topônimo de nossa cidade: porto, ancoradouro do rio ou bacia, segundo a topografia das nossas terras.

A Província, outubro de 1993.

GOIANA NO COMEÇO DO SÉCULO...

O que era Goiana no começo deste século, contam os nossos avoengos, saudosos do passado: Goiana, situada em vasta planície, entre o difluir de dois rios - Tracunhaém e Capibaribe-Mirim, cercada ao tempo de três usinas de fabricar açúcar, com os seus canaviais circulantes; seu canal, ligando-a a um dos rios e este ao mar; Goiana, com a sua fábrica de tecidos fervilhante e progressista pelo braço por fim do Dr. Manoel Borba; com seus engenhos de açúcar, e estes com o seu comércio do produto em comboios de muares para os armazéns da cidade; com suas áreas nos pátios e praças para secamento de açúcar; com suas oito igrejas, na maioria das quais se realizavam com pompa, anualmente, grandes festas votivas, Orago, Conceição e Carmo, de cujo convento saía também a procissão de N.S. da Boa Morte; seus cruzeiros e convento das recolhidas na Soledade; suas bandas de música que faziam retretas aos domingos com grande afluência de pessoas, e quando em passeata, provocavam distúrbios entre apologistas, moleques entusiasmados com vivas à Curica morra à Saboeira e vice-versa, havendo cacete a valer, e, às vezes, saindo alguns feridos; seus pastoris dramáticos e de ponta de rua com o "Velho"a contar anedotas e fazer pilhérias com os espectadores, vendendo prendas em leilão com cantos e danças; suas festividades juninas com danças e fogueiras à porta e em filas pelas ruas da cidade; suas serenatas pelas ruas, alta noite, ao

plenilúnio, além de outras manifestações populares.

Tudo isso, com sentimentalismo, me contava o velho Antônio Raposo, num gesto saudoso de recordações, debruçado a uma das janelas de sua casa na Rua do Amparo desta cidade.

Jornal do Commercio, abril de 1991.

TOPOGRAFIA

A topografia de Goiana mostra que ela foi edificada numa depressão de terras, com velhos templos e ruas irregulares.

Sua situação geográfica assim delineada, entre matas e pequenos cursos d'água, isolava-a singularmente, no passado, da capital da província, de que distava, de resto, cerca de 15 léguas.

Mesmo assim com tantas dificuldades, um sobrado que já não existe, na Rua do Rio, ponto de compras e vendas de açúcar, foi em certo tempo, um teatro, onde trabalhavam para gáudio dos goianenses, Isolina Monclar, falecida anos depois no Rio, e Xisto Baía. Por aí se vê que Goiana sempre foi de teatro.

Aqui, naquela época tudo era difícil. Os goianenses viajavam e faziam os seus negócios por via fluvial e marítima, de navegação difícil e morosa, em barcos de vela. Por terra, jornadeavam em pequenas diligências, de aluguel, puxadas a dois ou três cavalos, através de matas e tabuleiros, com demoras e descansos pelo caminho.

Aboletavam-se em estalagens quase rústicas, onde lhes serviam ceias pantagruélicas, de peixe e ovos fritos, que eles devoravam pachorrentamente, em mangas de camisa, bebendo copos de vinho figueira e arrotando forte... Em seguida iam dormir em redes e camas de vento, comumente, cheias de percevejos... Dava gosto ouvir os goianenses nas prosas de botica ou de loja de barbeiro, falarem com fervor da história de seu torrão.

Ora, era a resistência das heroínas de Megaó, ora a marcha valorosa pela estrada do Tijuco... Não lhes diminuia os brilhos dos tropos, nem quando, nos serões de família, gesticulavam, de pé, com exaltação... E via-se-lhes o trajo caseiro, de camisa e ceroulas, de cadarços atados nos tornozelos.

Jornal do Commercio, agosto de 1991.

RIO GOIANA

Não foi o nosso rio que deu nome a nossa cidade. Foi antes a povoação nascente que lhe fez mudar o nome primitivo.

O rio Goiana apareceu no mapa de Maiollo em 1519, como rio das Pedras. Nele esteve o grande navegador Sebastião Caboto em 1526, fazendo aguada.

A fundação de Goiana é anterior a 1570. Quer dizer, antes de sua fundação o rio que lhe serve hoje por um canal tirado do meio da junção do Tracunhaém e Capibaribe-mirim (também chamado por rio das Capivaras), que lhe formam, tinha a primitiva denominação de rio das Pedras que com a aldeia e seu desenvolvimento posterior veio a tomar o nome deste importante núcleo de população, que mais tarde tão relevante papel veio a desempenhar na nossa história.

O Goiana limita a costa dos Estados de Pernambuco e Paraíba, e antigamente era muito bom de peixe e crustáceos. Hoje com a poluição de suas águas pelas caldas das usinas que ficam às margens de seus afluentes, inclusive a fábrica Ponza que, em boa hora, deixou de utilizar o bagaço da cana-de-açúcar, de onde tirava a celulose, porque o índice de poluição era alto.

O Rio Goiana, quase às abas da cidade de Goiana, depois de um curso sinuoso de 20 quilômetros vai despejar no Atlântico entre Ponta de Pedras (PE) e Ponta dos Coqueiros (PB).

Jornal do Commercio, outubro de 1991.

JUNTA DE GOIANA

Goiana já foi sede de Governo. Eleita em 29 de agosto de 1821 a chamada JUNTA DE GOIANA - primeiro governo constitucional da Província. E como tal, os goianenses partiram daqui de armas na mão, investindo contra o Recife para expulsar Luiz do Rego Barreto do poder.

Dizem os historiadores que essa arrancada gloriosa, também conhecida como Revolução de Goiana, implantou o regime democrático no país. A perseguição aos patriotas pernambucanos de 1817 aumentou ainda mais com prisões sem conta e numerosas deportações. Tornou-se insuportável a vida na Capitania de Pernambuco para os que não rezavam pela cartilha absolutista do governador Luiz do Rego.

Como violência gera violência, tramou-se contra a sua vida e, na noite de 21 de julho, o pernambucano João de Souto Maior - filho de Tejucopapo, desfechou-lhe um tiro de bacamarte, na ponte da Boa Vista, produzindo-lhe quinze ferimentos (escapou por um triz). A luta agora começou da periferia para o centro, já que o Recife tinha sido caipora nas revoluções que ali nasciam. Reunidos em Goiana, os patriotas, elegeram a 29 de agosto de 1821 a Junta do Governo Provisório, composta de elementos de grande prestígio, tendo como presidente o dr. Francisco de Paula Gomes dos Santos e como secretário Felipe Mena Calado da Fonseca. Organizadas as suas tropas - um verdadeiro exército de mais de 2.000 homens sob o comando de José Camelo Pessoa de Melo. Esse agrupamento de tropas, provenientes de diversas vilas e povoados com gente de Nazaré da Mata e redondezas, inclusive do arruado de Goianinha e de seus engenhos - hoje formando o progressista município do Condado, naquele tempo com a sua igrejinha de Nossa Senhora da Conceição, tocando repiques, perto da ribeira. Avançando de norte para sul, o exército de Goiana fez alto no engenho Paulista (atual cidade do Paulista), onde se substituíram alguns comandantes de corpos da própria vila de Goiana, posteriormente travando batalha em Olinda.

Em Beberibe, onde hoje há um monumento alusivo a esse glorioso feito dos goianenses, na Praça da Convenção, as tropas ali aquarteladas impuseram um ultimato a Luiz do Rego, resultando daí a CONVENÇÃO DE BEBERIBE.

Luiz do Rego com as suas tropas destroçadas, embarcou para Portugal, deixando assim Pernambuco independente antes do "INDEPENDÊNCIA OU MORTE", às margens do Ipiranga, graças ao patriotismo dos goianenses.

A Província, setembro de 1993.

A GUERRA EM GOIANA

Ao se comemorar o 50º ano da vitória das armas brasileiras no Monte Castelo, na Itália, mencionamos alguns nomes de goianenses que, convocados, participaram da Segunda Guerra Mundial. Dentre eles cabo José Graciliano (morto em batalha no Apeninos), Desjardins Tavares Campos, Jamesson Borges da Fonseca, Henrique Fenelon de Barros, Ilton Alves Ferreira, Mário Rodrigues (o rabiscador destas linhas), Edson Prestelo e Edgar Rodrigues Muniz.

Todos os anos uma representação de veteranos da FEB, desfila na Parada de 7 de Setembro com as célebres braçadeiras da Cobra Fumando e suas "boinas azuis". Sob o comando do marechal Mascarenhas de Morais, o Brasil conquistou as vitórias de Camoire, Monte Prano, Monte Castelo, Castelnuovo, Montese, entre outras, em oito meses de ação ao Norte da península itálica. Em território brasileiro, naquele tempo, foi criada a "Zona de Guerra", a fim de proteger as nossas costas de possíveis ataques de submarinos alemães.

Jornal do Commercio, abril de 1995.

COMPANHIA DE TRANSPORTES

GOIANA goza da primazia de ter sido a primeira cidade do Brasil a importar um automóvel da Europa. Isto aconteceu nos idos de 1901 com a criação da "Companhia de Transportes de Goiana", cujos fundadores foram o então advogado Manoel Antônio Pereira Borba, que mais tarde, em 1915, foi governador de Pernambuco, o inglês Edward Johnson, engenheiro da usina "João Alfredo" (Usina Goiana), implantada naquela época nas terras do engenho Novo, e o hábil mecânico Henrique Bernardes. Em conversa, certa ocasião, com o saudoso Francisco Caheté da Biblioteca (hoje Arquivo Público) do Estado, conhecedor profundo dos alfarrábios históricos ali existentes e

com base em documentos da alfândega, ele afirmava, com certo orgulho, que, na realidade, o primeiro automóvel introduzido no Brasil se destinou a GOIANA, graças ao espírito empreendedor de Manoel Borba. Em 1905, segundo o escritor Flávio Guerra, circularam pelas ruas do Recife: o "Renault" do Dr. Otávio de Freitas e o "Berliet" do coronel Manoel Seixas, dono da conceituada casa comercial "SEIXAS & IRMÃOS", onde meu pai, Manoel Rodrigues do Nascimento, comprava bacalhau da Noruega em barrica, para o seu armazém de estivas na vila de Goianinha, que hoje, com foros de cidade, tem o nome de Condado, de ruas limpas e arborizadas, com praças bem cuidadas e todas com os nomes daqueles que a fizeram no passado. A cidade que me serviu de berço sabe homenagear os seus vultos históricos. Cada logradouro tem o nome de um filho ilustre. Quando se trata de "automóvel de passageiros" do começo do século, queimando petróleo, expelindo fumaça, poluindo o ar e que buzinou e levantou poeira pela primeira vez em terras brasileiras, vale a pena recordar e transcrever o que disse, falando de cátedra, o mestre Aurélio Domingues (goianense pelo coração), na revista "Vamos Ler", editada, faz anos, no Rio de Janeiro, onde morava, mas sempre com pensamento voltado para as coisas de Goiana - terra de gratas recordações. Em saudosas reminiscências, assim se expressou o mestre: "Os veículos da 'Companhia de Transportes de Goiana' deviam ser carros automóveis". Foi importado da França dos fabricantes "Panhard e Lavasseur". Houve dificuldade e demora em retirá-lo da alfândega por ser uma mercadoria ainda não classificada. Foram pedidas informações das alfândegas do Rio de Janeiro e de Santos para saber se havia sido despachada, numa ou noutra mercadoria similar. As respostas foram negativas. O despacho do carro-automóvel foi, pois, demorado, quando devia ser facilitado. Pelos modos foi aquele o primeiro carro-automóvel importado no Brasil. Era um ônibus. Constituía um passo avançado sobre as antigas diligências. Servia às viagens entre Goiana e o Recife". O pioneirismo de Goiana nos anais da história do automobilismo do Brasil se robustece ainda mais com o artigo "Dos dias distantes, o presente" do saudoso jornalista Zilde Maranhão, publicado, em 1970, na revista do Museu do Açúcar, dedicado ao "IV Centenário do Povoamento de Goiana", ao se referir, como seu estilo gostoso e sentimental, a Henrique Bernardes, chamando-o de "o primeiro motorista do Brasil". Já o

historiador Otávio Pinto no seu livro "Velhas Histórias de Goiana" lembra o famoso "Hotel Papagaio" da Rua Direita (hoje Praça dos Eventos), ponto de partida do referido ônibus com destino ao Recife. Ao chegar a Olinda, na antiga estação do Varadouro, deixava alguns passageiros. E dali seguia direto para as ruas centrais do Recife pela estrada esburacada da Tacaruna. O carro do grande abolicionista José do Patrocínio, apesar de grande publicidade nos jornais cariocas da época, não mereceu a tão esperada láurea de pioneiro, pois chegou ao Brasil em 1903, ou seja, dois anos depois do ônibus de Goiana. A "Companhia de Transportes de Goiana" teve vida efêmera apenas cinco anos de atividades. E do seu carro, pintado de vermelho; as rodas, puxadas a corrente, e eram altas e revestidas de borracha maciça, não se sabe o seu destino. Mais uma relíquia que desapareceu do acervo histórico de Goiana. Certamente, foi vendido como ferro velho. Já lá se vão noventa e três anos! Coisa de 1901, quando Goiana se apresentava progressista, sem desmerecer o seu glorioso passado.

A Província, março de 1994.

TIPOGRAFIA

Já em 1706, ou talvez antes, o Recife teve a sua primeira tipografia para imprimir apenas "letras de câmbio e inofensivas orações religiosas", pois a liberdade de imprensa naquela época era cerceada por "Ordem Régia", vinda de Portugal. Mas mesmo assim, cabe ao Recife a primazia dos primeiros prelos no Brasil, ali instalados em pleno século XVIII. Aqui, em Goiana, tivemos também a nossa tipografia, em 1823, para imprimir folhetos, é o que nos conta o historiador Pereira da Costa no seu ensaio "Estabelecimento e Desenvolvimento da Imprensa em Pernambuco". Foi a Tipografia Particular do Gabinete Patriótico de Goiana, e que se destacou com a proclamação, datada de 10 de fevereiro de 1824, dirigida aos cachoeirenses. Mas, com o fracasso da Confederação do Equador, que

teve como líder Frei Joaquim do Amor Divino Caneca - o célebre Frei Caneca, os nossos anseios de liberdade foram frustrados, até que em 1868, veio a instalar-se outra tipografia em Goiana, já agora com mais decisão de luta pela liberdade.

O pesquisador Luiz do Nascimento nos ofereceu por ocasião das festas comemorativas ao IV Centenário do Povoamento de Goiana, o livro "História da Imprensa de Goiana", que é uma separata da "História da Imprensa de Pernambuco" - 1821/1954. O saudoso historiador e jornalista, ainda se refere em seu livro, à fundação do "Cenáculo Goianense", no começo deste século, e que era uma instituição destinada a reunir homens de letras municipais, conforme publicação feita na revista "O PALLIUM", em 1905, por Francisco Menelau Lins, congregando nomes exponenciais da cultura interiorana, como: o poeta Honório da Costa Monteiro (hoje nome de rua nesta cidade), João Gonçalves de Azevedo, Francisco Menelau Lins, José Nunes Lins da Silva, Joana da Costa Monteiro, Alberto Tavares da Cunha Melo, Manoel Correia Pessoa de Melo e o saudoso poeta goianense Raul Monteiro (membro da Academia Pernambucana de Letras) entre outros. "Goianenses houve, por sua vez, que se projetaram na imprensa maior, assestando baterias no Recife, a ressaltar Romualdo Alves de Oliveira e Inácio Bento de Loiola, liberais-nacionalistas exaltados, penas vibrantes no combate às instituições monárquicas e à predominância do elemento lusitano no país, particularmente em Pernambuco".

Sobre Honório Monteiro, o escritor Mário Linhares, no seu livro "Poetas Esquecidos", diz o seguinte: "Ao completar trinta anos de idade, Honório Monteiro resolveu exilar-se em Goiana, cujo clima os médicos haviam aconselhado ao restabelecimento da saúde de sua genitora. E na histórica cidade não se lhe arrefeceu, porém, o gosto pelas coisas do espírito: fundou publicações e grêmios literários. Dedicando-se ao magistério, teve como discípulo o ilustre escritor e poeta Adelmar Tavares e o dr. Francisco de Araújo Filho, anos depois seu colega no "Instituto Goianense", e o qual veio a tornar-se notável jurista, professor e homem de letras, falecido em Manaus (Amazonas), de cuja Universidade foi catedrático e diretor". Em Goiana Honório Monteiro publicou entre outros, dois belos sonetos: "Paisagens" e "Flores do Gelo", este último escrito quase aos sessenta anos de idade. É pena que na Rua de Honório Monteiro (antiga Travessa da Matriz), não exista

uma placa indicativa, assinalando a homenagem àquele Poeta que tanto amou GOIANA. Lembrança deste escriba, quando Vereador (1954-1959), caro leitor.

A Província, agosto de 1994.

USINA GOIANA

Logo após os primeiros séculos do descobrimento do Brasil, já o açúcar despontava como o principal produto de nossa incipiente economia. Era o começo do chamado "ciclo do açúcar", provocando daí as invasões holandesas com os olhos voltados para a posse de nossos engenhos. E foi o que aconteceu: perdemos todos para os invasores batavos.

Com o aparecimento da nobreza rural dos "senhores de engenho", mantendo os negros escravos no eito dos canaviais para empurrar o progresso do País, formou-se uma classe privilegiada que muito influenciou nos destinos econômicos e políticos de cada região e tal influência perdurou através dos séculos. Depois da expulsão dos holandeses, a maior parte dos nossos engenhos ficou nas mãos dos chefes da Restauração Pernambucana. Exemplo disso é a posse do engenho Novo, bem pertinho de Goiana, por Vidal de Negreiros, em cujo testamento pedia para ser enterrado na capelinha ali existente.

Em 1888, foi fundada nesse engenho a Usina Goiana, que também era conhecida por Cia. Usina João Alfredo e que moeu pela primeira vez na safra 1889/90. E pela sua organização, em 1911, foi distinguida com o Grande Prêmio na Exposição Internacional de Turim, na Itália. Goiana estava de parabéns, pois ali, em 1903, foi plantada a semente do primeiro Sindicato Agrícola do município de Goiana pelo engenheiro Luiz Correia de Brito.

Com a criação desse Sindicato, estabeleceu-se o paradoxo histórico social: a precedência do sindicalismo rural em terras brasileiras. Goiana sempre gozou dessas primazias. Foi assim na abolição da escravatura,

no primeiro automóvel etc. O dr. Luiz de Brito foi também prefeito de Goiana, deixando até bem pouco tempo marcos de sua grande administração. Construiu o mercado público, que foi demolido para dar lugar à Cibrazem do Governo federal, e a Escola Agrícola de Goiana - um bem público que se transformou num loteamento privado.

A Usina Goiana foi um marco de nossa história com a presença também em sua Direção do engenheiro Carlos Alberto de Menezes, de espírito vicentino procurou ajudar através de uma grande obra de ação social cristã os trabalhos rurais mal extinta a escravidão em nosso país.

Diario de Pernambuco, janeiro de 1991.

MOVIMENTO ABOLICIONISTA

Li a plaqueta "Escravos, Abolição, Goiana" do conselheiro Antônio Corrêa de Oliveira, do Tribunal de Contas do Estado, editada em 1978, quando ele ainda representava o povo na Assembléia Legislativa.

A apresentação ficou por conta do mestre Orlando Parahym, que teceu, com justiça, conceitos elogiosos ao autor e, ao mesmo tempo, exaltou a história de Goiana.

Aqui, a exemplo do que aconteceu no resto do Brasil, os padres não participaram da campanha abolicionista, apesar das recomendações favoráveis de Leão XIII. Coube, então, à Maçonaria, através de seu slogan "Fraternidade e Progresso", desfraldar a bandeira da libertação dos escravos com o apoio do povo. Foi uma campanha eminentemente popular e que deu a Goiana a primazia de ser a primeira cidade de Pernambuco a libertar os seus escravos, antes da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888.

O conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, figura importante do Império, nos estimulou nessa caminhada abolicionista, pelo seu exemplo de homem com raízes históricas na lavoura canavieira de Pernambuco, mas, que nos bastidores palacianos, ajudou a princesa

Isabel nas suas resoluções pela libertação dos escravos. Isso aconteceu na Lei do Ventre Livre e também na Lei Áurea.

Por razões familiares da época, João Alfredo nasceu na casa-grande do engenho São João, em Itamaracá, onde moravam os seus avós maternos. E só foi para isso, pois logo voltou nos braços de sua mãe para Goiana onde cresceu e se tornou rapaz, ouvindo o canto melodioso do curió do Tanquinho, o que lhe valeu mais tarde apelido na Corte. O seu prestígio junto ao Trono foi tanto que Dom Pedro II chamava-o de "o homem da minha maior confiança", com reflexos políticos em Pernambuco.

Em Goiana, com o direito de morgadio nas antigas terras do engenho Mariúna, que se estendiam até o centro da cidade, o conselheiro João Alfredo mantinha estreitas relações de amizade, especialmente com o irmão, Belarmino Corrêa de Oliveira, que apesar de seus sentimentos monárquicos, teve o seu nome indicado pela República para exercer o cargo de prefeito de Goiana.

O jornal "O Mercantil" que circulou aqui em 1871, traz interessantes notícias sobre o comportamento dos escravos em Goiana, inclusive se refere a uma brincadeira, chamada a "dança dos Congos" que se exibia sempre nas festas de São Benedito, ora em frente à igreja do Rosário dos Pretos, sem o consentimento do vigário capitular; ora nos arredores na Estrada de Cima, onde a encenação do "santo brinquedo" se fazia acompanhar por música de assovio e palmas de tacão. Era uma espécie de auto do qual participavam alegres escravos, que em tablado enfeitado entre cantos e danças, coroavam um rei do Congo. Essa representação de origem africana, realizada com a presença do povo nas ruas de Goiana, quase sempre terminavam em briga, arruaça com intervenção da polícia.

Diario de Pernambuco, agosto de 1987.

no primeiro automóvel etc. O dr. Luiz de Brito foi também prefeito de Goiana, deixando até bem pouco tempo marcos de sua grande administração. Construiu o mercado público, que foi demolido para dar lugar à Cibrazem do Governo federal, e a Escola Agrícola de Goiana - um bem público que se transformou num loteamento privado.

A Usina Goiana foi um marco de nossa história com a presença também em sua Direção do engenheiro Carlos Alberto de Menezes, de espírito vicentino procurou ajudar através de uma grande obra de ação social cristã os trabalhos rurais mal extinta a escravidão em nosso país.

Diario de Pernambuco, janeiro de 1991.

MOVIMENTO ABOLICIONISTA

Li a plaqueta "Escravos, Abolição, Goiana" do conselheiro Antônio Corrêa de Oliveira, do Tribunal de Contas do Estado, editada em 1978, quando ele ainda representava o povo na Assembléia Legislativa.

A apresentação ficou por conta do mestre Orlando Parahym, que teceu, com justiça, conceitos elogiosos ao autor e, ao mesmo tempo, exaltou a história de Goiana.

Aqui, a exemplo do que aconteceu no resto do Brasil, os padres não participaram da campanha abolicionista, apesar das recomendações favoráveis de Leão XIII. Coube, então, à Maçonaria, através de seu slogan "Fraternidade e Progresso", desfraldar a bandeira da libertação dos escravos com o apoio do povo. Foi uma campanha eminentemente popular e que deu a Goiana a primazia de ser a primeira cidade de Pernambuco a libertar os seus escravos, antes da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888.

O conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, figura importante do Império, nos estimulou nessa caminhada abolicionista, pelo seu exemplo de homem com raízes históricas na lavoura canavieira de Pernambuco, mas, que nos bastidores palacianos, ajudou a princesa

Isabel nas suas resoluções pela libertação dos escravos. Isso aconteceu na Lei do Ventre Livre e também na Lei Áurea.

Por razões familiares da época, João Alfredo nasceu na casa-grande do engenho São João, em Itamaracá, onde moravam os seus avós maternos. E só foi para isso, pois logo voltou nos braços de sua mãe para Goiana onde cresceu e se tornou rapaz, ouvindo o canto melodioso do curió do Tanquinho, o que lhe valeu mais tarde apelido na Corte. O seu prestígio junto ao Trono foi tanto que Dom Pedro II chamava-o de "o homem da minha maior confiança", com reflexos políticos em Pernambuco.

Em Goiana, com o direito de morgadio nas antigas terras do engenho Mariúna, que se estendiam até o centro da cidade, o conselheiro João Alfredo mantinha estreitas relações de amizade, especialmente com o irmão, Belarmino Corrêa de Oliveira, que apesar de seus sentimentos monárquicos, teve o seu nome indicado pela República para exercer o cargo de prefeito de Goiana.

O jornal "O Mercantil" que circulou aqui em 1871, traz interessantes notícias sobre o comportamento dos escravos em Goiana, inclusive se refere a uma brincadeira, chamada a "dança dos Congos" que se exibia sempre nas festas de São Benedito, ora em frente à igreja do Rosário dos Pretos, sem o consentimento do vigário capitular; ora nos arredores, na Estrada de Cima, onde a encenação do "santo brinquedo" se fazia acompanhar por música de assovio e palmas de tacão. Era uma espécie de auto do qual participavam alegres escravos, que em tablado enfeitado, entre cantos e danças, coroavam um rei do Congo. Essa representação de origem africana, realizada com a presença do povo nas ruas de Goiana, quase sempre terminavam em briga, arruaça com intervenção da polícia.

Diario de Pernambuco, agosto de 1987.

GENTE DA ABOLIÇÃO

Basílio Machado - um humilde sapateiro, tornou-se célebre pelo papel que desempenhou na história da abolição em nossa terra. Com muita coragem e ousadia, levado pelo fanatismo à causa redentora, ele se decidiu pela prática de roubar escravos nos engenhos da redondeza, e o fazia arriscando a própria vida. Disfarçado ora de camponês, ora de "mascate" a vender bugingangas, ele se dirigia aos engenhos, onde no eito ou na senzala, seduzia o escravo para fuga como o primeiro passo dado para a liberdade.

O Goianense, jornal que circulou nesta cidade na década de 30, publicou, do jornalista Quintino de Araújo, o seguinte: "Basílio Machado narrava sempre a empresa mais arrojada em que se meteu e que foi o rapto da escrava Estrela. Esta era uma mulata nova, uma peça de mimo, bastante atraente e pela qual o seu senhor, o velho coronel, sentia formidável paixão. Estrela esteve sempre esquiva às tentações do agricultor".

"Um dia deu por ali Basílio, desta vez disfarçado em bilheteiro, declarou-se ferrenho escravocrata, conseguiu a confiança do proprietário e demorou-se no engenho tempo bastante para convencer Estrela, que ela deveria brilhar em outros firmamentos".

"E numa manhã antes do café, recebeu o coronel a notícia de que o bilheteiro se ausentara, levando em sua companhia Estrela e outros escravos. Furioso pelo duplo choque do desaparecimento da escrava preferida e da traição do cautelista, pôs-se ele em campo para a terrível vingança. Veio à cidade, recorreu às autoridades, correu hotéis, esteve na olaria de José Pires, ponto onde se abrigavam os negros foragidos, procurando o raptor em toda parte e afinal, desiludido, deixou à família de Basílio um recado que importava numa sentença de morte".

Basílio andou amoitado uns dias, mas a ânsia de novas aventuras fazia-lhe a alma estalar e impávido, continuou, até que a escravidão foi extinta, na sua humanitária missão de "cupim".

É pena que na década de 70, a Prefeitura tenha desativado em São

Lourenço de Tejucopapo - berço do grande abolicionista -, a escola que tinha o seu nome, num gesto de desprezo à sua memória, e hoje destinada a um posto telefônico em convênio com a Telpe, sem jamais ser restaurada, nem mesmo agora, quando se festeja em todo o Brasil o centenário da Lei Áurea.

Também é de lamentar o desaparecimento do retrato de Basílio Machado, do salão da referida escola, pintado a óleo pelo desenhista L. Randale, e que lhe foi oferecido por D. Leonor Porto. Esse retrato teve a sua aposição com festa por ocasião da inauguração da escola, em outubro de 1938, na administração do operoso prefeito Otávio Pinto.

Basílio Machado participou também de muitas reuniões no Recife com José Mariano e Joaquim Nabuco, traçando planos para o movimento abolicionista em Pernambuco. E já depois da Lei Áurea, recebeu pelos seus serviços prestados à causa da Abolição em Goiana, uma medalha de ouro que lhe fora outorgada pelo Clube do Cupim do Recife, e que ostentava no peito nos dias de festas, especialmente nas comemorações do dia 13 de Maio, com missa na igreja do Rosário dos Pretos e passeata pelas ruas desta cidade, puxada pela Banda Musical Curica.

A memória de Basílio Machado deve ser resgatada. Uma simples travessa com o seu nome não basta para homenagear aquele que muito fez pela libertação dos escravos em Goiana.

Diario de Pernambuco, maio de 1988.

ESCRAVOS

Com muita ousadia às vezes, a enfrentar a morte, Basílio Machado, humilde sapateiro de Goiana, partiu com idealismo para a prática de roubar escravos nas propriedades rurais, e engenhos de nossas redondezas.

Goiana de velhos templos, de ruas irregulares e nomes poéticos: Lindo Amor, Laranjeiras, Giló, Viração, Limoeiro, Quintas, Tanquinho, muito orgulhosa de seu passado, forjada na têmpera de seus heróis,

engajou-se, para maior brilho de seu nome, ao movimento, cujo sentido maior era "redimir do opróbrio do cativeiro uma raça forte e brava".

E começou então a ser refúgio dos negros fugidos dos engenhos-de-açúcar para daqui serem recambiados em barcaças, ancoradas em nosso já histórico canal, com destino ao Ceará livre. Era peripécia das mais audaciosas, ir a um engenho e de lá pelo convencimento, retirar um escravo do eito, enfrentando toda sorte de perseguições dos feitores e dos "cabras"dos senhores. Abrir as porteiras dos engenhos, ora travestido de camponês à procura de emprego; ora a passar "jogo de bicho"; ora como mascate a vender "bugigangas'.

Basílio se sentia bem com a arriscada proeza (ele pertencia ao Clube do Cupim), estabelecendo contato com o escravo, na senzala, no próprio eito, defendendo-o no seu ninho de padecimento, com a sua palavra persuasiva e que deu certo.

Mas certa feita o "caldo se entornou", com os "cabras" armados de carabinas a percorrer as ruas da cidade atrás de Basílio Machado. Mas, ele sobreviveu, escondido que estava com a negra escrava "Estrela", que dizia ele devia brilhar em outro firmamento, livre das peias da escravidão.

Jornal do Commercio, maio de 1991.

DANÇA DOS CONGOS

Antigamente, cada igreja de Goiana, tinha a sua confraria ou irmandade. A de São Benedito, ereta na igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, usava hábito talar, capa e capuz de lã cor de cinza. A reunião se realizava no consistório dessa mesma igreja como aconteceu com a posse dos "Reis do Congo", em 1838. A festa de São Benedito, uma das mais populares daqui, sempre mereceu destaque com o "brinquedo dos congos".

Muitas famílias católicas não gostavam do tal brinquedo. O vigário capitular não tomava nenhuma providência. A Polícia, por sua vez, "fechava os olhos". Daí os aplausos à dança dos congos. Certa vez numa festa de São Benedito puseram em cena, em frente à igreja o

"inocente brinquedo". Boa parte do povo ali presente não gostou. Reagiu aos gritos e pedradas, dissolvendo o "teatro" dos escravos. Os dez escravos que estavam bailando no tablado, retiraram-se correndo para as casas de seus senhores.

Mesmo assim com a reprovação dos católicos o brinquedo continuou nas pontas de rua com a presença da Polícia. Constava de uma representação dramática brasileira na época da escravidão, de origem africana, em homenagem aos Reis do Congo, com sede em Cabinda, em Angola. Na Estrada de Cima os alegres atores eram aplaudidos, havendo música de assovio com "palmas de tacão".

Jornal do Commercio, junho de 1992.

QUILOMBO DE GOIANA

O historiador Pereira da Costa, no seu Anais Pernambucanos, volume IX, edição de 1945, fala da existência de um quilombo em Goiana, constituído de escravos fugidos dos engenhos da redondeza e mesmo de outros lugares, num foco atuante de resistência contra a escravidão. Era o protesto dos negros escravos nas suas lutas pela abolição.

Fugindo do cativeiro, que lhes era imposto na época, formaram no mato, ao abrigo das perseguições e torturas, na ilha de Catucá, uma das ilhotas do Rio Goiana, o seu quilombo com mocambos cobertos de palhas de coqueiro ou capim, longe do relho do feitor e dispostos a lutar com "unhas e dentes", pela liberdade.

Mas, diante das queixas e reclamações dos senhores de engenho, e donos de escravos de Goiana, o governo da Província, isto no tempo da Regência, resolveu adotar providências, no sentido de desalojar de vez os negros da ilha de Catucá, destruindo assim o quilombo existente, há vários anos. E a exemplo dos Palmares, o quilombo de Goiana foi extinto com os negros morrendo aos montões, seguindo cada um a sorte dos mais afoitos e constantes na luta.

E o imortal Castro Alves - poeta dos ideais de liberdade e

emancipação, esteve sempre a louvar os feitos dos negros amotinados nos seus quilombos espalhados pelo nordeste, quando dizia: "Salve! Região dos valentes / Onde os ecos estridentes / Mandam aos plainos trementes / Os gritos do caçador! / E ao longe dos latidos soam / E as trompas da caça atroam... / Sobre o campo abrasador!... " - Os negros eram caçados como bichos nas terras do Brasil!

Em nossos dias quando se fala em Quilombo vem logo em mente o dos Palmares, na verdade, o mais importante dos agrupamentos de negros que fugiam do cativeiro no século XVII. Ele era constituído por alguns arraiais no atual Estado das Alagoas com aproximadamente 20.000 negros.

O governo da época, enviou várias expedições para destruí-lo, cabendo a Domingos Jorge Velho exterminá-lo, em 1695, após um combate sangrento no qual os negros chefiados por Zumbi, lutaram até a morte sem se renderem. O Quilombo dos Palmares teve uma duração de quase um século.

Historicamente é sabido que, os líderes dos Quilombos geralmente eram escravos oriundos da alta Guiné. Os mercadores pediam por eles um preço bastante alto. Eram negros de grande "robustez e inteligência superiores". É o que diz Boxer no livro Salvador de Sá e a Luta pelo Brasil e Angola. Os escravos da Guiné muitos dos quais maometanos, foram os grandes responsáveis pelas rebeliões nos séculos XVIII e XVII.

O professor Alcides Rodrigues de Sena, estudando a vida do negro escravo em Goiana, assim descreveu o Quilombo, encravado na ilha de Catucá, num artigo publicado no Jornal Pequeno, do Recife, em 1951: "Goiana não seria bem Goiana, se também não tivesse o seu quilombo. Quilombo de negros fugidos. Afoitos. Corajosos. Fugindo da senzala. Do tronco. Do eito. Doido pelo mato a dentro. Matando branco. Roubando branco, numa ânsia incontida e incompreendida de liberdade e de vingança".

Goiana ficou completamente cercada. Em Japomim na Barra de Goiana, em Tejucopapo, em Megaó, Bú, Itapirema até em Coqueiros e Bujari, não se dava um passo que os negros não aparecessem. Armados. Afoitos. Em grupos de homens e mulheres, perigosamente, saqueando e matando."

"No mato, ninguém podia viver mais. Os senhores de engenho e

propriedade começaram a deixar o campo. Vinham para a vila, deixando as suas terras e lavouras entregues a feitores arrojados."

"Goiana era a Meca dos boatos. No trapiche, no Beco do Machado, na calçada da Misericórdia, no sobrado da Rua do Amparo, em todos os lugares e conversas, o boato entrava como um "bicho-papão" assustando, alarmando, engordando imaginações vazias, roubando sono e criando temores".

A voz do povo era unânime. Havia necessidade de uma providência imediata e urgente. Ninguém agüentava mais os prejuízos e o medo. E o que havia necessidade agora, era de um comandante escolhido a dedo e experiente. Muitos soldados e boa tática.

E o presidente da Província atendeu. Em portaria do dia 30 de junho de 1829, nomeava o tenente coronel Francisco José Martins, como comandante supremo da expedição que deveria expulsar e aniquilar "os catucás" de Goiana. Isto no dia 30 de junho. No dia 2 de julho, chegava o tenente coronel a Goiana. Chegava enraivecido e malcriado. Pois, os negros de Catucá não quiseram pegá-lo! E não o pegaram por causa do Senhor de engenho de Itapirema.

E a partir daí, em lutas sucessivas, a sorte do quilombo, que se espraiava pelas ilhas de "Catucá", "Antas" e "Bamba", cercado de mangues, muitas matas, febre e sezão, foi consumada pela ação da "tropa de linha", com a sua destruição total, quando na escuridão da noite os negros cantavam, ao bater dos tambores, as suas mágoas, num canto dolente, que lembrava o banzo, cheio de nostalgia das terras africanas.

No assédio e destruição da "Tróia negra" goianense, portaram-se os negros escravos com desesperada bravura na defesa de sua liberdade.

Mas essa luta dos negros, teve o seu desfecho luminoso, com flores, música e ovações, no dia 13 de maio de 1888, com a abolição da escravatura no Brasil, sem derramamento de sangue.

Com este artigo, GOIANA participa das comemorações e homenagem prestadas à memória de ZUMBI, hoje considerado herói nacional.

A Província, janeiro de 1996.

ABOLIÇÃO EM GOIANA

Como na Independência do Brasil, a Maçonaria, aqui representada pela Loja Fraternidade e Progresso fundada em 1874, e com o "poder de fogo" que lhe era característico pela sua tradição de sentimentos liberais, partiu com desassombo para a luta em defesa dos princípios abolicionistas. E com o entusiasmo de seus membros, desfraldou a bandeira do ideal da abolição, com concentrações, passeatas e discursos inflamados pelas ruas desta Cidade. Inspiram-se ao coro dessas vozes de rebeldia e altivez, os artífices e comerciantes da terra, empunhando todos o facho da liberdade. Isso aconteceu com a declaração do movimento abolicionista em terras goianenses, antes mesmo da libertação compulsória dos sexagenários, em 1885 (Lei Saraiva-Cotegipe). É pena que os padres naquela oportunidade, não tivessem procedido do mesmo modo, convocando as irmandades religiosas, enfim o povo para um congraçamento geral em torno da campanha abolicionista aqui desencadeada, deixando assim um marco de seu esforço e idealismo pela causa redentora. Mas a Igreja se encolheu, com os padres na sacristia a cuidar de suas obrigações religiosas, apesar das recomendações favoráveis do Papa Leão XIII, quando consultado sobre o movimento pela abolição no Brasil, por Joaquim Nabuco - mensageiro da idéia abolicionista. E assim, sem a ajuda e cooperação dos padres aqui radicados, vigários de nossas igrejas, os maçons com bravura e coragem, deram início ao movimento de redenção da raça negra em Goiana, isto em 1885. Então, foram fundados nesta Cidade com influência de Ireneu Macedo, Manuel Aurélio, Peixoto Júnior e outros, o Clube Abolicionista, mais ligado à elite para conferências, e o Clube do Cupim, este de cunho popular e de maior penetração nas camadas mais sofridas de nosso povo, com o apoio dos que sentiam a dor do escravo como se fora a própria dor, e ainda mais como parte de uma dor maior - a do Brasil, ultrajado e humilhado. Foi debaixo desse alvoroço de exaltação cívica pela emancipação dos escravos, na Rua Direita, em frente ao edifício azulejado da Loja Maçônica Fraternidade

e Progresso, ainda hoje existente, que surgiu a figura intimorata de Basílio Machado - idealista convicto e disposto a dar a sua vida em holocausto aos anseios de liberdade dos negros aqui escravizados. Com Basílio Machado integrado à luta, na difícil missão de roubar escravos para a liberdade, ouviu-se melhor a partir daí e com mais freqüência o gemer dos negros na convivência da bagaceira dos nossos engenhos-de-açúcar sob a canga de suplícios. Eles que viviam concentrados na senzala, onde dormiam em redes e camas-de-vento, velhos ninhos de ferozes percevejos, onde o sono era inquieto em forma de pesadelo. E mesmo depois do 13 de Maio de 1888, Basílio Machado, como membro da confraria de São Benedito, da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos - hoje desprezada, quase em ruínas, foi o promotor, durante o resto de sua vida, das festas em comemoração à Lei Áurea, todos os anos com procissão, banda de música e fogos pelas ruas de Goiana. E hoje, já decorrido tanto tempo, podemos proclamar com orgulho que foi Goiana a primeira cidade de Pernambuco a libertar os seus escravos antes da Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel - conhecida como a Redentora.

A Província, junho de 1993.

MÚSICAS DE ESCRAVOS

Goiana desde tempos imemoriais sempre foi pródiga em bandas de música.

O seu povo sempre tendente à música, registram os anais. Não apenas restrita à sede (seu primeiro distrito), essa vocação se expandia pelos outros distritos, numa verdadeira coqueluche.

No começo do século passado (século XIX), entre os escravos dos engenhos-de-açucar, notadamente o engenho Miranda, hoje pertencente à família Corrêa de Oliveira, era comum a presença de tocadores de charamelas, gaitas de fole e outros instrumentos de sopro, formadores de conjuntos musicais rústicos nos adros das capelas.

Jornal do Commercio, janeiro de 1994.

A PATRIOTADA

Faz 115 anos da "Patriotada", em Goiana. E sobre os graves incidentes anti-portugueses aqui verificados, o jornalista Aníbal Fernandes, quando vivo e diretor do Diario de Pernambuco, assim se expressou: "O que aconteceu em Goiana foi espantoso, aliás, Goiana sempre se destacou pelo ardor nativista, desde o tempo de Luiz do Rego Barreto, a quem acabou depondo".

Naquela época, Goiana estava se transformando numa cidade lusitana. Até nome de rua, ainda hoje, guarda resquício disso, como é o caso do Beco do Pavão, que lhe foi dado porque ali tinha negócio um português assim chamado.

Aqui, no século passado, se estabeleceu uma sólida e bem conceituada colônia portuguesa e para cá os lusos vinham com endereço certo. As mercadorias também eram importadas diretamente de Portugal para os armazéns de secos e molhados da Rua do Meio. E os portugueses se consideravam senhores do comércio varejista de Goiana, procurando com isso nos asfixiar, pois não admitiam que patrícios nossos servissem como auxiliares em seus estabelecimentos comerciais, restando aos filhos da terra a alternativa de emprego público ou a lavoura, transformando-se, no caso, num agrícola, arando o solo para viver.

O escritor Paulo Cavaltanti, que em 1946, exerceu o cargo de Promotor Público em Goiana e que participava dos eventos culturais da terra, narra com minúcias em seu livro "Eça de Queiroz, Agitador do Brasil", as agitações ocorridas nesta cidade em conseqüência das afiadas "Farpas" do consagrado escritor português, assestadas contra Dom Pedro II. O lançamento do referido livro, verificou-se também aqui, na Praça do Carmo, em 1960, se não me engano, ocasião em que o seu autor deveria ter sido homenageado, com palmas e flores, pela obra de alto fôlego que escreveu.

Eça, um dos diretores da revista "As Farpas", aproveitou a presença de D. Pedro na Europa para satirizá-lo com críticas de sabor picante, sem, contudo, comprometer com aquelas zombarias a amizade que

cultivava com figuras notáveis do Brasil, entre elas, Eduardo Prado, Olavo Bilac e Rio Branco.

Os gracejos de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão à pessoa do Imperador foram apenas um pretexto para o conflito entre goianenses e portugueses nas ruas desta cidade. A malquerença entre ambos vinha de longe, e o comércio a varejo, levou-os às turras.

Já em 1848, o deputado Nunes Machado, na Assembléia Geral, batalhava pela nacionalização do comércio a retalho, acompanhado na Imprensa pelo goianense Inácio Bento de Loiola, ardoroso jacobino na sua pregação contra a petulância do português, no Império.

A 30 de julho de 1872, num desagravo dos goianenses às "Farpas", realizou-se um banquete, que terminou em passeata, puxada à banda de música e todos conduzindo nas mãos, com gestos vibrantes, uma sempre-viva, uma perpétua e uma folha de cróton, chamado independência por ter as cores nacionais. No momento em que a mesma passava pela Rua Direita, grupos de portugueses, postados nas calçadas, imprudentemente, cantavam uma paródia injuriosa ao hino nacional e canções ofensivas à mulher brasileira. Nessa ocasião nada foi feito contra os deboches, que foram recebidos pelos goianenses como uma grave ofensa ao seu pundonor. Mas, cessada a passeata, congregaram-se secretamente para punirem os que exorbitavam da hospitalidade que generosamente lhes era concedida.

No dia seguinte, com os ânimos exaltados pelo desacato da véspera, a pancadaria começou logo cedo com os goianenses nas ruas, armados de quiri e cipó-pau, obrigando o comércio a cerrar as suas portas. E a partir daí a cidade foi teatro de cenas dolorosas por vários dias.

Otávio Pinto, no seu livro "Velhas Histórias de Goiana", descreve episódios dantescos. "Para iniciar, espancaram logo José de Oliveira e, defronte do próprio quartel, teve igual sorte Belmiro José Gonçalves, amigo e compadre do Barão de Goiana. A casa de José Ramos foi depredada e Joaquim Pequeno, dono de um salão de bilhares, apanhou barbaramente, sendo conduzido para farmácia, a fim de ser medicado. Não respeitaram a residência do agente consular de Portugal, cujas vidraças foram quebradas e as portas forçadas, enquanto um italiano, que estava ali perto e nada tinha a ver com o incidente, foi impiedosamente surrado. No Largo do Canal pegaram o mestre da draga e meteram-lhe o cacete com vontade. Se ele não tivesse tomado

uma barca e fugido, teria morrido".

E Paulo Cavalcanti no seu livro diz o seguinte: "Foram agredidos ainda os portugueses Antônio Pedro de Melo e Agostinho Lourenço da Silva Porto, caixeiro da casa comercial de Eustáquio Júnior & Cia."

Com as turbulências nesse pé, o Barão de Goiana rumou ao Engenho Novo, que ficava perto da cidade, a fim de, arregimentando os seus trabalhadores do campo, tentar restabelecer a ordem, garantindo a vida e a propriedade dos portugueses, uma vez que a polícia local se achava impotente para fazê-lo. Toda a cidade jazia entregue à violência e à insegurança. Mata marinheiro! Era o grito que se ouvia pelas ruas.

E o "mata-mata marinheiro" generalizou-se. Era o caos, com os portugueses, escondendo-se nas igrejas e conventos; buscando refúgio até nos canaviais da redondeza. Foi terrível, Goiana viveu dias de grande agitação. E ser luso naquele momento era ter a pele exposta a sovas de quiri.

A polícia não deu plenas garantias aos perseguidos pela fúria dos goianenses, então os lusos abandonaram as suas casas comerciais para depois se fixarem com suas famílias uns na Paraíba, outros no Recife. Apenas, poucos se deixaram ficar entre nós porque eram benquistos pelos "patriotas", entre eles: José Mendes, proprietário de barcaças, Antônio Bastos Pinto e Joaquim Mendes Ribeiro, também conhecido por "Quincas Marinheiro", sogro de José Pinto de Abreu, ex-prefeito de Goiana. E assim, tristemente, desapareceu a colônia portuguesa de Goiana.

Quando os soldados do 2º Batalhão de Infantaria desembarcaram no porto fluvial de Japomim, e de lá vieram em marcha acelerada para estabelecer a ordem, esta já havia sido alcançada pelos "moradores" do Barão de Goiana, que se encontravam aqui na missão de guarnecer as ruas com os coices de suas carabinas, se para tanto fosse necessário.

Contra os autores da reação que tomou o nome de "Patriotada", foi instaurado processo criminal dentro do rigor da lei, com denúncia feita pelo Promotor Público Honório Fiel de Sigmaringa Vaz Curado, sendo patrono dos portugueses o dr. Joaquim Tavares Barreto, notável advogado. O Juiz de Direito, naquele tempo, era o dr. Francisco Teixeira de Sá, que se considerou desafiado pelo desaparecimento do processo, guardado no cartório do Júri. Mais tarde, o mesmo Juiz, julgando-se desmoralizado pela brincadeira do "tigre", cheio de excremento, armado

na porta de sua casa, na Rua Direita, foi embora para outra comarca, verberando contra Goiana e a sua gente.

Vários goianenses foram presos e processados, entre eles, o jovem Joaquim Carneiro Mesquita de Melo, que mais tarde se tornou avô das abnegadas professoras Alba Barreto e Eunice Raposo.

Entretanto, quer pelo corajoso manifesto em favor dos "patriotas", com quase trezentas assinaturas, encabeçado pelo dr. Luduvico Correia de Oliveira - médico ilustre desta terra; quer pela fuga deles mesmos em cavalos disparados mata a dentro, perto de Cajueiro (antigo povoado), quando eram levados, escoltados para o Recife, tudo terminou no foguetório das comemorações realizadas no dia 1º de agosto de cada ano para lembrar as tropelias dos dias tenebrosos da "Patriotada".

Depois veio a República e com ela o esquecimento. Mas Goiana continuou a viver na memória dos pósteros como um bastião de glórias, já pela bravura, já pelo heroísmo de seus filhos. E assim, ela permecerá através dos séculos porque é eterna, não olvidando jamais aqueles que fizeram a "Patriotada", configurada no verso que diz: "Sempre viva a Independência. E perpétua a luta seja / Que o domínio português / Nesta terra não se veja".

Correio de Goiana, agosto de 1987.

SUBTERRÂNEO EM GOIANA

Do Convento do Carmo, em Goiana, parte um subterrâneo até o cruzeiro em frente, hoje com um gradil de ferro em sua volta em praça arborizada.

Sob esse cruzeiro de preciosa arquitetura, segundo a lenda se encontra ouro em moeda, suficiente para construir outro mosteiro se o atual, edificado em 1666 por André Vidal de Negreiros, for destruído.

Agora com a realização da tradicional festa do Carmo com procissão de encerramento no dia 01.08., o assunto do subterrâneo com o seu tesouro vem à tona em conversas de grupos postados nas esquinas das ruas da cidade.

Sobre esse assunto, que às vezes, empolga os goianenses na ânsia

de saber ao certo da existência do fabuloso tesouro na base do cruzeiro, esculpido em pedra, eu li, faz tempo, que "um frade carmelita holandês asseverou ao historiador e grande pesquisador José Antônio Gonçalves de Mello, diretor do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, que existia de fato uma passagem subterrânea do Convento para o Cruzeiro".

A história que se conta por aí de que foram os holandeses os construtores de nossas velhas igrejas e monumentos a elas ligados, não passa de um erro de análise histórica, pois os flamengos de Maurício de Nassau eram todos "protestantes".

Jornal do Commercio, agosto de 1993.

GOIANA DE ONTEM

Em Goiana, no começo deste século, o que fê-la sorrir foram as facécias que formavam o sal das palestras, das conversas, dos cavacos, hoje dos chamados bate-papo, nos plantões da farmácia de Barros de Andrade, do Chiquinho da Farmácia, no bojo das lerdas e vascolejantes diligências em viagem para o Recife e Barauna (estação do trem), no adro das igrejas nas noites de novena, nos torneios de bicicleta na rua, das quintas aos domingos à tarde, nas caçadas domingueiras às cotias, nos intervalos das "partidas" nos salões da juventude, na platéia do São Miguel, nos cavacos da Maçonaria, nas portas das lojas que se fechavam às 9 da noite, nos grupos à beira das calçadas à espera da passagem das moças para o beijo às sextas-feiras ao Senhor dos Passos, no Carmo; nos cartórios, nas platéias do circo do Henrique Lustre, nas serenatas ao luar do verão, nas tertúlias literárias etc.

Repetiam, num sorriso, a chacota e a blague dos que sabiam fazer, cheias de verve e espírito, aqui, onde os jornais do Recife, quando havia, eram os do dia anterior. Criaram-nas Padre Batalha, Parísio Valadares (filho bastardo do Conselheiro João Alfredo), padre Elódio, Benício Pirá, Julião, Basílio Machado, Buranhém e outros e tantos

outros e, por último, a partir de 1902, o antigo Coletor Federal Rego Monteiro - brincalhão e humorista de primeira ordem.

Todo esse relato sentimental me contou o bacharel e poeta Antônio Raposo na sala de visitas de sua casa à Rua do Amparo desta cidade.

Diario de Pernambuco, junho de 1991.

GOIANA E O SEU AUTOMÓVEL

Na página de rosto do aplaudido caderno "VIVER" do Diário de Pernambuco, saiu há poucos dias sob o título "Pai do automóvel nasceu há 150 anos", a biografia do inventor alemão Gottleid Daimler. Essa divulgação despertou interesse e serviu de comentários em Goiana, já que esta cidade goza da primazia de ter sido a primeira do Brasil a importar um automóvel da Europa. Isto aconteceu nos idos de 1901 com a criação da "Companhia de Transportes de Goiana", cujos fundadores foram o então advogado Manoel Antônio Pereira Borba, que mais tarde, em 1915, foi governador de Pernambuco, o inglês Edward Johnson, engenheiro da usina "João Alfredo", implantada naquela época nas terras do engenho Novo, e o hábil mecânico Henrique Bernardes.

Em conversa, certa ocasião, com Francisco Caheté da Biblioteca Pública do Estado, conhecedor profundo dos alfarrábios históricos alí existentes e com base em documentos da alfândega, ele afirmava com certo orgulho, que na realidade o primeiro automóvel introduzido no Brasil se destinou a Goiana, graças ao espírito empreendedor de Manoel Borba.

Em 1905, segundo o escritor Flávio Guerra, circulavam pelas ruas do Recife dois automóveis: o "Renault" do Dr. Otávio de Freitas e o "Berliet" do coronel Manuel Seixas, dono da conceituada casa comercial SEIXAS & IRMÃOS, onde meu pai, Manoel Rodrigues do Nascimento, comprava bacalhau da Noruega em barrica, para o seu armazém de estivas na antiga vila de Goianinha, que hoje com foros de cidade tem o nome de Condado; de ruas limpas e arborizadas, com praças bem

cuidadas e todas com os nomes daqueles que a fizeram no passado. A cidade que me serviu de berço sabe homenagear os seus vultos históricos. Cada logradouro tem o nome de um filho ilustre.

Quando se trata de "automóvel de passageiros" do começo do século, queimando petróleo, expelindo fumaça, poluindo o ar e que buzinou e levantou poeira pela primeira vez em terras brasileiras, vale a pena recordar e transcrever o que disse, falando de cátedra, o mestre Aurélio Domingues na revista "Vamos Ler", editada, faz anos, no Rio de Janeiro, onde morava, mas sempre com o pensamento voltado para as coisas de Goiana. Em saudosas reminiscências, assim dissertou o mestre: "Os veículos da "Companhia de Transportes de Goiana" deviam ser carros automóveis. Foi importado um da França dos fabricantes "Panhard e Lavasseur". Houve dificuldade e demora em retirá-lo da alfândega por ser uma mercadoria ainda não classificada. Foram pedidas informações das alfândegas do Rio de Janeiro e de Santos para saber se havia sido despachada, numa ou noutra mercadoria similar. As respostas foram negativas. O despacho do carro automóvel foi, pois, demorado, quando devia ser facilitado. Pelos modos foi aquele o primeiro carro automóvel importado no Brasil. Era um ônibus. Constituía um passo avançado sobre as antigas diligências. Servia as viagens entre Goiana e o Recife".

O pioneirismo de Goiana nos anais da história do automobilismo do Brasil se robusteceu ainda mais com o artigo "Dos dias distantes, o presente"do jornalista Zilde Maranhão, publicado em 1970, na revista do Museu do Açúcar, dedicado ao "IV Centenário do Povoamento de Goiana" ao se referir, com seu estilo gostoso e sentimental, a Henrique Bernardes, chamando-o de "o primeiro motorista do Brasil". Já o historiador Otávio Pinto no seu livro "Velhas Histórias de Goiana" lembra o famoso "Hotel Papagaio" da Rua Direita, ponto de partida do referido ônibus com destino ao Recife. Ao chegar a Olinda, na antiga estação do Varadouro, deixava alguns passageiros. E dalí seguia direto para as ruas centrais da capital pela esburacada estrada da Tacaruna.

O carro do grande abolicionista José do Patrocínio, apesar da grande publicidade nos jornais cariocas da época, não mereceu a tão esperada láurea de pioneiro, pois chegou ao Brasil em 1903, ou seja, dois anos depois do ônibus de Goiana.

A "Companhia de Transportes de Goiana" teve vida efêmera, apenas

cinco anos de atividades. E do seu carro, pintado de vermelho, com rodas altas e finas, revestidas de borracha maciça, não se sabe o destino. Certamente, foi vendido como ferro velho. Mais uma relíquia que desapareceu do acervo histórico de Goiana.

Diario de Pernambuco, junho de 1984.

CRUZEIRO DO CARMO

Diz a lenda que do convento do Carmo, em Goiana, parte um subterrâneo até o imponente cruzeiro que fica a poucos metros, na praça. E na sua base se encontra um tesouro enterrado. Confirmando essa versão popular o historiador Pereira da Costa, autor dos "Anais Pernambucanos" fala da "existência sob o cruzeiro defronte do Convento Santo Alberto, dos carmelitas, em Goiana, fundado em 1666 por André Vidal de Negreiros, de moedas de ouro em quantidade suficiente para construir outro mosteiro, caso aquele desapareça". Sobre esse tópico, eu li, faz anos, que "um frade carmelita, holandês, asseverou ao historiador José Antônio Gonçalves, neto, que existia uma passagem subterrânea do convento para o cruzeiro". E para elucidar esse fato, aguardo a palavra de frei Antônio Gonçalves, atual prior do Convento do Carmo e amigo de Goiana.

No jornal "O Município", que circulava em Goiana em 1923, o redator Isaac Cerquinho teceu comentários a respeito do majestoso cruzeiro. Dizia ele, com riqueza de detalhes e embevecido pela arte, o seguinte: "Realmente é um assombro de arquitetura o cruzeiro do Carmo! Os frisos que acompanham de cima abaixo o cruzeiro, somente esses frisos, são de um rigor de arte e de uma finura de concepção encantadores. O cruzeiro, ou por outra, a cruz , de modelo o mais rico e completo de símbolos da via dolorosa, dentre as muitas centenas de modelos de cruzes que existem, é por si só, um monumento que orgulharia qualquer praça de Nápoles, Roma ou Florença. Aqueles medalhões ou escudos que em alto-relevo surgem em granito, como se

irrompendo do seio do grande trabalho de arte, não sei se hoje haverá mão de artista capaz de talhar iguais ou semelhantes." E para dar mais força às suas palavras, dizia ainda: "Uma dama goianense, que reside em São Paulo, bastante viajada, conhecendo todo o mundo católico, afirma que nunca viu, em parte alguma, um cruzeiro tão rico de obra de arte".

Todos afirmam que a grandiosidade das linhas arquitetônicas do cruzeiro do Carmo não tem similar, e isto não fica apenas restrito à América Latina como propalam. Na Europa e mesmo na Ásia, no berço da cristandade, não há um cruzeiro que suplante o de Goiana pela beleza e pela arte. O frei Afonso ao construí-lo em 1719 em louvor à Virgem do Carmelo aplicou toda a sua arte. Arte que lhe foi dada por inspiração divina. Dele guardamos a saudade como reconhecimento do povo agradecido.

Com o passar do tempo, o cruzeiro tem sido mutilado em suas peças. Faz pouco tempo que a coroa do pé da cruz, amanheceu quebrada. Mas o atencioso frei Antônio me prometeu restaurá-la.

A história que se conta por aí de que foram os holandeses os construtores de nossas igrejas e monumentos a elas ligados, não passa de um erro de análise histórica, pois os flamengos de Maurício de Nassau eram todos "protestantes" e assim estavam impossibilitados de construir templos católicos. O culto católico com as rezas costumeiras, em nossa terra, sempre pertenceu aos portugueses e brasileiros.

A Prefeitura está de parabéns. A praça do Carmo, também chamada de Frei Caneca, já se apresenta com bonitos canteiros a orná-la para encantamento de nossos olhos. As calçadas foram revestidas de cerâmica e uma passarela larga foi construída para acesso à igreja do convento. E o cruzeiro, hoje limpo e escovado, está protegido por uma amurada de granito com gradil de ferro. As flores, as velas e as fitas que lhe são oferecidas, além dos amuletos e ex-votos em pagamento às promessas, representam a fé cristã na inocência e na bondade do povo.

Diario de Pernambuco, julho de 1984.

VELHOS ENGENHOS

Estive presente ao lançamento em Goiana do livro "Velhos engenhos de minha terra" de Andréa Gondim Fernandes, que recebeu crítica elogiosa do historiador Potiguar Matos, meu contemporâneo do Liceu Pernambucano, nos idos de 1941.

O livro, de boa feição gráfica, é um álbum de família com muitas recordações, todas de valor histórico. A autora com seu estilo simples de dizer as coisas prende a nossa atenção na leitura do começo ao fim do livro. Tão bom que me fez lembrar do lauto almoço na casa-grande do engenho Jardim da família Rabelo, em Nossa Senhora do Ó, hoje Tupaoca, oferecido, depois dos batizados ao padre João Firmino Cabral de Andrade, e do qual participei, menino ainda, como acólito. Foi assim também no engenho Sirigi de Daniel Barbosa, com uma diferença, aí recebi das mãos do austero senhor-de-engenho uma moeda de 2 mil réis, que era muito dinheiro para a época.

O referido lançamento foi um acontecimento de grande significação na vida cultural desta cidade, e que levou muita gente à velha mansão de Ludovico Corrêa de Oliveira, hoje transformada na "Casa da Cultura" ou "Casarão", conforme designação dada pela Prefeitura com o subtítulo: "Arte-cultura-folclore". E a festa não se restringiu apenas aos discursos, por vezes sentimentais, houve distribuição de docinhos caseiros e iguarias várias, além de saboroso caldo de cana, tudo lembrando os faustosos dias do engenho Pedregulho de José Augusto Corrêa Gondim, antigo Provedor da Santa Casa de Misericórdia.

O nome de Ludovico Corrêa foi realçado pelos oradores como médico humanitário e primeiro obstetra de Goiana, salvando a vida de muitas criancinhas da época, inclusive Alba Rosa Barreto que, pela sua atuação hoje na sociedade local, merece as nossas homenagens. Ele, além de médico bem conceituado, era proprietário do engenho Patrimônio oriundo de uma antiga enfiteuse, cujo domínio lhe foi transferido graças à intervenção do Conselheiro João Alfredo. Nas terras dessa enfiteuse já existia uma capela sob a invocação de Nossa

Senhora do Pilar, construída pelos monges beneditinos, provavelmente no começo do século XVIII. E bem em frente à ermida dos frades, hoje em ruínas, passava a antiga estrada dos tropeiros e que serviu de caminho a Frei Caneca na sua fuga para o Norte, quando da derrocada da Confederação do Equador, em 1824.

Lembro-me do Pilar, um povoado que cresceu em volta de sua igreja secular, com festas e novenas e as filhas de Ludovico acendendo velas e cantando ladainhas, com frei Elizeu à frente e que depois se tornou um mártir da Revolução Espanhola. Muitas casas foram ali construídas na época da enfiteuse pelos foreiros do engenho. Eram quase 100 vivendas com seus sítios, nove mercearias e uma escola para adultos (moradores do engenho), mantida pelo velho Pergentino Bezerra, que se intitulava de "o professor do povo". Hoje dessa comunidade ordeira só resta a lembrança. Tudo desapareceu, foi abaixo para dar lugar à plantação de cana e bambu, sem nenhum respeito à preservação dos monumentos históricos.

Diario de Pernambuco, agosto de 1987.

MOVIMENTO REPUBLICANO EM GOIANA

Desde o tempo do Brasil colônia que se manifestavam aqui as idéias republicanas. Contudo, foi depois de terminada a guerra do Paraguai, em 1870, que começou a grande propaganda republicana, que acabou por derrubar a monarquia em 1889. Na fase colonial sobressaem as manifestações republicanas levadas a efeito em Minas Gerais (em 1720 e em 1789) e em Pernambuco (Revolução de 1817) e que deram em resultado a morte dos cabeças daqueles movimentos. Goiana, terra de gloriosas tradições de movimentos de cunho liberal, teve também a sua participação ativa na campanha republicana, retratada no livro "Velhas Histórias de Goiana" de Otávio Pinto. República que eclodiu no Brasil nos fins do século passado com o desfecho em 15 de novembro

de 1889, através do brado de "Viva a República", dado por Deodoro da Fonseca, agitando o quepe de cima de seu cavalo baio. No "Almanaque de Goiana" de Ângelo Jordão, editado em 1930, encontramos comentários sobre a propaganda republicana em Goiana, culminando com a presença do grande orador Silva Jardim em comício realizado nesta cidade com muita festa, na Sociedade Therpsicore (atual Sindicato Agrícola de Goiana - Rua Direita), sendo saudado na ocasião pelo estudante de Direito Francisco Pinto de Abreu. Circulava naquela época o "Diario de Goiana", tendo como diretor o dr. Pereira de Lira - chefe do Partido Republicano nesta cidade. O organismo oficial do movimento era a "Gazeta de Goiana", cuja redação ficava naquele tempo no Beco do Pavão, centro agitado de comentários políticos. Aliás, desde muito, vinha a campanha republicana sendo fortemente agitada em Goiana, não só pelos políticos como pela imprensa e Maçonaria. Grande era o entusiasmo do povo goianense pela causa republicana. Já certa vez, em 1849, o povo invadindo o Paço Municipal, jogou na rua o busto do Imperador, que se fez em pedaços. A campanha republicana, diz Edmundo Jordão, encontrou aqui campo fertilíssimo. Tinha a apoiá-la um grupo de jovens idealistas que se abeberavam nas palavras de Silva Jardim e de Martins Júnior, trazidos ambos a Goiana pelo jovem Amaro Rabelo Filho, estudante da Faculdade de Direito do Recife, protestando sempre não receber o grau de bacharel das mãos dos mandatários da Coroa, no que era seguido pelo seu irmão José da Cunha Rabelo. Entre os propagandistas da República em Goiana, destacamos, além do apoio do coronel Amaro Rabelo do engenho Tabairé - homem de fina educação e trato, Metódio Maranhão, Antônio Gomes de Albuquerque, Pereira de Lira, José Lobo, Manoel Evaristo, Caetano Leobaldo, Miguel Tavares da Rocha, Francisco Farrael, Manuel Aurélio Tavares de Gouveia e Ângelo Jordão, este, que além de comerciante, foi deputado estadual e Prefeito de Goiana no triênio de 1916 a 1919.

A Província, novembro de 1993.

O GENERAL DAS URUPEMAS

Antigamente, quando não se usava rótula nem veneziana nas janelas, era comum e praxe o uso das urupemas, para evitar o olhar indiscreto para o interior das casas pelos transeuntes que passavam pelas calçadas.

Luiz do Rego Barreto, que era governador na época, proibiu esse costume no Recife e o fez estender a Goiana. Mas os habitantes desta cidade resistiram sob a alegação de que era mais uma prepotência do governador. E não retiraram as urupemas das janelas para evitar os olhares maliciosos dos pelintras. Sabedor dessa desobediência dos goianenses, Luiz do Rego à frente de um batalhão armado veio para cá, a fim de fazer cumprir a sua ordem, e o fez. Ao chegar aqui, fez dispersar os soldados com a ordem de recolher todas as urupemas que fossem encontradas nas janelas das casas, e amontoadas no Pátio do Carmo, onde foram queimadas, sob os olhares de curiosos e mulheres que lhe rogavam pragas. Com esse gesto, o governador Luiz do Rego, que veio para Pernambuco, perseguir os remanescentes da Revolução Republicana de 1817, pegou mais um apelido: "O General das Urupemas", e para contrariá-lo ainda mais, contado em versos pelos goianenses.

Guardamos a mágoa, que só foi desfeita em 1821, quando expulsamos esse governador atrabiliário do poder.

Foi nessa oportunidade que Goiana se tornou a sede do Governo Constitucional de Pernambuco, revolta coroada com a Convenção de Beberibe, em cujo local há um monumento alusivo a esse feito. Então a partir daí, Pernambuco passou a ser governado por gente da terra na pessoa de Gervásio Pires Pereira, antes do grito de Pedro I, às margens do Ipiranga, em 7 de setembro de 1822.

Diario de Pernambuco, abril de 1991.

PADRE ELÓDIO

Padre Manoel Elódio Ferreira aqui chegou no fim do século passado. Vida calma, a serenidade em pessoa. Um pouco alto, de cabelos carapinhados, cor escura, era no falar, no andar, no gesto, no ademanes, de uma morosidade doentia. Parecia um autômato. Jogava cartas um dia em certa casa, de janela aberta, quando assomando-a, disse-lhe alguém quase gritando, esbaforido pelo esforço da carreira: "Padre Mestre! Padre Mestre! as suas canas (que ele possuía no antigo engenho Bom Gosto, ao lado do Canal de Goiana), estão pegando fogo". E o padre, com as cartas na mão, depois de escutar a notícia, sem nenhum gesto de surpresa ou mal-estar, volta-se demoradamente para o parceiro e diz: "solo". Esse padre celebrava missa na igreja do Rosário dos Pretos, e Catagia, um pretaço já maduro, de boca enorme e voz de trovão, acolitava e era ao mesmo tempo sacristão.

Certo domingo, após o ato da missa, o padre, recolhido ao consistório, despia vagarosamente, um a um, os paramentos da solenidade, com o auxílio de Catagia, quando este, erguendo a voz, quase estentórico, vai dizendo: "Padre Mestre! Padre Mestre! sabe de uma coisa?" E o padre, voltando-se vagarosamente, inquiriu-o com o olhar, e Catagia, com o mesmo timbre de voz, diz: "Padre Batalha, na Matriz, diz uma missa por cinco mil réis, enquanto Padre Mestre, aqui no Rosário, celebra por três mil réis". E o padre Elódio, procurando fitar o sacristão, respondeu-lhe com uma calma adorável, cheio de filosofia, mansuetude, bom humor e talvez de sincera compreensão: "Uma missa dita por mim e ajudada por ti nem isso vale". Esse não vale era, certamente, pela humildade de quem a celebrava. Esta resposta fez correr a cidade sob o riso de quem a compreendia mal, mas, na verdade, de fundo filosófico, indiscutível, pelo reconhecimento do valor próprio.

Padre Elódio aqui conviveu por muitos anos. A igreja do Rosário dos Pretos foi construída no século XVI. Com a frente voltada para a Rua Direita, como as demais igrejas de Goiana, ela vive hoje abandonada.

Jornal do Commercio, maio de 1991.

O LENÇO QUE O IMPERADOR BEIJOU

O lenço que o imperador beijou. É uma página da história de Goiana. O imperador Pedro II foi recebido nesta cidade festivamente, quando de sua visita a Pernambuco em 1859.

No protocolo das solenidades constava o Beija-mão. A nata da sociedade goianense compareceu em peso por se tratar de uma cerimônia importante.

Conhecer pessoalmente o imperador e a honra de beijar-lhe a mão. As damas vestiam suas mais ricas saias-balões.

As moças com vestidos róseos e uma rosa presa ao penteado; os homens de casaca, colete de seda e gravata branca. Entre os convivas estava a família do coronel André Pires Vergueiro. Todos em fila se aproximam do imperador, que estendia a destra a quantos lhe iam render homenagem. Quando chegou a vez da jovem Josefina Cândida Cavalcanti de Jesus Vergueiro e ao se aproximar do imperador meio tímida, cai-lhe da mão o lenço branco de cambraia, bordado de seda. Sem saber o que fazer, baixa a vista nervosa. Pedro II, ao vê-la assim indecisa, esboça um ar de riso, curva-se, apanha o lenço caído, beija-o e entrega à linda Josefina sob os aplausos dos presentes. Impressionada com o gesto do imperador, guardou o lenço como relíquia até a sua morte.

Só depois, ficou sob a guarda do Instituto Arqueológico, no Recife, onde se encontra até hoje.

Diário de Pernambuco, maio de 1992.

VISITA PASTORAL

Em 1901, chegou a Goiana, em visita pastoral, Dom Luiz de Brito, bispo da Diocese de Olinda. Saltou com a comitiva em Baraúna, estação da Great Western. Uma das três comunicações de Goiana com o Recife naquele tempo. De lá pra cá, veio em quatro diligências. Parou em Goianinha (Condado) e visitou a capela de Nossa Senhora das Dores. Depois já em terras do engenho Patrimônio, à beira da estrada, admirou a capela sob a invocação de N. S. do Pilar, fundada pelos beneditinos no século XVIII, hoje em ruínas (uma afronta ao nosso patrimônio histórico). O povo desta cidade foi recebê-lo na porta da Igreja do Carmo com palmas, repiques de sinos, foguetes e músicas (Saboeira e Curica). Uma grande recepção. Chegou ao altar-mor com grande dificuldade, onde fez uma breve oração. Passou à sacristia a fim de, paramentado, seguir em procissão sob o pálio para a igreja-matriz, onde se realizaria o Te-Deum. Mas a sua saída do Carmo foi obstada pelo povo que enchia o templo, pois todos queriam vê-lo de perto. Foi quando o padre Batalha, enérgico vigário da freguesia, gritou para a multidão: Abram-se! Abram-se! No sentido intimidativo de "abrir alas".

O povo de Goiana, pela primeira vez, sorriu em cerimônia religiosa, já dizia o dr. Antônio Raposo em prosa e verso.

Diario de Pernambuco, maio de 1992.

TIPO POPULAR

Goiana, berço de vultos ilustres, mas também de tipos populares. Buranhém foi um deles. Era um ganhador de rua (moço de fretes). Muito inteligente, mas displicente e preguiçoso.

Dizia ele, e fez sentença, que "a ignorância pode mais que a lei". Isto, a propósito de certo comerciante, que, talvez por sê-lo, não queria que o filho respondesse a um determinado processo na Justiça.

Buranhém imitava a rigor o grito das aves agrestes e, com a maior perfeição, o orneio do asno de modo a provocar do animal, que o ouvia, o seu natural zurro.

Ele dizia que o asno sabia, de cor, todas as vogais e, puxando o lábio inferior, que tinha grande, passava a guinchar, uma a uma, as letras vogais, para terminar por um longo "Y", na entonação perfeita do zurro.

Naquele tempo, quando o circo era uma das boas diversões da cidade, ele provocava risos e gargalhadas nas rodas populares que se formavam em torno de sua figura caricata, onde quer que chegasse.

Jornal do Commercio, julho de 1992.

CINZAS DE ANDRÉ VIDAL

Na coluna "HÁ 50 ANOS" do DP, de 04.08.42, consta a trasladação das cinzas de André Vidal de Negreiros - herói na Insurreição Pernambucana, para a igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, nos Guararapes.

Logo após a expulsão dos holandeses (1654), Vidal de Negreiros fixou residência no Engenho Novo de Santo Antônio, onde faleceu em 03.02.1681. Ali nas comemorações do Tricentenário da Restauração foi colocada na capela uma lápide alusiva.

O Instituto Histórico de Goiana, em 1870, retirou dali os restos mortais do herói, colocando em uma urna, que ficou depositada na igreja Matriz desta cidade, onde permaneceu, durante alguns anos. Traslada depois para o Convento da Soledade. Daqui saindo mais tarde para o palácio do arcebispado, no Recife.

Achando-se hoje na igreja dos Montes Guararapes. Em 1730, o túmulo de André Vidal de Negreiros fora profanado pelo administrador do Engenho Novo, dele retirando o que de precioso acompanhava o corpo: capacete e esporas de prata, espadim e fivelas de ouro, além de pregaria de prata do caixão. Lamentável gesto de violação de um santuário da história de Goiana.

Diario de Pernambuco, agosto de 1992.

AS MÃOS DE PADRE TENÓRIO

As revoluções em Pernambuco, de cunho libertário e republicano, do século passado, contaram com a presença de padres em suas fileiras. Os conventos e seminários eram os mais importantes centros de estudos da época. E Goiana, com as suas igrejas seculares povoadas de irmandades e ordens religiosas, sempre se destacou pela participação do clero nas atividades culturais de sentimento nativista, merecendo destaque especial a figura de Manuel Arruda da Câmara, sábio naturalista, egresso do convento do Carmo. Daí porque, quando da execução do padre Pedro de Souza Tenório, em 1817, cujo corpo foi mutilado pela sanha dos sicários do Rei, as suas mãos vieram como troféu para Goiana, considerada foco de rebeldia, e aqui ficaram expostas, pregadas em um poste, no Pátio do Carmo, durante seis meses, para depois serem enterradas na capela-mor da igreja da Misericórdia, onde permanecem até hoje, sem uma lápide que assinale o fato. De sua cabeça, também decepada como a de Tiradentes, sabe-se apenas que foi exposta em Itamaracá, onde era vigário colado, para escarmento popular, e o resto do corpo arrastado em cauda de cavalo pelas ruas da então Vila do Recife e enterradas em vala comum no cemitério da matriz de Santo Antônio, conforme sentença assinada pelo famigerado Luiz do Rego - governador de Pernambuco naqueles dias tenebrosos de nossa história.

Em Goiana, o sepultamento das mãos de Padre Tenório, apesar do sentido cristão que lhe foi dado, realizou-se sem as cerimônias religiosas de praxe. Apenas os sinos dobraram e o ofício dos mortos foi rezado. Mas a partir daí, a calçada da Misericórdia, com a sua dezena de degraus, se transformou no ponto de convergência dos habitantes da Vila, que numa espécie de culto ao herói se postavam ali em vigília cívica de desagravo àqueles que fizeram a Revolução Pernambucana de 1817. Essas reuniões perduraram por muito tempo e se tornaram hábito entre o povo, para conversas sobre assuntos diversos, inclusive de querelas sentimentais, mas sempre a caracterizá-las o sentimento revolucionário dos filhos da terra. E hoje, já passado tanto tempo,

ainda se observa na velha escadaria da Misericórdia o mesmo costume. Ali se reune, à tardinha e mesmo à noite, ou a qualquer hora do dia, muita gente para fazer a resenha das notícias do dia como se fosse um "jornal falado".

Depois dos acontecimentos de 1817, o espírito de luta se arraigou cada vez mais no coração dos goianenses, explodindo logo mais na arrancada gloriosa de 1821, quando Goiana se fez sede do Governo Constitucional Temporário da Província, tendo como presidente Francisco de Paula Gomes dos Santos e como secretário Felipe Mena Calado da Fonseca.

A Província, junho de 1995.

VAPOR IRATI EM GOIANA

Consultando a coletânea dos velhos jornais de Goiana, detive-me em "O MUNICÍPIO" (1919 a 1925 - circulação semanal), para sentir a agitação que a chegada do vapor IRATI causou à população de Goiana, naquela longínqua noite de 22 de outubro de 1922. Todo mundo se precipitou entre gritos e correrias em direção ao "balde do rio" para ver o navio encalhado, de faróis acesos, com apitos intermitentes e a proa enterrada na lama do canal obstruído, bem em frente à antiga "casa da pólvora" (hoje desaparecida), perto da atual ponte da BR-101. E só saiu dali depois de muito trabalho, numa maré alta, com a força das máquinas em marcha à ré e muita gente, de um lado e outro, puxando em cordas grossas, usadas nos navios; só assim o IRATI, saiu do atoleiro em direção ao Atlântico para nunca mais voltar.

A viagem do vapor IRATI a Goiana foi uma façanha náutica digna de registro pelas suas características de navio costeiro (cabotagem), medindo 43m de comprimento por 8 de largura, e acostumado a navegar em mar calmo de horizonte largo, transportando até 360 toneladas de cargas sem tropeços.

Bem perto à embocadura do Rio Goiana, o referido vapor deparou-se logo com a famosa "pedra da galé", onde outrora os navios franceses ancoravam para contrabandear o pau-brasil com os índios potiguares.

Depois seguiu para a "ilha dos cachorros" e de lá partiu com 2,5 nós de velocidade em direção às "três bocas" sem dar importância ao porto de Japomim, com seus trapiches de madeira e alvenaria, pois a sua meta era alcançar, com brevidade, a cidade de Goiana, grande empório comercial naquela época.

A Companhia Comércio e Navegação do sr. Ernesto Pereira Carneiro pretendia estabelecer entre o Recife e Goiana uma linha regular de vapores, visando ao transporte "fácil e barato" do açúcar e de outros produtos da redondeza. E para representar a firma nesta cidade foi convidado o então deputado Ângelo Jordão de Vasconcelos, figura altamente prestigiada na sociedade goianense e de grande influência no comércio local. A propósito desse saudoso deputado e operoso ex-prefeito de Goiana, eu lhe devo uma eterna gratidão. Ele e sua esposa dona Elisa Jordão, acompanhados de filhos, foram a Goianinha (hoje a progressista cidade do Condado), no dia 05.01.1922, em um cabriolé puxado por uma bestinha ruça de cauda solta e esvoaçante para servirem de padrinhos a uma criança, que na pia batismal recebeu o nome de Mário (Mário Rodrigues), filho do casal Tude Maria e Manoel Rodrigues do Nascimento. E o sacramento do batismo administrado pelo padre Mariano Aragon - vigário de Nossa Senhora do Ó (hoje Tupaoca) - naquele tempo pertencente ao município de Goiana.

O empreendimento da firma Pereira Carneiro era por demais louvável, pois correspondia ao desejo daqueles que pugnavam pelo progresso e o desenvolvimento da cidade. Apenas feria os interesses comerciais dos proprietários de barcaças. Ponto de vista, aliás, que afinal prevaleceu. E assim Goiana se viu privada de sua linha de vapores de futuro progressista.

Há pouco tempo, num giro sentimental pelos arredores da cidade, visitei o "balde do rio", hoje Rua Eulálio Ribeiro dos Santos (homenagem póstuma ao atuante vereador), e encontrei tudo limpo, inclusive a água do Canal com a sua margem arborizada de coqueiros e algarobeiras. Admirei o velho guindaste, ali instalado pela fábrica "Fiação e Tecidos de Goiana" na sua fase áurea de trabalho e produção, hoje fechada para tristeza de Goiana. Aquele guindaste é considerado um marco histórico, que merece ser preservado (tombado) pela Prefeitura. Faz parte da beleza do Canal como ponto turístico de Goiana.

A Província, julho de 1995.

GENERAL PEDRO LABATUT

O "Grito do Ipiranga" não foi levado a sério pelas tropas portuguesas concentradas na Bahia. Chegaram até a zombar do gesto de rebeldia de D. Pedro I contra o colonialismo no Brasil. Daí as lutas travadas em terras baianas para extirpar do solo pátrio o último bastião português, cujo desfecho glorioso aconteceu no dia 2 de julho de 1823 com a entrada das gloriosas tropas brasileiras em Salvador.

À frente de nosso Exército em formação, estava o general francês Pedro Labatut, egresso das hostes napoleônicas e com relevantes serviços prestados à causa da independência em terras americanas, na Colômbia e no Brasil.

Tudo isso eu aprendi com a curiosidade e interesse de estudante para depois em Goiana sentir a presença de descendentes daquele valoroso cabo-de-guerra, a quem cabe a glória de ter hasteado a primeira Bandeira Nacional como símbolo da "pátria livre".

Aqui em Goiana vamos encontrar como seus descendentes entre outros, a sua neta Belisana Labatut Gomes, casada com Matias Pinto de Abreu alto comerciante nesta cidade, onde nasceram os seus filhos: José Pinto de Abreu - ex-prefeito de Goiana, com uma filha Belisana Pinto de Araújo (com filhos e netos); Antônio Pinto de Abreu, casado com Áurea Raposo Pinto, ambos falecidos, e que deixaram filhos: Padre Carmelo Raposo Pinto - ex-Capelão da Base Aérea do Recife, Grijalva Raposo Pinto (falecido), e Lêda Pinto Rodrigues, casada com Mário Rodrigues do Nascimento - funcionário público aposentado, com os seguintes filhos: Sílvio Romero Pinto Rodrigues (advogado), Maria do Carmo Rodrigues Farias, Mário Rodrigues do Nascimento Filho (engenheiro) e Fábio Rogério Pinto Rodrigues (advogado). Os mais jovens descendentes do General Labatut, em Goiana, do lado de Lêda Pinto Rodrigues são: Sílvio Romero Pinto Rodrigues Júnior, Bruno Guedes Rodrigues, Felipe e Thaís da Costa Pinto Rodrigues e Diego Rodrigues Farias.

Em Salvador (Bahia) foi construída uma herma em homenagem ao General Pedro Labatut, no histórico templo de Pirajá.

A Província, maio de 1993.

GABINETE DE LEITURA

Ainda no século passado foi fundada em Goiana uma sociedade, denominada "LEALDADE E BENEFICIENTE" de fins humanitários e altruísticos. O grupo de jovens que lhe dava apoio propiciou a criação entre nós do "GABINETE DE LEITURA DE GOIANA", cujo fim era levar àqueles de parcos recursos o contato com os livros. Visava com isso dotar os goianenses de conhecimentos gerais, além da escola primária. Era a "escola do povo", assim chamada na época. Com a fundação em 24 de junho de 1874, da loja maçônica "FRATERNIDADE E PROGRESSO", em prédio próprio com frente de azulejo, veio a funcionar mais tarde (1876), com acesso ao povo, sempre com as portas abertas, a biblioteca "Desembargador Francisco Luiz", existente até hoje. O desembargador Francisco Luiz Corrêa de Andrade fez doação ao Gabinete de Leitura, naquele tempo com muita gente procurando aprender, de toda a sua biblioteca particular e, não satisfeito, ofereceu, para a sua manutenção, uma casa na Rua do Meio e mais vinte contos de réis em apólices Federais. Ficou sendo dessa forma a melhor biblioteca de então, do interior do Estado, com cerca de quatro mil volumes.

Ali, na década de trinta, íamos encontrar ainda obras raríssimas. Lembro-me quando estudante, por indicação de meus professores do Liceu Pernambucano, do Recife, entre eles o dr. Jorge de Melo Cahu, procurava esse Gabinete para consultar os seus livros de História, como: "A História da América Portuguesa", de Rocha Pita; o "Livro do Centenário" (uma coleção importante de documentos da passagem do século); "Revolução Francesa" e a "História do Consulado e do Império", edição de 1846, de Thiers; uma coleção da revista "O DIREITO" desde o ano de 1873 a 1912; o Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil, por J. C. Milliet de Saint Adolphe, numa edição de 1845 e tantos outros. Por aí se observa a importância dessa biblioteca para a formação cultural de nosso povo.

Em tempos passados, estavam presentes no salão amplo do Gabinete

de Leitura, para debates literários e palestras em dias cívicos, vultos inesquecíveis, de nosso meio intelectual, tais como: Manuel Borba, Elpídio de Figueiredo, Joaquim Tavares, Araújo Filho, Honório Monteiro (poeta) e seu filho Raul Monteiro, Augusto Andrade (organizador do "Álbum Ilustrado de Goiana"- 1921), Francisco Pinto de Abreu, Antônio Raposo, Ângelo Jordão (diretor do "Almanaque de Goiana" - 1930) e Ludovico Lins entre outros, que frequentavam com assiduidade aquela "casa de estudos", onde hoje vemos uma porção de pessoas, em particular, de escolares, sentados em cadeiras sempre a ler, de livro aberto, revistas ou jornais como "A PROVÍNCIA" de Goiana, o DIARIO DE PERNAMBUCO e o JORNAL DO COMMERCIO, do Recife.

Na "Ditadura Vargas" (1937/45), com o fechamento das lojas maçônicas, grande parte do seu acervo, inclusive livros de atas da "Fraternidade e Progresso", e documentos importantes sobre a história de Goiana, foi jogado no poço existente no quintal e a chave da Loja Maçônica entregue pelo seu venerável de então - José Pinto de Abreu ao sr. Interventor no Estado. Com o fechamento do "Gabinete de Leitura Francisco Luiz" (tomou esse nome em honra ao seu benfeitor), a traça começou a tomar conta dos livros e então não foi mais possível fazer tratamento dos mesmos e tudo teria levado a breca se um grupo de abnegados, tendo à frente o então prefeito de Goiana - Lauro Raposo, não tivesse, por conta própria, depois da deposição de Vargas, procurado fazer sentir aos goianenses a necessidade da reabertura do Gabinete de Leitura - uma instituição que vinha prestando relevantes serviços aos estudiosos desta cidade histórica.

É bom que se esclareça o seguinte: essa biblioteca pública - chamada de Gabinete de Leitura, foi fechada pela simples razão de ser parte integrante da Maçonaria local. "Tamanha monstruosidade é simplesmente inconcebível no século vinte". Só em época de ditadura acontece absurdo desse porte. Na administração passada (Harlan Gadelha), foi desapropriado um terreno ao lado da igreja matriz para a construção de uma biblioteca pública do município com amplos salões para leitura. Mas até aqui, por "obra e graça" da politicagem não houve continuidade administrativa, e a meritória obra ficou no papel. Atitude tão comum na "aldeia", mas de efeito danoso aos munícipes.

Há poucos dias, os herdeiros do saudoso Antônio Raposo, doaram

os livros de direito daquele ilustre causídico ao Gabinete de Leitura "Francisco Luiz", constando de quase 100 livros sobre a "Ciência do Direito".

Hoje, esse Gabinete tem como diretor nomeado pela Prefeitura - o maçom e funcionário público aposentado João Carlos de Mendonça - historiador e orador de grandes méritos. Ali estão lotados, além do seu ilustre diretor, os seguintes funcionários: Vera Lúcia Gadelha, Djanira Cabral de Oliveira, Marta Galdino de Santana, Doralice Bezerra de Lima e Joana Francisca da Silva. No último triênio (julho, agosto e setembro), o Gabinete de Leitura teve o seguinte movimento: visitantes - 3.168; acervo - 9.789; livros novos - 58; leitura - 105%, pesquisa - 180%; empréstimos - 43 livros, de acordo com dados estatísticos, fornecidos pela Secretaria do referido Gabinete.

A Província, dezembro de 1994.

CARRO DE GOIANA

O jornalista Fernando Barreto, de tradicional família goianense, escreveu em 1986 no caderno "VIVER" do DIARIO, uma série de reportagens sobre automóveis antigos, mas esqueceu de mencionar o carro que existiu em Goiana no começo deste século para transporte de passageiros entre esta cidade e o Recife, em substituição às velhas e incômodas diligências. Isto antes do pequeno Renault de dr. Otávio de Freitas trafegar fumacento e roufenho, pelas ruas do Recife, em 1903, como se refere o romancista Mário Sette, autor de "Maxambombas e Maracatus", em uma de suas apreciadas crônicas no Diário da Manhã nos idos de 1936.

Hoje em Goiana, existe um carro Ford de Bigode, do ano de 1918, pertencente a Demétrio Guimarães Neves, todo ele montado com peças legítimas, importadas, antes de 1920, pela firma Viriato Tavares aqui estabelecida com uma "Agência de automóveis Ford" no Pátio do Carmo, no primeiro decênio deste século. Esse carro bem conservado,

de capota móvel de lona, com direção e buzina originais, marcha no pé e freio de mão, já participou de muitos eventos, entre eles, corso de carnaval de priscas eras, exposições, cortejos de casamento, inclusive um desfile de debutantes, realizado no Palácio das Princesas, durante o governo de Moura Cavalcanti.

O carro de Demétrio como é aqui conhecido, é uma verdadeira preciosidade e merece ser preservado como uma relíquia e pode até servir de atração turística para Goiana. Falta apenas o interesse do poder público que vem se descurando desde os governos anteriores no que tange às coisas ligadas à cultura. Haja vista o que vem acontecendo com o INSTITUTO HISTÓRICO que está fechado há vários anos, num desrespeito ao sentimento cultural do nosso povo. (Porque a prefeitura não se interessa em reabrí-lo?). E por falar em carro antigo é bom lembrar as palavras do historiador e poeta Antônio Raposo, de saudosa memória, a respeito do primeiro carro que aqui apareceu para fazer a linha Goiana-Recife, em 1901, e que é considerado pelos estudiosos e pesquisadores no assunto, como o mais antigo do Brasil, superando, em questão de data, ao do grande abolicionista José do Patrocínio, que só circulou pelas ruas do Rio de Janeiro a partir de 1903, sob os aplausos dos cariocas. Já dizia Antônio Raposo: "O carro de Goiana que percorreu as ruas do Recife, levando passageiros, em 1901, era um automóvel de procedência francesa e que tinha a forma de um pequeno ônibus. Vi-o na minha terra, no meu tempo de adolescente. O pequeno ônibus era pintado de vermelho, as rodas puxadas a corrente, eram altas e revestidas de borracha. O aparelho de irradiação ficava no tejadilho e os canos de elevação d'água uniam-se a descoberto, aos baluartes e, não raro queimavam as mãos dos passageiros que inadvertidamente os pegavam. Viajou de 1901 até 1906".

"O horário de partida era normalmente certo; o de chegada porém, estava a depender do número de saltos das correntes, da entrosagem das rodas e de pessoas para empurrar o ônibus nos declives da longa estrada, molhados pela queda das chuvas. Esse ônibus, nas suas viagens ficava sempre em Olinda, despejando e recebendo passageiros à calçada da extinta estação do Varadouro, ali ao pé da ponte; mas muitas vezes, se botava para a capital pela então estrada de Tacaruna".

"Guiado pelo então diretor da empresa Mr. Edward Johnson,

engenheiro mecânico da antiga usina João Alfredo de Goiana, era de ver a admiração que a todos despertava a "ciência"do saudoso inglês em dirigir e entender o "bicho"; essa direção passou, pouco depois, a ser feita pelo sr. Henrique Bernardes, que assim passou a ser considerado o mais antigo motorista de Pernambuco, quiçá do Brasil".

A "Companhia de Transportes de Goiana" teve vida efêmera, apenas cinco anos de atividades. E do seu carro pintado de vermelho, com rodas altas e finas, revestidas de borracha maciça, não se sabe o destino. Certamente foi vendido como ferro velho. Mais uma relíquia desapareceu do acervo histórico de Goiana.

Registre-se aqui a excelente crônica "Velhos Calhambeques" do historiador Napoleão Raposo Braga, publicada no Diario de Pernambuco, alusiva à inauguração da sede do "Clube de Automóveis Antigos de Pernambuco", na cidade do Recife. Disse ele entre outras palavras de exaltação aos carros antigos: "São relíquias, exemplares raros. E museus desse gênero, somente benefícios trarão à cidade e à nossa sociedade culturalmente falando".

O Burgomestre de uma cidade se constitui no centro maior das atenções de seus munícipes, e lá fora o seu nome se projeta pelo que faz ou realiza em favor de qualquer ramo do saber humano, seja na cultura, na ciência ou nas artes. Em Goiana, há um notável patrimônio histórico a zelar, a começar de suas seculares igrejas e das duas centenárias bandas de música: SABOEIRA e CURICA.

A Província, setembro de 1995.

CASA DE ADELMAR TAVARES

Vários advogados do nosso meio já se pronunciaram através da imprensa, nos jornais do Recife, sobre a preservação da casa (hoje monumento) onde o poeta Adelmar Tavares passou a infância, em Goiana. Entre eles, mencionamos com aplausos, os nomes de Alcides R. de Sena, Paulo Roberto Tavares e Sílvio Romero Pinto Rodrigues, além do jornal A PROVÍNCIA, em

artigo sob a responsabilidade da sua dinâmica direção. Parece que o assunto, tão do interesse dos goianenses, não sensibilizou a egrégia Câmara de Vereadores, pois este escriba não tomou conhecimento de algo a respeito, o que é lamentável, quando na Casa de "José Pinto de Abreu" há vereadores de alto gabarito intelectual e de arraigado amor a Goiana. Quanto ao poder Executivo, este sempre silenciou no que tange à história e à cultura de Goiana. Registre-se aqui, com destaque, o artigo do historiador Lamartine Moraes (de Olinda), publicado no Jornal do Commercio, edição de 23.06.95.

Não sabemos se na Loja Maçônica Fraternidade e Progresso e no Lions Clube de Goiana o assunto em voga passou em "brancas nuvens", quando nessas duas respeitáveis Casas pontifica o dom oratório do historiador João Carlos de Mendonça, sempre presente na defesa das grandes causas da terra goianense. O que se sabe de veracidade nos meios jurídicos da Cidade, como uma página da nossa triste história, é que o "Casarão de Adelmar Tavares" vai a leilão em processo que corre os trâmites legais na Justiça de Goiana. Ali, Adelmar Tavares passou a sua meninice, ao lado de seus pais, em Goiana. É um monumento histórico, merecedor de preservação, com o seu vasto sítio de fruteiras, prestes a ser invadido pela população para construção de casebres.

Se o leilão vier, como tudo indica, cabe à Prefeitura arrematar no primeiro lance o velho casarão, por ter sido impossível desapropriá-lo como se pretendia há alguns anos.

Considerado um dos maiores trovadores brasileiros, Adelmar Tavares nasceu no Recife a 16.02.1888, filho de pais goianenses, falecendo no Rio de Janeiro em 1963. Membro da Academia Brasileira de Letras, onde era estimado e aplaudido, Adelmar tornou-se poeta muito cedo, ainda jovem. Cultivou através dos anos, a doce, lírica e suave poesia brasileira, um de seus cultores mais espontâneos e legítimos, cuja popularidade vem de "ESTELA", que os seresteiros entoaram por todo o Brasil, enchendo de encanto as noites enluaradas. Este feitio de saber

falar à alma simples e sentimental do povo foi a característica do poeta, cujas trovas ainda andam por aí repetidas na boca de toda a gente, integradas na poesia popular, numa consagração das massas - que é e sempre foi a melhor glorificação dos verdadeiros trovadores. A arte difícil das quadras populares, a de ficar ecoando nos corações em quatro curtos versos, é um dos segredos da lira de Adelmar Tavares, que assim se fez o menestrel dos sertões e também o cantor aplaudido das cidades. É que no seu lirismo há sempre um pensamento bom, há qualquer ensinamento geralmente tristonho, mas sem travos nem revoltas, como nesses versos: "A vida tem dois caminhos... / Um todo cheio de flores, / Todo cheio, outro de espinhos...". "Uns pela estrada florida / Passam, bem longe das dores, / Só tenho flores na vida". "Outros, bem tristes, se vão, / Trazendo os pés nos espinhos / E espinhos no coração...".

Aos 19 anos publicava Adelmar Tavares os seus "Descantes" e, mais tarde, "Trovas e Trovadores", "Luz dos Meus Olhos, Miriam", "A Poesia das Violas", "O Caminho Enluarado", "Noites Cheias de Estrelas", "A Linda Mentira", "A Luz do Altar" e alguns volumes de direito e ensaios vários, pois o poeta foi bacharel pela Faculdade do Recife, tendo exercido com brilho cargos na magistratura. Mas o magistrado íntegro e culto não suplantou o poeta, cuja entrada na Academia Brasileira de Letras foi um justo troféu para sua alma de artista.

Antes de terminar, queremos elogiar o artigo escrito e publicado no Jornal do Commercio (edição de 26.06.95), em forma de entrevista, pelo venerável Paulo Roberto Tavares, com o título "CASA DE POETA AMEAÇADA DE SER LEILOADA".

A Província, outubro de 1995.

SINOS DE GOIANA

Em 1927, o poeta Adelmar Tavares, veio a Goiana rever a terra acolhedora, de onde saiu ainda moço com destino ao Recife para prosseguir nos estudos, e de lá, já formado em Direito, foi para o Rio de Janeiro, onde a sua lira extravasou em trovas e poesias suaves, e ali se deixou ficar, ocupando cargos de relevo na magistratura até findar os seus dias de vida, em 1963.

Aqui, ainda residia a sua veneranda mãe, d. Maria Cândida Tavares, na chácara da Rua Poço do Rei, que era um sítio de muitas fruteiras, hoje transformado em um loteamento de casas residenciais.

Foi apoteótica a recepção que Goiana ofereceu ao consagrado poeta a começar pelo gesto carinhoso das irmãs e alunas do Colégio da Sagrada Família ao recepcioná-lo com flores, muitas palmas e vivas na entrada da cidade, em Bujari, com as autoridades presentes a aplaudi-lo com entusiasmo. Foram momentos de emoção para o "Príncipe dos Trovadores Brasileiros".

A cidade toda, engalanada, vibrou de alegria com a chegada de Adelmar Tavares. Nas ruas por onde ele passou, num cortejo de mais de 50 automóveis, foi ovacionado pelo povo numa verdadeira consagração ao trovador de "Descantes", livrinho de bolso dos rapazes e das cestinhas de costura das moças.

De Goiana, Adelmar Tavares, tinha gratas e saudosas recordações como mostra o soneto "Sinos de Goiana", quando diz: "Sinos de Goiana", que saudade imensa, / trazem-me esses sinos no meu coração. / Nove igrejas, nove, barulhavam sinos, / da Misericórdia, por defuntos ricos, / do Rosário, pobre, por um preto irmão. / Bate agora o Amparo pelo dia santo. / Vai haver novena, bate o da Matriz, / Ouço um sino fino... Esse é o do Convento, / repicando alegre por um casamento, / vem da Soledade o repicar feliz. / Só o dos Martírios continua mudo, / Tem caída a torre dos seus brônzeos sons, / não se abre há tempos essa velha igreja, / mas o povo conta que foi vista aberta / noite morta, um

dia, por assombração... / Nove igrejas, nove. / Velho Carmo, escuto / teu bater de sino quando finda o dia, / Vejo teu cruzeiro, na campina assente, / tua torre negra toda encapuzada / como um frade orando pela tarde fria... Como aqueles sinos de Manoel Bandeira, Sino do Bonfim / Sino de Belém / Sino da Paixão. Batem na minha alma, quando estou sozinho, / pelas tardes frias, esses longos sinos... / - Sinos de Goiana, que recordação!...

E o seu apego a Goiana, o desejo de voltar para estas plagas, era tanto que dizia em carta íntima a Edmundo Jordão: "Um sítio de coqueiros em boa praia, perto daí, Ponta de Pedras, Catuama e seus arredores, para satisfação do desejo que me embala: - a paz.

Diario de Pernambuco, fevereiro de 1988.

HERÓI GOIANENSE SILVINO DE MACEDO

Silvino de Macedo, Silvino de Macedo Brito, Silvino Honório de Macedo ou Silvino de Macedo Lisboa, pois todos estes nomes usou em sua curta existência. Era pernambucano, nascido em 1869 na tradicional cidade, numa casa do antigo Beco Fundo, esquina do Beco do Giló, e filho do fabricante de bebidas José de Macedo e de Maria da Conceição. Abandonado pelo pai, alistou-se aos 13 anos, no dia 2 de setembro de 1882, na Companhia de Aprendizes Marinheiros do Recife, onde serviu até 20 de fevereiro de 1884. Passou, então, a ser catraieiro no velho Cais da Lingueta, profissão que deixou para se engajar no Exército com a idéia de matricular-se depois na Escola Militar e atingir o oficialato.

O historiador Alfredo de Carvalho pincelou desta sorte o seu retrato: "baixo, franzino, moreno, rosto quase imberbe, marcado de cicatrizes de variola, olhos pequenos, muito negros e brilhantes, em que se espelhava a energia de sua alma; externamente asseado, afeiçoava o uniforme de brim pardo, banda vermelha à cinta, as quatro fitas da mesma cor exageradamente distendidas sobre a manga esquerda da

blusa, a barretinha bem aprumada sobre a cabeça estreita e quase desnuda de cabelo aparado muito rente. Tinha a alcunha de "Engenheiro". Sargento adido ao 1º Batalhão de Artilharia a pé, de guarnição na Fortaleza da Santa Cruz, no Rio de Janeiro, tinha já a licença precisa para a matrícula na Escola Militar, quando ali tomou parte na hoje esquecida revolta de 19 e 20 de janeiro de 1892, conseqüente ao golpe de Estado do Marechal Deodoro contra o Congresso. Como segundo sargento, Silvino de Macedo prendeu os oficiais, assumiu o comando da fortaleza e intimou Floriano a entregar o governo a Deodoro da Fonseca. Foi a revolta prontamente sufocada e Silvino de Macedo anistiado e excluído do Exército. Veio para o Recife e aqui identificado e preso.

O seu nome era um espantalho. Floriano Peixoto autorizou o fuzilamento. Às 5 horas de 14 de janeiro de 1894, no paiol da Imbiribeira, morria Silvino, proferindo a frase de comando: "no coração, fogo". O seu corpo, posteriormente exumado, encontra-se hoje enterrado na igreja da Várzea, no Recife. No "ANALETO GOIANENSE", o historiador Edmundo Jordão escreve sob o título "Bravo Goianense", a história vibrante de Silvino de Macedo. Hoje, SILVINO DE MACEDO é nome de rua em Goiana, no antigo "Beco Fundo", onde o nosso herói nasceu, no século passado. Trata-se de uma homenagem do povo goianense àquele que soube morrer com desassombro e bravura.

A Província, março de 1995.

LUZ ELÉTRICA DA CHESF

Levamos para a posteridade a manifestação de júbilo do povo de Goiana por ocasião da inauguração do serviço de luz elétrica da CHESF, nesta cidade, em 9 de setembro de 1956. Goiana ressurgiria na sua vida pública com o serviço de instalação de luz de "Paulo Afonso". A cidade triste de outrora, rejuvenesceu de repente, emergindo das sombras e vivendo noites claras de exuberante alegria, devendo-se tal fato a alguns de seus homens públicos que para tal fim, naquele tempo, não

mediram esforços e conseguiram, assim, a realização do que em tempos passados se julgou um sonho". Entre aqueles abnegados está Benigno Pessoa de Araújo, por duas vezes Prefeito de Goiana. Homem público por excelência e político sem ambição, doou os seus melhores anos de sua mocidade à terra que lhe acolheu carinhosamente, de tal forma que, não se pode, hoje, afirmar que Benigno não seria um filho desta terra. Foi-lhe conferido o título honorífico de "Cidadão de Goiana", através da Câmara Municipal, por requerimento do ilustre vereador Ludovico Andrade, num preito de gratidão pela luta incessante desse humanitário médico em benefício de seu povo. No dia da inauguração, com as ruas embandeiradas, a parte social dos festejos esteve bem organizada e para tanto contou com a colaboração do deputado José Francisco, que num árduo trabalho de sapa delineou o roteiro das comemorações.

O seus "barrigudos"de Itapirema compareceram ao desfile, 68 crianças fardadas saudaram garbosamente as autoridades. O general Cordeiro de Farias, sempre sorridente, na sua fleugma anglicana, deixou na memória do povo uma indelével impressão de simpatia. Recebeu da Câmara Municipal, presidida pelo vereador Mário Rodrigues, o título de "CIDADÃO DE GOIANA", inscrito em rico pergaminho, e sua simpática esposa dona Avany Cordeiro de Farias foi agraciada pela mulher goianense, na ocasião representada pela sra. Áurea Raposo Pinto, com um relógio secular, obra prima da "venerada arte suíça".

Num poste, onde foi colocada uma placa comemorativa (hoje desaparecida) na Av. Marechal Deodoro, o governador Cordeiro de Farias acionou a chave, dando por inaugurado o serviço de luz com energia da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco. Vários oradores se fizeram ouvir, naquela oportunidade, ressaltando o esforço do Governo, inaugurando, em tempo recorde, esse serviço de luz. Entre eles os srs. Prefeito Lourenço Gadelha; Eusébio Martins dos Santos,em nome do operário; dr. Benigno de Araújo; dr. Alcides R. de Sena e o cônego Fernando Passos - o maior orador sacro do Norte e Nordeste.

Os trabalhos de construção tiveram início no dia 2 de maio daquele ano, tendo a Fábrica de Tecidos de Goiana, naquele tempo ainda em funcionamento, um mês antes começado a receber energia da CHESF. Como parte final das homenagens foi cumprido o seguinte programa: "Cock-tail" oferecido pelo Poder Executivo Municipal à comitiva

visitante no Tenis Clube de Goiana, onde hoje fica o Banco do Brasil; homenagem da Banda Curica ao Governador do Estado, em sua sede; e jantar na residência do industrial Arnaud Nogueira. Estavam presentes às solenidades as bandas de música da Polícia Militar, a Saboeira e a Curica, encerrando com retreta na Rua Direita - hoje Praça de Eventos.

O general Cordeiro de Farias - governador do Estado, aproveitou a sua presença em Goiana para realizar as seguintes inaugurações: Aposição da placa com o nome General Joaquim Barbosa Cordeiro de Farias (que se dizia goianense), na antiga Rua do Fonseca; inauguração do ambulatório e do isolamento do hospital Belarmino Correia; inauguração da escola municipal Dr. Ludovico Corrêa, na Estrada de Cima, falando na ocasião o historiador João Carlos de Mendonça, Frei Ângelo Braga e com benção do prédio por Frei Batista Gadelha. Houve ainda desfile militar na Rua Direita, encerrando a Semana da Pátria. Na companhia do chefe do Executivo pernambucano, vieram os seus oficiais de gabinete, o sr. Cezário de Melo, presidente do IPSEP, os secretários Lael Sampaio, Geraldo Guedes, Aderbal Jurema, Artur Coutinho, Braulio Guimarães e Otávio Correia; universitários Carlos Galiza e Rivadávia Rocha; e os jornalistas Fernando Luiz da Câmara Cascudo, Wadimir Maia Calheiros e Alexandrino Rocha; cinegrafista Hilário Marcelino e o fotógrafo João Passos. O general Cordeiro e comitiva, após cumprido o programa elaborado pelo prefeito Lourenço Gadelha, regressaram ao Recife ali chegando depois das 21 horas. O convite oficial para as festas de inauguração da Luz de "Paulo Afonso" em Goiana, foi assinado por: Lourenço Gadelha - Prefeito; Mário Rodrigues - Presidente da Câmara Municipal e Alcides R. de Sena - Vice Prefeito.

A Província, fevereiro de 1995.

PATRIMÔNIO: CASA DE NUNES MACHADO

O Diario publicou na sua coluna "HÁ 50 ANOS" - edição de 17.12.94, o seguinte: "Patrimônio a zelar - Vimos como os goianenses correram em defesa da conservação da casa onde nasceu Nunes Machado".

Nascido em Goiana aos 15 de agosto de 1809, sendo filho legítimo de Bernardo José Fernandes e d. Margarida de Jesus Machado, à rua 15 de Novembro (antiga do Meio), nº 2. Morreu por uma bala na cabeça, vindo dos seus adversários, à rua da Soledade, no Recife, onde outrora funcionava a fábrica "Fratelli Vita", em 2 de fevereiro de 1849.

A casa onde ele nasceu foi abaixo, apesar do protesto do povo goianense. Ali existe apenas uma placa alusiva ao fato. Aqui, os administradores da coisa pública relegam ao segundo plano tudo que diz respeito ao patrimônio histórico.

A praça com o seu nome se encontra invadida por construções novas. Mesmo assim ali existe um busto do grande tribuno liberal, de inspiração artística de Bibiano Silva, inaugurado a 2 de fevereiro de 1948. Nunes Machado foi o primeiro juiz de Direito de Goiana. Defendeu os sentimentos autonomistas de Pernambuco.

Diario de Pernambuco, janeiro de 1995.

ARCÁDIA GOIANENSE

A Arcádia Goianense Frei Caneca, fundada em junho de 1942, realizava todos os domingos sessões, ora particulares para os sócios, ora quem lá aparecesse.

A sede provisória ficava no Convento do Carmo, onde outrora funcionou o Colégio Santo Alberto, além de um marianato. Nesse tempo

havia grande movimentação cultural em Goiana com a participação de Moacir Baracho, Benigno de Araújo, Otávio Pinto, Antônio Raposo, Durval Corrêa, frei Antônio Gonçalves, entre outros.

Todos tinham seu dia para discursar e debater sobre personalidades ou temas históricos de preferência ligados a este município. As datas cívicas também eram comemoradas. Com a sua biblioteca a Arcádia se transformou num centro de intensa atividade cultural. Hoje, Goiana com vários colégios, uma Escola de Comércio e uma Faculdade de Formação de Professores, pouco se fala disso.

Jornal do Commercio, março de 1993.

CONVENTO DA SOLEDADE

Quando Dom Pedro II esteve em Goiana, em 1859, visitou entre outros pontos históricos, o recolhimento de Nossa Senhora da Soledade, que funcionava junto ao convento do mesmo nome. Fez anotações no seu "diário"dos trabalhos das moças ali abandonadas, sem família, recolhidas e dedicadas à confecção de flores, croché feito com agulha e rendas de boa tecitura.

Eram na época 46 mulheres asiladas, órfãs em pleno estado de pobreza. O convento era dotado de boas acomodações, além de um grande sítio de fruteiras. A sua fundação data do século XVIII, por Frei Caetano de Missina, com um cruzeiro de pedra em frente, hoje numa praça arborizada.

A Assembléia provincial, tomando conhecimento do estado de aflição das infelizes órfãs concedia, anualmente uma subvenção de "oitocentos mil réis" ao Convento, cujas despesas eram avultadas para aquele tempo.

As recolhidas que ali viviam, às vezes, passavam o dia inteiro com "uma bolacha pequena e uma xícara de café de má qualidade" como alimento. Existia também próximo à portaria, uma "roda" para receber crianças enjeitadas, sendo aceitas e educadas às expensas do Convento. Hoje, no Convento da Soledade funciona o "Abrigo de São José" para os velhos - obra de misericórdia, merecedora de nossa ajuda.

Diario de Pernambuco, julho de 1993.

PROCISSÕES QUARESMAIS

Sob o aspecto religioso, evidenciam-se na história de Goiana as procissões quaresmais. Apesar de desaparecidas em grande parte, uma pequena minoria permanece, até hoje, fiel às nossas tradições religiosas. Graças à influência ibérica de nossos ancestrais portugueses, realizam-se ainda as "procissões quaresmais goianenses" do ENCERRO, PASSOS, ENCONTRO e SENHOR MORTO. Outras desapareceram como a dos "PENITENTES" através dos séculos pela decadência do sentimento religioso de nossa gente ou mesmo pela falta de interesse dos párocos daquele tempo em realizá-las (procissões das CINZAS e dos MARTÍRIOS entre outras), como era costume entre nós. No primeiro século de nossa colonização, na época da páscoa, já as ruas desta cidade por onde passavam as procissões tinham a fachada das casas ornamentadas com colchas de damasco que pendiam das janelas, jarras com flores, lanternas com mangas de vidro para o caso do préstito passar pela noite - esse costume é de origem portuguesa e que chegou até aos nossos dias com o carinho e o apego de nossos avoengos.

A Procissão dos Passos, que saiu pela primeira vez, no século XVII, em 1668, com a participação do herói da Restauração Pernambucana - André Vidal de Negreiros, proprietário do Engenho Novo, vem às ruas goianenses, promovida pela secular Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos com a presença em destaque das famílias Correia de Oliveira e Rabelo, tendo à frente o Conselheiro Antônio Corrêa do Tribunal de Contas do Estado. Esta procissão sempre se constituiu na maior solenidade do período quaresmal em Goiana com o comércio fechado e grande acompanhamento de fiéis. Os sete passos da procissão representam o episódio da Paixão de Jesus Cristo.

No passado, a quaresma começava com a procissão das CINZAS logo após ao "entrudo" (carnaval), tendo o seu conteúdo meio gaiato e carnavalesco. É por isso que hoje os carnavais ultrapassam a quarta-feira de cinzas, sem nenhum respeito à Igreja. A presença dos terceiros em tais préstitos é obrigatória, disse-me a sua atuante presidente -

senhorinha Alda Barreto. Assim, a Ordem Terceira do Carmo é um dos realces de nossas procissões quaresmais. A procissão dos PENITENTES tinha um conteúdo exótico. Aparecia à meia-noite da Sexta-feira da Paixão, entoando cantos fúnebres, com música de matraca e campainhas. O historiador Otávio Pinto, no seu livro "Velhas Histórias de Goiana" assim descreve a referida procissão: "Em grupo de penitentes, talvez uns doze, percorria a cidade, saindo da Matriz e indo pelas ruas Direita, Baixinha, Augusta, Conceição e Rosário, voltando à Matriz. Eles vestiam uma espécie de saia, porém, nus da cintura para cima, em passos cadenciados, conduzindo cada um deles uma bola de cera com pedaços de vidro e presa a um cordel. A cadência do préstito era marcada por um "baixo" metálico. À frente, um dos penitentes ia anunciando em voz arrastada e lúgubre a aproximação do cortejo e fazendo barulho com um baú, onde havia colocado umas pedras, como se fosse uma matraca. E lá iam os tristes penitentes, pela meia escuridão da madrugada, metidos em suas saias, nus da cintura para cima, marchando a passos cadenciados ao som do "baixo", com o arauto à frente, balançando o baú de pedras e anunciando a procissão. Não se podia ver o cortejo. Era pecado. E ninguém queria incorrer no castigo de Deus. O temor fazia com que todos respeitassem essa crença. Se alguém, contudo, por irreverência, quisesse observar o préstito, um punhado de areia lhe seria jogado nos olhos, sem se saber como e por quem. Durante o percurso, eram os lombos dos penitentes vergastados até correr sangue. Era o sacrifício, a penitência, o flagelo. E aqueles dorsos desnudos, iam sendo açoitados pela "disciplina" (espécie de chicote), sem um gemido, uma lágrima, uma queixa, no mesmo passo cadenciado ao som do "baixo", com o arauto, lá adiante, sacudindo o baú de pedras, com aquela sua voz rouca e lúgubre. Sempre marchando pela madrugada, com sangue a correr pela cintura, pelas pernas abaixo. "Quando talvez por tibieza, senão por descuido, falhava algum dos golpes, o companheiro mais próximo adiantava-se caridosamente e resgatava a omissão, provendo o temerato ou descuidado, com o arremesso de sua própria disciplina". Terminada a cerimônia religiosa, o dia já vinha clareando lá pelas bandas da barra do Rio Goiana. Os penitentes recolhidos à sacristia da Igreja Matriz passavam sobre as feridas das costas talos de bananeira, a fim de evitar uma infecção. E, logo depois, não claro ainda o dia, regressavam às suas casas, satisfeitos

da santa e piedosa missão cumprida". O historiador Álvaro Guerra (Mário Santiago) escreveu sobre a procissão dos Penitentes, acrescentando que a sua tia-bisavó D. Alexandrina Tavares, que morava na Rua Augusta, intrigada com aquele mistério e auxiliada pela sua irmã mais velha, burlou a vigilância de seus pais, indo espiar pela janela a tal procissão, precavida contra o punhado de areia. Ela reconheceu pessoas de projeção social, ficando apenas o nome de um deles - João José Tavares de Sá Albuquerque - notável musicista da época. O préstito era formado só por pessoas do sexo masculino; naquela época o sexo feminino não podia sequer vê-la passar. Às vezes, pediam esmolas para as almas.

Além dessas procissões existiam a dos Martírios, do Senhor Bom Jesus dos Pobres Aflitos, das Chagas, do Bom Jesus Atado, que deixaram de existir há muitos anos ou séculos. Dos tempos do pe. Estêvão Ribeiro da Silva (1666), Pe. João Batista Pereira (1705), Pe. Dr. Antônio de Castro, depois cônego da Sé de Olinda e depois tesoureiro mor colado (1706), entre muitos outros vigários e párocos de Goiana. Todas as procissões realizadas outrora nesta cidade eram acompanhadas por uma série de irmandades (cada igreja tinha uma), confrarias e ordem terceira que davam um colorido todo especial com os seus balandrões, cajados, lanternas e crucifixos de prata, além de suas roupas coloridas. Hoje, apenas a procissão dos Passos se apresenta com alguns traços da religiosidade daquela época - mantendo um pequeno acervo de nossas tradições religiosas. Ainda temos aqui as procissões dos ENFERMOS e da RESSURREIÇÃO, esta encerrando, no domingo de Páscoa, o ciclo das cerimônias religiosas da Semana Santa.

Todas se fazendo acompanhar do SANTO LENHO.

A Província, abril de 1994.

MUSEU DE ARTE SACRA

Em 19 de março de 1949, graças à pertinácia e ao espírito tradicionalista do então prefeito Lauro Raposo, foi instalado com festa, sob os acordes da "Curica", na igreja de Nossa Senhora do Amparo, em Goiana, o primeiro Museu de Arte Sacra de Pernambuco. O ato contou com a presença do bispo da Diocese de Nazaré, dom Carlos Coelho, que depois ocupou o Arcebispado de Olinda e Recife; do sr. Airton Carvalho, diretor do Serviço do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, em Pernambuco; do historiador Mário Melo, do prefeito de Goiana, e do vigário, cônego Fernando Passos, que pela oratória foi comparado ao saudoso dom Luiz de Brito: "Toda Goiana ali presente - Governo, Câmara, classes conservadoras, mundo feminino cristão, escolas, à frente o clero, vindo participar da efeméride tão significativa daquela tarde", disse em sua saudação.

O templo religioso do Amparo, que foi retirado do culto para adaptar-se ao Museu Sacro, já servia de sede provisória ao Instituto Histórico de Goiana, funcionando este precariamente no consistório da igreja desde a fase de sua restauração em 5 de maio de 1947.

Já por esse tempo havia um movimento de sentido renovador que tomava conta da cidade, encabeçado por valores aqui existentes e que davam um pouco de si, de sua inteligência, para projetar o nome da terra, a começar pela fundação da Arcádia Goianense Frei Caneca, sem esquecer, no entanto, o Teatro Peixoto Júnior de Clóvis Guimarães e o Centro Estudantino Goianense, com Moacir Baracho à frente.

Numa de suas andanças por este imenso Brasil, o jornalista Assis Chateaubriand, fundador dos Diários Associados e de muita

dedicação aos museus de São Paulo, esteve em Goiana a trato de negócios com o industrial José Albino Pimentel, e aqui, com sentimentalismo, fez a seguinte revelação: "Minha mãe nasceu nesta freguesia, aqui estudou e aqui casou na Igreja do Amparo dos Homens Pardos. Também em Goiana exerceu meu pai a sua primeira função pública".

Hoje, a referida igreja, com realce do estilo barroco de sua fachada, larga com cores desbotadas, tem na bonita praça, bem cuidada e arborizada, que lhe é fronteiriça, um convite ao viajante a visitar o museu tão esquecido e abandonado nos últimos tempos como uma verdadeira afronta ao sentimento cultural do nosso povo.

O museu possui 507 peças catalogadas para exposição, entre imagens de madeira, barro e marfim, santuários, custódias, resplendores, cálices, cruzes processionais, tocheiros, ostensórios, Crucificados, Virgens Maria de diversas invocações etc. Possui ainda um catálogo impresso na tipografia Violeta, desta cidade, organizado por Lauro Raposo, em 1950, quando prefeito, cuja edição se encontra esgotada.

Parece, à primeira vista, sem maiores estudos, que os prefeitos de outrora tinham o espírito mais arejado que os de hoje. Eles aliavam aos problemas da administração pública os da cultura, demonstrando assim o seu interesse em divulgar lá fora o nome da cidade. Infelizmente, de um certo tempo para cá tudo isso mudou. E com a "nova mentalidade administrativa", que avassala Goiana, as portas do Museu foram fechadas, o mofo tomou conta das imagens e quejandos, além do cupim e outros insetos que, certamente, fizeram delas, entre muitas a de Nossa Senhora do Leite, peça rara, a sua faina de destruição.

Podemos citar de memória, algumas das peças antigas de nossas igrejas, que figuraram na exposição inaugural, em 1949: "um ostensório com trabalho artístico impressionante e de riqueza fabulosa; uma cruz processional - obra relevantíssima em prata trabalhada; um santuário antigo, riquíssimo em dourados e

gravuras impressionantes". E ali, nesse acervo precioso, se encontra, entre outras, a imagem de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, datada do século XVII, e que todos os anos é retirada para presidir a procissão da padroeira no dia 7 de outubro. Certa feita, ela foi roubada, mas depois devolvida ao Museu, graças ao empenho do Governo do Estado.

Diario de Pernambuco, novembro de 1987.

IGREJAS

Das oito igrejas que restam em Goiana, todas são antigas e seculares. A dos Martírios, onde hoje fica o Hospital Belarmino Corrêa, ruiu no começo deste século por falta de cuidado e zelo da parte das autoridades eclesiásticas daquele tempo, quando, de um certo modo, os clérigos não ligavam muito para a conservação dos templos.

O mesmo ia acontecendo com a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em 1929, mas foi preservada pela ação de Antônio Raposo e do historiador Mário Melo, numa campanha através da imprensa, em sucessivos artigos nos jornais do Recife, contra as pretensões de alguns que opinavam pela demolição da mesma, já que um oitão estava meio inclinado, fora de prumo. Essa igreja provém do primeiro século e já foi matriz. E está tombada como as demais, o que equivale a dizer, sob a proteção do Governo Federal.

As nossas igrejas, mesmo maltratadas, são preciosidades raras, consideradas relíquias de um passado histórico invejável, e por isso não podem ser demolidas, nem tampouco desprezadas sob qualquer pretexto, pois são tesouros de nossa história. Goiana sem as suas igrejas fica descaracterizada, sem vida, sem história, sem passado.

Na igreja Matriz, ou seja, na igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Brancos, que fica na Rua Direita, como guardiã de nosso berço histórico com o seu padroeiro São Pedro, foi afixada uma lápide,

em 1962, que diz entre outras coisas o seguinte: "Matriz da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Goiana, criada em 1596, ampliada em 1705 pelos vigários Pe. Estêvão Ribeiro da Silveira e o Pe. João Batista Pereira". E mais em baixo: "Restaurada em 1962 por Frei Tarcísio de A. Fontes O. C". Neste ponto é que merece um reparo: não houve restauração, mas sim, demolição no que havia de belo e bonito na parte interna da referida igreja, no seu conjunto harmonioso de arte de caracteres antigos, da sua nave austera, restando agora pouca coisa a preservar das suas características originais. Foi um verdadeiro atentado à consciência histórica de Goiana, num vandalismo sem freio ao seu patrimônio, considerado intocável através dos tempos.

Da capela do Santíssimo, com a sua belíssima porta de madeira trabalhada (1705), foi tirada a grade, toda esculpida em madeira, e que, às vezes servia de mesa de comunhão, e levada para o lixo como coisa imprestável. E também o secular gradil de ferro que enfeitava e delimitava os espaços da nave foi também retirado e vendido como ferro velho, sem a menor consideração ao passado histórico de Goiana. As colunas, em forma de capitel, que sustentavam a viga mestra do coro, foram também demolidas, transformadas em metralhas sem outro uso senão para encher alicerces de casas em construção.

Outras mutilações ocorreram nessa mesma igreja na fase da chamada "restauração", quando na realidade, pelo exposto, foi um crime perpetrado à consciência católica, artística e histórica do povo de Goiana.

É de se chorar, dizia um padre em visita àquela igreja, tudo isso feito às barbas do Patrimônio Histórico, sem nenhuma reprimenda oficial. Tamanha destruição só sendo feita às escondidas, sem a chancela do povo, porque desprovida de amor à terra, às suas tradições mais caras. E assim, a fé do povo, já de si, frágil, foi abalada com tanto desprezo àquilo que lhe era sagrado, como veneração, nas suas preces, promessas e devoções.

Diario de Pernambuco, março de 1988.

PROCISSÕES DE GOIANA

Em Goiana, as procissões das igrejas aqui existentes, demonstram o espírito de religiosidade do nosso povo.

Agora mesmo, na Semana Santa, como vem acontecendo há séculos, realizou-se, numa demonstração de fé, a procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos, cujo andor, desde o tempo da Irmandade, sempre foi conduzido por representantes de tradicionais famílias goianenses, tais como: os Corrêa de Oliveira, Cunha Rabelo, Andrade Lira, Fonseca Lima, além de outras famílias de destaque do ciclo do açúcar desta terra. E o conselheiro Antônio Corrêa de Oliveira, cioso de suas obrigações com o passado, esteve mais uma vez, usando opa, à frente da referida procissão, que percorreu as principais ruas da cidade, visitando os "Sete Passos", localizados nas diferentes igrejas, inclusive o oratório do Bom Jesus do Horto, situado na Rua da Baixinha e pertencente à família Vergueiro desde 1640, e hoje lamentavelmente desprezado pelos seus descendentes, que não ligam para a tradição religiosa de seus antepassados.

Aqui, no passado, acontecia todos os anos, a procissão dos Penitentes. Era pela Semana Santa, de madrugada, quando todos ainda estavam dormindo.

Otávio Pinto, sócio do Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco, no seu livro "Velhas Histórias de Goiana", com capa de Lauria e edição da Casa Editora Vecchi Ltda. - Rio de Janeiro, assim descreve essa procissão: "Um grupo de penitentes, talvez uns doze, percorria a cidade, saindo da Matriz e indo pelas ruas Direita, Baixinha, Augusta, Conceição e Rosário, voltando à Matriz. Eles vestiam uma espécie de saia, porém nus da cintura para cima, em passo cadenciado, conduzindo cada um deles uma bola de cera com pedaços de vidro e presa a um cordel. A cadência do préstito era marcada por um "baixo" metálico. À frente, um dos penitentes ia anunciando em voz arrastada e lúgubre a aproximação do cortejo e fazendo barulho com um baú, onde havia colocado umas pedrinhas, como se fosse uma matraca.

Durante o percurso, eram os lombos dos penitentes vergastados até correr sangue. Era o sacrifício, a penitência, o flagelo. E aqueles dorsos desnudos, iam sendo açoitados pela "disciplina" (espécie de chicote), sem um gemido, uma lágrima, uma queixa, no mesmo passo cadenciado ao som do "baixo" com o arauto, lá adiante, sacudindo o baú de pedras, com aquela sua voz rouca e lúgubre. Sempre marchando pela madrugada, com sangue a correr pela cintura, pelas pernas abaixo. Quando talvez por tibieza, senão por descuido, falhava algum dos golpes, o companheiro mais próximo adiantava-se caridosamente a resgatar a omissão, provendo o descuidado, com arremesso da sua própria disciplina".

Terminada a cerimônia, o dia já vinha clareando lá pelas bandas da barra do rio Goiana. Os penitentes recolhidos à sacristia da igreja-matriz passavam sobre as feridas das costas talos de bananeiras, a fim de evitar uma infecção. E, logo depois, não claro ainda o dia, regressavam às suas casas, satisfeitos da santa e piedosa missão cumprida."

O historiador Álvaro Alvim (Mário Santiago) escreveu sobre a procissão dos Penitentes, acrescentando que sua tia-bisavó d. Alexandrina Tavares, que morava na Rua Augusta, intrigada com aquele mistério e auxiliada pela sua irmã mais velha, burlou a vigilância dos seus pais, indo espiar pela janela a tal procissão, precavida contra o punhado de areia, costumeiramente jogado nos olhos dos espiões. Ela reconheceu pessoas de projeção social, ficando apenas o nome de um deles - João José Tavares de Sá Albuquerque, notável musicista da época (mestre da Saboeira).

No livro "O Crime de Padre Amaro", de Eça de Queiroz, vamos encontrar coisa semelhante com a procissão do Auto-de-fé (Penitentes).

Era Goiana seguindo os passos de seus ancestrais portugueses com rituais exóticos e cânticos à moda do bíblico Miserere.

Diario de Pernambuco, abril de 1988.

MUSEUS ESQUECIDOS

O DIARIO DE PERNAMBUCO no seu caderno "Turismo", publicado em 4 de novembro de 1987, trouxe uma reportagem interessante sobre os museus existentes em Pernambuco, com o título "Os museus de Pernambuco contam a nossa história".

Na época, ao ler a referida reportagem, fiquei desolado, sabendo que em 1949, ou seja, 41 anos atrás, Goiana estava em festa com a inauguração de seu Museu de Arte Sacra, considerado o primeiro de Pernambuco no seu gênero, e hoje aparece desativado, ou melhor, destruído pelo desprezo que lhe foi dado com a complacência do Poder Público municipal daquele tempo.

É de lamentar o que vem acontecendo em Goiana nos últimos tempos, quanto ao abandono e falta de apoio ao funcionamento das Casas ligadas à cultura, como sejam o Instituto Histórico de Goiana, fundado no século passado por dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida e o Museu de Arte Sacra, que funcionava na igreja do Amparo dos Homens Pardos. E o que é engraçado em tudo isso, é que ninguém sabe do paradeiro do acervo do citado Museu, constante de 454 peças, de acordo com o catálogo, publicado pela Prefeitura em 1950.

As administrações se sucedem sem que os prefeitos tomem conhecimento desse assunto tão relevante para a cultura de nosso povo. Quando se fala em turismo em Goiana, só vejo o Buraco da Jia e Zé do Carmo com os seus bonecos de cerâmica, a outra parte que tem mais história e grandeza artística que nos legaram os nossos antepassados vive no esquecimento e completo abandono como as nossas igrejas seculares, o nosso canal, as nossas praias, além de outros recantos pitorescos.

Diario de Pernambuco, janeiro de 1991.

IGREJA DA MISERICÓRDIA

A pedra fundamental da Igreja da Misericórdia, desta cidade, data de 22 de setembro de 1722, e só em 1726 a construção, em estilo barroco, chegou ao fim. Anos depois se iniciou a construção de um hospital (Hospital da Santa Casa), anexo, à igreja, aliás, o primeiro hospital de Goiana (1759 - 1931).

Ainda existe um portão lateral (de ferro), que lhe dava acesso. No capela-mor dessa igreja estão enterradas, sem lápide, as mãos do Padre Tenório, revolucionário de 1817. As suas imagens, todas do século XVIII: N. S. dos Milagres, Santa Luzia, Santo Antônio, São Pedro, Santa Ana e um Crucificado de grande porte.

A igreja, hoje está em estado precário de conservação. O madeirame (traves e caibros) do teto já não suportava o peso das telhas, estava podre pela ação do cupim. Há vários meses sem missa com as portas fechadas e descoberta. Enquanto isso, funciona com boa conservação, a parte do antigo hospital, adaptada ao funcionamento de uma creche. Já foi uma igreja rica com um grande patrimônio (engenhos e fazendas de gado), mas tudo desapareceu pelo usucapião.

Jornal do Commercio, maio de 1992.

CONVENTO DO CARMO

A solenidade do lançamento da pedra fundamental do atual Convento do Carmo de Goiana, realizada em 28 de dezembro de 1679, contou com a presença de André Vidal de Negreiros - ex-Governador do Reino de Angola, do Estado do Maranhão e da Capitania de Pernambuco, que opinou ficasse o mesmo sob a invocação de Santo Alberto para lembrar o vigário provincial do ano de sua fundação (1666). Registrando o seu entusiasmo pela construção, fez a doação de 120 arrobas de

açúcar branco para prosseguimento das obras. O primitivo convento era de taipa e já estava bastante deteriorado, quando se pensou em erguer um novo de pedra e cal.

A contar dos seus primeiros dias, o patrimônio do Convento do Carmo foi aumentando com o suceder das doações de terras com o Engenho Japomim, a propriedade Água Branca em Nazaré da Mata, a fazenda Pendência no interior do Ceará e de outras tantas terras foreiras, além de várias casas na Rua do Rio desta cidade e no Recife. O livro de registr desse fabuloso patrimônio com as anotações do grande número de propriedades e foreiros respectivos, desapareceu misteriosamente e hoje jaz na poeira dos séculos. Naquela época era costume se fazer doação de casas e terras às igrejas.

A reforma Turônica foi introduzida no Convento do Carmo desta Cidade pelo venerável Frei João de São José em 1677, constituindo-se o primeiro a adotar, no Brasil, o novo regulamento disciplinar dos Carmelitas. Por isso foi transformado em Casa Capitular da nova Província carmelitana então surgida com a adesão dos conventos do Recife e da Paraíba (hoje João Pessoa), tendo como o seu primeiro vigário provincial Fr. Manuel de Assunção. Naquele tempo a atividade dos carmelitas limitava-se à vida conventural e ao ensino de Filosofia e Teologia, instalado em 1681 para religiosos e seculares. Em conseqüência desse curso, que penetrou até meados do século XIX, e das prédicas e missões realizadas pelos carmelitas, o Conselho Ultramarino concedeu uma ajuda anual de cem mil réis, por dez (10) anos, às obras de reconstrução do Convento. Com o mesmo fim e também para a igreja, Dom João V determinou, em 1726, um auxílio de 200 mil réis por ano, durante o quinqüênio.

Data de novembro de 1783 a presença de Manuel Arruda da Câmara como frade carmelita em Goiana, conhecido pelo nome religioso de Manuel do Coração de Jesus. Sentindo pendor pelas ciências, obteve o breve de secularização e estudou em Coimbra para depois, em 1789, na Universidade de Montpellier, colar grau em medicina. De volta aos seus pagos, Arruda da Câmara já trazia na bagagem dos seus conhecimentos a fama de grande botânico. E de pé fincado no massapê das várzeas e no areial dos nossos tabuleiros, instalou com técnica científica um laboratório rural em Goiana para dar-lhe, como resultado de suas pesquisas e enxertos no ananás do Maranhão, a glória do

primeiro abacaxi do Brasil, conseqüentemente do mundo. Estão, portanto, fincadas no solo goianense as raízes genéticas do abacaxi, e com isso ficou selada a "glória universal" para a decantada "GUEENA", de nossos avoengos. Não se restringem apenas ao campo científico as atividades do ex-carmelita e sábio Arruda da Câmara. Dos seus estudos na França, no fim do setencentismo, resultou também o culto à liberdade, pregados pelos filósofos Voltaire, Montesquieu e Rousseau. E assim, com vibração liberal e ardor republicano, fundou na fronteira de Pernambuco com a Paraíba o famosos Areópago de Itambé - círculo de doutrinação das idéias libertárias e que culminou com a conspiração dos Suassuna em 1801 - ponto de partida de nossa rebeldia contra o julgo português nas terras pernambucanas. Do Areópago partiu a idéia de fazer de Pernambuco uma República, sob a proteção de Napoleão Bonaparte - Imperador dos franceses. O sábio naturalista também é conhecido mundialmente como o pioneiro no movimento de propagação dos princípios maçônicos em terras brasileiras. Faleceu em 25 de maio de 1811 e foi sepultado na igreja de Nossa Senhora do Carmo, no Recife, na impossibilidade de ser trasladado para Goiana.

Cabe aqui mais uma vez, um apelo à egrégia Câmara de Vereadores e ao Poder Executivo deste Município de gloriosas tradições, no sentido de dar pelo menos a uma das ruas de nossa Cidade o nome do sábio MANUEL ARRUDA DA CÂMARA para representar a homenagem do povo goianense ao grande naturalista que tudo fez para através dos livros tornar gloriosa a terra que tanto amou.

A Província, setembro de 1994.

IGREJA DA CONCEIÇÃO

As igrejas de Goiana, todas são seculares. Apenas uma ruiu até aqui - a dos Martírios (1859). As demais, mesmo sem conservação, estão em pé (só Deus sabe como).

Aqui, temos também a festa da Conceição, com muita tradição e pompas religiosas. O dia 8 de dezembro tornou-se feriado municipal, todo ele dedicado às homenagens a N. S. da Conceição, muito ligada

aos operários da "fábrica de tecidos", hoje apenas um arremedo de fábrica com poucos teares para fabricação de fios.

Das festas religiosas, aliás, é o que não falta em Goiana, é a mais concorrida. No tempo de cel. José Albino Pimentel, ele tomou para si a responsabilidade da citada festa. Havia, então, girândolas de mais de meia-hora de duração, de foguetório espocando no ar.

Agora, há uma comissão encarregada da organização dos festejos. A igreja fica localizada na área fabril da Cidade, e data de 1807. De estilo barroco, possui imagens brasileiras do século 18, todas em madeira: N. S. da Conceição, N. S. do Rosário, Menino Jesus e Santo Elias.

Diario de Pernambuco, dezembro de 1994.

IGREJA DOS PRETOS

Em Goiana, por incrível que pareça, há uma espécie de discriminação racial, de cunho religioso, entre as duas igrejas do ROSÁRIO - a dos "homens brancos" e a dos "homens pretos", esta com tradição maior a zelar, pois data do primeiro século. Tudo isso, ao que parece, fomentado pela Prefeitura. Essa história representa coisa inédita no Brasil, depois da abolição da escravatura, em 1888.

Vamos aos fatos: enquanto a Igreja do Rosário dos Homens Pretos vive entregue às baratas, aos morcegos, cupins e maribondos, com a sua fachada de pedras esculpidas cobertas de lodo, sujas, lameadas e de odor pútrido, a Igreja do Rosário dos Homens Brancos recebe da parte da Prefeitura tratamento especializado, como pintura renovada todos os anos, fachada iluminada com refletores, inclusive as goteiras tiradas durante o inverno.

Hoje, quando não há mais confrarias (ou irmandades) em nossas igrejas seculares, cabe à Prefeitura zelar por esse patrimônio apreciável. Não há necessidade de trazer gente de fora para arrancar do telhado da "igreja de São Benedito" as jurubebas frondosas, para limpar ou lavar,

com água e vassoura, as pedras esculpidas de sua encantadora fachada, e ainda tapar os buracos de suas paredes, cujos rebocos já desapareceram pela ação do tempo. Agora, a parte interna com os altares, esta sim, está a exigir a presença de profissionais especializados. Será então a vez do Patrimônio Histórico (talvez no próximo século). Mas lavar pedras, tapar buracos e arrancar matos do telhado da velha igreja, cabe, por direito e amor a Goiana, à Prefeitura, tão longe desse tipo de ação nos últimos tempos.

Na igreja de Nossa Senhora dos Homens Pretos, o padre Elódio celebrava as suas missas no fim do século passado. Ela faz parte do patrimônio artístico de Goiana e foi a sua primeira matriz. Conservá-la é dever nosso. Não há dúvida que ela é do primeiro século e não se deve destruir um monumento de tanto valor por simples questão contornável de tráfego ou parede em desnível como ocorrera pouco antes de 1930. Por um requerimento existente no bispado, de 1802, se verifica que seu patrimônio datava de 1692, quando já edificada a igreja. Segundo Padre Silvino Guedes, ex-vigário forâneo de Goiana, a paróquia de Nossa Senhora foi criada no século XVI. "Não há paróquia sem sede, sem existência anterior de uma capela", logo, a Igreja do Rosário, que vem escapando de demolições, tem os seus princípios no primeiro século pelo desejo e devoções dos negros escravos de Goiana. Em tempos de festas, os negros realizavam em frente à Igreja, brincadeira popular chamada de "dança dos Congos", de raízes genuinamente africanas. Ali, entre muitas imagens, existia uma que se destacava pela devoção do povo, era a de São Benedito, ora recolhida no Museu de Arte Sacra de Goiana. As nossas igrejas, mesmo maltratadas como a do Rosário dos Pretos, são preciosidades raras, consideradas relíquias de um passado histórico invejável, e por isso não podem ser demolidas nem tampouco desprezadas sob qualquer pretexto, pois são tesouros de nossa história. Goiana sem as suas igrejas fica descaracterizada, sem vida, sem história, sem passado.

Antigamente cada igreja de Goiana tinha a sua confraria ou irmandade. A de São Benedito, ereta na igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, usava hábito talar, capa e capuz de lã cor de cinza. A reunião se realizava no consistório dessa mesma igreja, como aconteceu com a posse dos "Reis do Congo", em 1838. A festa de São Benedito, uma das mais populares daqui, sempre mereceu

destaque com o "brinquedo dos congos". Muitas famílias católicas não gostavam do tal brinquedo. Certa vez, numa festa de São Benedito, puseram em cena, em frente à igreja, o "inocente brinquedo". Boa parte do povo ali presente não gostou. Reagiu aos gritos e pedradas, dissolvendo o "teatro"dos escravos. Mas, na Estrada de Cima os alegres atores eram aplaudidos, havendo música de assovio com "palmas de tacão".

Atualmente, a igreja dos homens Pretos está em ruínas. O beiral de estilo colonial desabou em grande parte nos dois oitões, em noite chuvosa. O prefeito prometeu tapar os buracos da velha e histórica igreja, mas até aqui nada fez de positivo, deixando-se levar pelas promessas do Patrimônio Histórico que, por si, só faz prometer. O povo de Goiana deve se arregimentar a fim de evitar o desaparecimento dessa igreja do burgo quatrocentão. Os goianenses devem tomar uma atitude corajosa, já que os seus legítimos representantes (os vereadores), da Câmara Municipal, não soltam um "pio" em defesa da secular "igreja dos pretos". Protestamos contra essa discriminação absurda, mesmo de sentido religioso. As leis brasileiras proíbem manifestação de racismo desse porte.

A Província, dezembro de 1995.

COLÉGIO DA SAGRADA FAMÍLIA

Com a reportagem do historiador Tadeu Rocha, publicada em maio de 1951, no Diario de Pernambuco, ficou patenteada a presença, no começo deste século, de freiras francesas em solo goianense. Constata-se que no vale do Capibaribe-Mirim, a poucos quilômetros da cidade de Goiana, foi construída, nos fins do século passado, a Usina "João Alfredo", em terras do "Engenho Novo de Santo Antônio", que André Vidal de Negreiros fundara no começo do século XVIII, e ali construíra uma capelinha rústica para lhe servir de túmulo e depois ser levado para a igreja dos Prazeres nos montes Guararapes, onde repousa ao

lado dos demais chefes da Restauração Pernambucana. Como diretor-gerente daquela empresa, fundada durante o primeiro surto industrial brasileiro, aparece a figura do fluminense de Cantagalo, ligado ao grupo de Pierre Collier, o engenheiro Carlos Alberto de Menezes, impregnado de espírito vicentino, a implantar naquele recanto das terras goianenses, uma obra de ação social entre os trabalhadores rurais recém-saídos da escravidão, chamada de "Corporação Operária de Goiana", que hoje chamaríamos de Sindicato Rural. Dali floresceu o sindicalismo rural do Brasil. Naquela oportunidade e dentro das normas do cristianismo social, Carlos Alberto, tendo ao seu lado o também engenheiro Luiz Correia de Brito, que mais tarde foi prefeito de Goiana e depois deputado federal e senador da República, conseguiu trazer da França, para ajudá-lo no êxito do serviço social em execução, um grupo de oito beneméritas Irmãs da congregação da Sagrada Família com sede em Ville Franché, isto por volta de 1901. Mais tarde, em 1905, com a ajuda e incentivo de dr. Correia de Brito, radicado em Goiana e aqui vivendo, e também do influente político da época Francisco Veloso de Melo, tivemos a feliz sorte de receber em nossa cidade mais um grupo de religiosas francesas: irmã Maria Serafina - a Superiora (que após 21 anos de abnegação faleceu no Recife), irmã Maria Armelle (que a substituiu como superiora), irmã Letícia e irmã Prosperina, para fundar o Colégio da Sagrada Família, sob o patrocínio de Nossa Senhora do Rosário. O referido colégio começou a funcionar num velho sobrado na Rua Direita, que foi demolido na década de cinquenta, sob o protesto dos goianenses.

Segundo ex-aluna daquele educandário, a saudosa Áurea Raposo Pinto, chegaram depois: irmã Flávia, irmã Josefina, irmã Umbertina, irmã Nízia, irmã Leonarda, irmã Rosa (todas francesas). A única brasileira naquele tempo era a jovem irmã Aurora e depois a irmã Maria Olímpia, que sempre ensinou música. Já em 1921, graças aos esforços do padre Silvino Guedes, vigário desta paróquia, e do Cel. Diogo Soares da Cunha Rabelo, e ainda à dedicação e ao interesse pessoal da saudosa irmã Maria Armelle, que muito fez pelo ensino em Goiana, foi construido um prédio próprio, na Praça Duque de Caxias, onde funciona até hoje o Colégio da Sagrada Família - uma das relíquias de Goiana.

A Província, abril de 1995.

CEMITÉRIOS SECULARIZADOS

A partir da República (1889), os cemitérios foram secularizados. Antes eram administrados pela Igreja, que tinha as suas normas de sepultamento, atingindo com isso as crianças pagãs que eram enterradas fora do cemitério.

No Recife houve o caso do general Abreu e Lima, cuja sepultura foi negada pelo bispo Cardoso Ayres, mas os ingleses o acolheram no seu cemitério na Av. Cruz Cabugá, e lá permanece recebendo honras militares.

Este ano como de costume, fui visitar no cemitério das Quintas, o túmulo de meus pais e lá encontrei mausoléus abandonados como o do Barão de Goiana com o mato crescendo em sua volta.

Nas sepulturas que outrora pertenciam às irmandades de nossas igrejas estão enterrados Benigno de Araújo (prefeito), Durval Correia de Andrade, Roberto Guimarães (juiz de Direito), pe. Anselmo Batalha (vigário em 1907) e outros.

O túmulo mais antigo data de 1880, e já neste século encontramos o de Matias Pinto e Belisana Labatut, descendente do general Pedro Labatut que concorreu para a independência do Brasil; o de monsenhor Júlio Maria do Rego Barros; Ângelo Jordão de Vasconcelos (prefeito); José Rodrigues Peixoto Júnior; dr. Belarmino Corrêa de Oliveira (primeiro prefeito de Goiana); Antônio Raposo (prefeito em 1931) e muitos outros túmulos de pessoas notáveis de Goiana. Antigamente, na época do Império, o sepultamento também era realizado no interior das nossas igrejas.

Na Igreja da Misericórdia foram enterradas as mãos do padre Pedro Tenório - Mártir da Revolução de 1817.

Diario de Pernambuco, novembro de 1991.

PRIMAZIAS

De Goiana têm partido movimentos que a tornam admirada. Aqui se organizou, em 1821, o primeiro governo da Província, formado por matutos que, de armas nas mãos, foram depor o último capitão-general, nomeado pelo rei e a 26 de outubro, antes da façanha do príncipe regente em Ipiranga fizeram, de fato, nossa independência. Aqui, a 13 de maio de 1888, não encontrou a lei a quem libertar compulsoriamente, porque, quando a princesa sancionou não havia mais escravos em Goiana. A 25 de março daquele ano, os últimos senhores que possuíam escravos os libertaram coletivamente.

Aqui, estão sobreviventes, exemplo único no Brasil, duas bandas de música (Curica e Saboeira), que festejaram o centenário, respectivamente, em 1948 e 1949.

Em Goiana, tivemos outra prova de cultura com a instalação em 1950 do museu de arte religiosa - o primeiro do nordeste brasileiro. É pena que tenha fechado por incúria dos governantes.

A primeira assembléia reunida na América, foi a dos índios que pleiteavam governo representativo e ocorreu em Goiana, na aldeia Itapecirica, em 1645.

O primeiro automóvel que entrou no Brasil foi o adquirido no ano de 1901 pela Companhia de Transportes de Goiana. Além de outras primazias, que glorificam esta terra.

Jornal do Commercio, maio de 1991.

CONVENÇÃO DE BEBERIBE

A CONVENÇÃO DE BEBERIBE, em 5 de outubro de 1821, foi o coroamento da Revolução de Goiana, iniciada a 29 de agosto do mesmo ano, para depor Luiz do Rego, militar, fanfarrão e mau, do governo de Pernambuco.

Naquele dia era, pela primeira vez, eleito no Brasil um governo autônomo, composto de republicanos - à frente Gervásio Pires Ferreira.

Com um embarque fracamente concorrido Luiz do Rego deixava para sempre Pernambuco. Sua passagem é recordada através do folclore: "Luiz do Rego era guerreiro, / Sete Batalhas venceu, / Mas na oitava, de Goiana, / Deu de gâmbias e correu".

Contam os cronistas da época, que de quando em quando Luiz do Rego mandava tocar a rebate, quando havia incêndio no Recife e todo cidadão era obrigado a sair de casa e partir em socorro, conforme as badaladas dos sinos das igrejas. Valia-se disso, com os lares desprotegidos, para se apropriar de uma de suas vítimas, eleita para aquela noite. Em iguais sobressaltos viviam os conventos de freiras. E a causa imediata do tiro que levou na ponte da Boa Vista, foi a tentativa de assalto ao convento de Goiana, onde João do Souto Maior tinha uma irmã.

Pernambuco não podia suportar, por mais tempo, aquele devasso. Não tendo morrido na emboscada, era preciso libertar-se Pernambuco de qualquer modo.

Organizou-se então a revolução de matutos, corajosos e destemidos, em Goiana. E foi o fim de Luiz do Rego. Viu-se forçado a deixar o governo e, contra sua vontade, foi curtir mágoas sobre as ondas a caminho de Portugal.

Jornal do Commercio, outubro de 1991.

VISITA IMPERIAL

Dom Pedro II esteve em Goiana, quando de sua viagem a Pernambuco, em 1859. Aqui foi aclamado pelo povo e aproveitou para visitar igrejas e escolas. Daqui foi a Tejucopapo conhecer as trincheiras, onde, já neste século, em 1931, o prefeito Antônio Raposo construiu um obelisco em homenagem às Heroínas. A dinastia imperial no Brasil começou com Pedro I e durou 67 anos até a proclamação da República, em 1889. Foram 389 anos de regime monárquico, dos quais 308 como Colônia, 14 como sede do Reino Unido ao de Portugal e Algarves e 67 anos sob a forma Imperial.

A D. Pedro I, sucedeu D. Pedro II, o soberano mais ilustre do seu tempo. No exílio, desapareceram dois ilustres membros da "Casa Imperial", os príncipes Luís e Antônio de Bragança, aliás, os únicos brasileiros mortos na Grande Guerra. Longe de seu país faleceram também a princesa Isabel - a redentora - e seu esposo, o príncipe Gastão de Orleans, Conde d'Eu, brasileiro adotivo, veterano da Guerra do Paraguai. Em 1968 veio a Goiana D. Pedro Henrique de Orleans e Bragança, numa visita sentimental, com o interesse de percorrer, a pé, as ruas antigas, visitadas por seu bisavô, e foi recebido com efusivas demonstrações de entusiasmo e carinho.

Há poucos dias (maio/91), trazido pelo Provedor da Santa Casa - Dr. Expedito Corrêa - Dom Bertrand de Orleans e Bragança, segundo da linha sucessória, pois quem está na agulha é seu irmão Luís (solteiro), se a Monarquia for restaurada em 1993, visitou a igreja da Misericórdia, com os sinos repicando festivamente. Depois foi conhecer o engenho Miranda, dos herdeiros do saudoso Dr. Antônio C.O.A. Lira entre eles o conselheiro e historiador Antônio Corrêa de Oliveira. O almoço aconteceu no Buraco da Jia, com pratos de comida típica, onde D. Bertrand e comitiva fizeram as despedidas.

Diario de Pernambuco, julho de 1991.

"ALMANAQUE DE GOIANA"

O "Almanaque de Goiana" que circulou nesta cidade, sob a direção de Ângelo Jordão, em 1930, foi impresso nas oficinas gráficas - Empresa Jornal do Commercio Ltda.

Além da parte histórica que contém, ainda apresenta um bom número de "histórias humorísticas", que prendem a nossa atenção até o fim. "Leilão de Maridos" é uma delas. Vamos ao mérito: "Ela despertou chorosa e ele meigo e carinhoso, indagou - o que tens? O que sonhaste? - Um sonho mau, impressionante. Estava na feira. Na porta da Paulista, aquele eterno reclame: "Mescla. Machado", estava substituído por um cartaz com a inscrição - LEILÃO DE MARIDOS. Entrei. Nada de tecidos. Homens, somente homens, louros, morenos, pretos, bonitos uns, repelentes outros. Alguns enfileirados em decentes vitrines, outros a granel como batatas ou em feixes como cana. Eram maridos expostos para liquidação e havia para todos os preços: desde vinte contos de réis, até um tostão. Lá estavas tu, também figurando - Eu também? Bom marido como sou, certamente estava classificado em primeira linha. - Nisto é que consiste o meu desapontamento. Tu queridinho, servias de amostra. Eras cotado entre os maridos que abarrotam o mercado e estavas com a seguinte nota: REFUGO; um molho destes maridos, custa cem réis.

Jornal do Commercio, agosto de 1991.

ORIGEM DO ABACAXI

"O abacaxi é de Goiana". Assim se expressou o historiador Luiz da Câmara Cascudo ao concluir o seu exaustivo trabalho de pesquisa em 1966 sobre a origem do abacaxi. Trata-se de uma planta genuinamente tropical, característica do Nordeste brasileiro, que nos tabuleiros, areais e terras adjacentes das várzeas dos rios Capibaribe-mirim e Tracunhaém em Goiana, encontrou o seu habitat.

As suas raízes genéricas assim definidas, foram fincadas em solo goianense no século XIX, através de persistentes experiências e processos de enxertos no ananás - planta primitiva do Maranhão, com mudas definitivas de variedade insuperáveis, conhecidas pelo povo como "abacaxi roxo", "amarelo", entre outros, e com especial destaque o famoso "pico de rosa" de polpa macia, dourada, aromática e de excelente sabor. Tudo isso, devemos aos conhecimentos científicos do sábio naturalista Manuel de Arruda Câmara, concentrado em estudos especializados em seu laboratório rural, instalado em Goiana.

A partir daí, a decantada Guenna de nossos avoengos se transformou no berço do primeiro abacaxi do Brasil e, conseqüentemente do mundo. Glória esta que lhe é merecidamente outorgada e de um modo mais amplo a Pernambuco, por ter sido conquistada sem ingerências estrangeiras, pois tudo foi realizado pelo idealismo e entusiasmo do botânico Arruda Câmara, que viveu grande parte de sua vida em Goiana, onde, em 1783, fez o curso de Teologia no Convento do Carmo para depois, com os efeitos do Breve da secularização, seguir para Coimbra, e posteriormente, em curso brilhante na Universidade de Montpellier (França), em 1789, colar grau em medicina, sonho de sua infância, que se tornou uma obsessão pelo estudo de "ciências naturais" e especialmente, de "plantas medicinais", atraído pela imensa variedade existente na flora equatorial das terras brasileiras.

Faz muito tempo, eu ainda estudava no Liceu Pernambucano do saudoso Pedro Augusto Carneiro Leão, quando correu a notícia de que Pernambuco havia perdido a primazia do cultivo do abacaxi para a

Paraíba, e que as suas terras tinham voltado à monocultura canaviera.

E hoje, não existe mais o tão decantado "Cais do Abacaxi", na Avenida Martins de Barros do Recife. Ali chegavam as barcaças vindas de Goiana, carregadas de abacaxis "pico de rosa", que aos montões deixavam exalar o seu aroma agradável, atraindo turistas interessados em conhecer as frutas da terra. Eram servidos em "rodelas espessas ou em talhadas sedutoras", tão do gosto de dom Pedro II, quando esteve em Goiana no século passado. Com o passar do tempo, tudo se acabou. Resta apenas a lembrança da época áurea do abacaxi de Pernambuco.

Daqui, formulo um apelo ao prefeito de Goiana, Harlan Gadelha, para que em uma das ruas de Goiana seja lembrado o nome do sábio Manuel de Arruda Câmara como homenagem da terra que tanto amou.

Diario de Pernambuco, junho de 1984.

ELEIÇÕES DE 1935

O Diario de Pernambuco publicou na sua página "Opinião" de terça-feira, dia 4 de agosto, um artigo sob o título "Goiana - Eleições de 1935" do professor Ranulfo de Oliveira Lima, ligado a esta terra por laços familiares de histórica tradição.

De fato, nunca se viu tanta efervescência política em Goiana como nos dois meses que antecederam às eleições de 8 de outubro de 1935 para Prefeito deste município.

A exaltação dos comícios e passeatas ficava por conta dos oradores, da eloqüência de cada um dos pregoeiros das qualidades cívicas de seus candidatos.

Políticos do Recife e de outras cidades foram atraídos pelo calor dos debates e para cá vieram com os seus discursos inflamados, a fim de defender de um lado Benigno Pessoa de Araújo, do outro Diogo Soares da Cunha Rabelo, duas figuras altaneiras e de méritos indiscutíveis para governar Goiana.

As paixões se exarcebaram com doestos pelos jornais em circulação

na época nesta cidade: "O Imparcial" com o seu redator-chefe Ranulfo de Oliveira Lima, se orientava na defesa do nome de Diogo Rabelo pela legenda "Tudo Por Goiana". Já "O Goianense", afeito às porfias políticas desde a Revolução de 30, sob a responsabilidade redacional de Ângelo Jordão Filho, apoiava o médico Benigno de Araújo pelo P.S.D. - partido situacionista. E em Goianinha, hoje Condado, "O Atalaia", jornal dirigido por Hélio Tavares e Ludovico Andrade, se posicionava também pela candidatura do médico por se identificar mais com o povo.

E assim, delimitado os campos da pugna eleitoral, o então deputado Antônio Raposo faz a sua pregação política em praça pública a favor do candidato do PDS e proclama patrono dos interesses do Partido, junto à Justiça Eleitoral. E ainda rebate as acusações feitas ao seu candidato e entra de rijo na campanha com ardor e entusiasmo de quem quer vencer.

Participando da força propulsora que levou Benigno de Araújo à vitória, destacava-se também a figura do então prefeito José Pinto de Abreu, político tarimbado, e já por duas vezes à frente da edilidade goianense.

O coronel Diogo Rabelo como era conhecido e que não logrou êxito em sua campanha, perdendo por pequena margem de votos, foi no passado chefe do Partido Dantista em Goiana. Era um tipo fidalgo sempre voltado às causas nobres. As freiras do Sagrada Família muito lhe devem pela construção do imponente edifício da Praça Duque de Caxias, nesta cidade, que serve de Colégio ao ensino de 1° e 2° graus.

Quanto a Benigno de Araújo, veio para Goiana em 1928 por influência de Manoel Borba, ex-governador de Pernambuco, ainda jovem e recém-formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, a velha e tradicional Casa do Ensino Médico no Brasil, criado por Dom João VI, em 1808, a pedido de Correia Picanço, 1° Barão de Goiana.

O candidato vitorioso nas urnas de 35, aqui chegou com tese doutoral, aprovada pela Congregação daquele estabelecimento de elevada cultura de nosso País, para atender aos operários da Fábrica de Tecidos, tornando-se mais tarde, em 1951, e já mais uma vez Prefeito, "cidadão honorário e benemérito de Goiana", por lei municipal, pelos serviços prestados à terra, que amou como se fosse um goianense nato.

Diario de Pernambuco, setembro de 1987.

LEMBRANÇAS DE UBIARA

Fui encontrar no arquivo deixado pelo estudante Ubiara Jorge da Fonsêca coisas interessantes a respeito de "histórias em quadrinhos". Ele, que faleceu ainda moço, cheio de esperanças, colecionava entre outros jornalzinhos, o "JÚNIOR", suplemento infantil do Diario, na época em que circulava sob a direção de Fernando Spencer, isto por volta de 1973, já no seu VI ano de publicação, recheado de literatura infantil e do agrado também dos adultos. Todos, pais e filhos, corriam pressurosos, aos sábados, para ter o "JÚNIOR" com páginas de títulos sugestivos: "A História da Semana" com contos de Olavo Bilac, Malba Tahan e outros; "Conversa" com o "Cantinho de Titia Lola" até hoje aplaudido e a página "Especial" com assuntos girando em torno de Beethoven, a Bandeira do Brasil, Assis Chateaubriand, etc. Com isso, dando oportunidade às crianças de conviver com os clássicos, a exemplo de Monteiro Lobato, através de leituras amenas, de função pedagógica e de fácil assimilação, sem fugir, no entanto, dos "quadrinhos" importados de Walt Disney.

O Diario de Noite, que desistiu de circular, teve também o seu suplemento infantil, em 1972, sempre às segundas-feiras, com o título de "Diario da Noite Infantil", mas de pouca duração.

O saudoso Ubiara Jorge era o tipo da pessoa predestinada às grandes manifestações de cultura e saber. Deixou poesia, literatura, enfim, muita coisa escrita para a posteridade, no seu estilo futurista. É pena que ele tenha passado pouco tempo entre nós. A sua vida se assemelhou à de um meteoro de passagem rápida, mas que deixou a sua luminosidade na memória daqueles que tiveram a sorte de conhecê-lo de perto e sentir a sua fulgurante inteligência.

Aqui, em Goiana, à semelhança do "JÚNIOR", circularam em 1970, vários jornalzinhos, sob a inspiração do jovem Ivan Bandeira, estudante na época do colégio "Manoel Borba" de Clóvis Guimarães, educador nesta cidade.

A figura de "Teles, o Marciano", uma das charges criadas por Ivan,

prendia a atenção dos leitores de "O Berro", jornalzinho mimeografado, de 10 páginas, com boas "estórias". Outro periódico da época e que se apegou a uma campanha louvável, de cunho meritório foi o chamado "Academia Estudantil de Conhecimentos Gerais de Goiana", com a aquisição de livros didáticos usados para os estudantes pobres.

E a "história em quadrinhos" de Ivan Bandeira sobre a vida de Olavo Bilac mereceu elogios nos anos 70 na coluna do "Serviço Militar" do Diario, dando ao trabalho do jovem artista o mérito de proporcionar pela primeira vez aos brasileiros a leitura agradável da existência do patrono do Serviço Militar em nosso País.

É de sua força criativa também o desenho do CURIÓ cantando, acompanhado ao piano pelo "Leão", símbolo do leonismo, que aparece ainda hoje na capa da revista do Lions Clube de Goiana, de circulação além fronteiras.

Entre os artistas goianenses, merece atenção especial o caricaturista João Ranulfo Lopes de Albuquerque, ou simplesmente J. Ranulfo como assinava as suas charges. Daqui, ele migrou ainda jovem para o Recife, onde se fixou em companhia de seus pais Manoel Tobias do Rêgo Albuquerque, juiz de Direito do Município de Goiana e Teodora Ernestina Lopes de Albuquerque.

Tendo nascido em Goiana, no dia 28 de maio de 1896, concluiu João Ranulfo o seu curso de Madureza em 1911 no Colégio Ayres Gama, no Recife.

E já na década de 20, começou a se destacar na Imprensa com as suas charges e caricaturas de personagens ilustres, na política e nas letras da época, não escapando de seu lápis Estácio Coimbra, Washington Luiz, Austro Costa, Lula Cardoso Ayres, Fernando Griz, além de outros, ora no jornal "A Província", ora nas revistas "Pra Você" e "A Pilhéria" com os seus desenhos de muita graça e humor, chamados "melindrosas e almofadinhas". E o desempenho de seu lápis na criação do famoso boneco "Doutor Kilowatt, Seu Criado Elétrico", de propaganda da Pernambuco Tramways, que o consagrou mundo afora, com repercussão até nos Estados Unidos, nas revistas de New York.

Correio de Goiana, setembro de 1987.

AEROCLUBE

Já tivemos boas iniciativas de caráter social em Goiana como, por exemplo, a fundação em 11 de setembro de 1956, do "Aeroclube de Goiana", com a primeira diretoria assim constituída: presidente - José de França Monte; vice - Marvel Xavier Carneiro; 1° secretário - Alcides Rodrigues de Sena; 2° secretário - João Paulo Pereira; 1° tesoureiro - José Alves de Vasconcelos; 2° tesoureiro - Vicente José de Melo; diretor social - Celso de Andrade Lima; diretor de patrimônio - Nelson da Cunha Rabelo; diretor de propaganda - Clóvis Guimarães; diretor de desportos - Geraldo Corrêa; diretora do departamento artístico - Rosa Pimentel.

Naquele tempo os funcionários do Banco do Brasil, agência local, se entrosavam bem com as pessoas de destaque e prestígio de nossa sociedade para evidenciar Goiana pelas suas realizações de sentido comunitário e festas sociais.

Hoje, temos aqui seis bancos e não existe mais aquela animação social de outrora. Parece que está faltando um elo maior de entendimento entre os bancários, com a sua vivência social, e os representantes da gleba com o embalo da juventude.

Relembramos aqui a bonita "Festa da Coroação" com os nomes das gentis senhorinhas: Maria Eugênia da Cunha Rabelo, Laurinete Machado e Margarida Pimentel, eleitas, respectivamente, "Rainha e Princesas", daquele clube, realizada nos salões do elegante Tênis Clube, hoje desaparecido, numa noite de muita animação (16.02.1957), que ainda hoje é motivo de grata recordação para aqueles que lá estiveram presentes.

As danças eram animadas na época pelos conjuntos "Boite Villarim" e "Boite Paranaguá", aplaudidos do começo ao fim das festas, como aconteceu no "Baile das Rosas", pelo excelente repertório musical, apresentado nos bailes realizados na "Sociedade 12 de Outubro" (Saboeira) e no ex-Tênis Clube, construído pela vontade do saudoso José Albino Pimentel, proprietário da Fábrica de Tecidos, ora desativada

para tristeza e desolação do povo de Goiana.

O campo de pouso do nosso Aeroclube ficava situado em Cajueiro, nas terras da usina Santa Teresa, logo após a mata de Bujari, à beira da estrada de quem vai para o Recife. Ali, pequenos aviões aterrissavam, vindos do Recife, para a alegria dos apreciadores da arte dos vôos aéreos. Já se observava alguma coisa de sentido progressista em Goiana, com a perspectiva da implantação de um novo esporte, ligado ao aeroplano.

Diario de Pernambuco, fevereiro de 1988.

TEATRO

Depois da vitoriosa campanha, levada a efeito em Goiana por Clóvis Guimarães, em 1933, com a fundação do Grêmio Artístico Peixoto Júnior, ou simplesmente, Grêmio Peixoto Júnior, nome escolhido em homenagem a José Rodrigues Peixoto Júnior - o Zumba Peixoto, um dos esteios da Fábrica de Tecidos local, e já em 1937 com a sua sede própria, onde hoje se ergue o edifício da Câmara de Vereadores, criou-se aqui, em 1957, com um mero aceno às vocações da arte cênica, o "Teatro do Estudante de Goiana", graças ainda ao empenho e idealismo do mesmo Clóvis Guimarães, agora como diretor do Ginásio Manuel Borba, com influência direta, junto aos estudantes desta terra.

Um antigo farmacêutico desta cidade, Laiete Gemir, muito dedicado à arte cênica, escreveu na "Gazeta de Goiana", cujo redator-chefe era João Malta de Moura, em abril de 1957, o seguinte comentário a respeito do então "Teatro do Estudante de Goiana": "A propósito da representação da comédia de Paulo Magalhães, "O Interventor", encenada por um grupo de estudantes locais, procurei ouvir aqueles que assistiram à representação e todos foram unânimes em afirmar que foi ótimo o seu desempenho, que mereceu justos aplausos. O "Teatro do Estudante de Goiana" é um acontecimento que chegou no seu tempo, nem cedo, nem tarde demais, porém, no momento psicológico exato,

em que Goiana se ressente da falta do teatro de amadores. Digo isso porque a peça "O Interventor", encenada por Paulo Gemir, Geraldo Chaves, Marcos Mendonça, Zito Barros de Almeida, Walter Brandão, Ozael Rodrigues Veloso (hoje Juiz Corregedor no Recife), Reginaldo Mendonça, Niralda Gadelha, Dolores Raposo, Gilvanete Galdino e Julieta Gemir, todos estudantes do Ginário Manuel Borba e do Ginásio da Sagrada Família, sob a orientação de Clóvis Guimarães, teve logo uma acolhida simpática. Todos os intelectuais da terra, educadores e simpatizantes da arte de representar, deram inteiro apoio à criação do "Teatro do Estudante de Goiana".

Sentia-se naquela época o gosto pela arte de representar com o incentivo de Clóvis Guimarães, José Aranha Coura, Luiz Cordeiro Campos, Severino Gemir, Hilda Borges, Nilda Tavares, Elúzia Bezerra, Lúcia Tavares, além de outros e do próprio Laiete Gemir - ator consagrado em nossos palcos.

Hoje, com os colégios aqui existentes, não se tem notícia de uma iniciativa desse porte, com a encenação de peças de teatro em nossos educandários, como ensino, como meio de estimular a cultura entre os estudantes.

Aqui, não falamos em teatro lírico, queremos apenas que sejam oferecidas condições cênicas aos jovens que estudam, ensejando à mocidade meios de se exercitar na arte de representar com dosagem de efeitos sobre o espectador, nas escolas e colégios de Goiana.

Que se crie na Prefeitura um departamento especializado, de educação e cultura, ou coisa assemelhada, para amparar e dar ênfase às iniciativas daquela ordem, como aconteceu no ex-Ginásio Manuel Borba e no Sagrada Família de outrora, como estímulo ao exercício da arte cênica em Goiana. Faz-se necessário o despertar na criança do desejo de pisar no palco pela primeira vez para transmitir ao vivo os atos e palavras dos personagens. E o resto vem depois, por acréscimo, em cada um, com a vocação de ator, o dom de artista, enfim, tudo isso, para o engrandecimento, no futuro, do teatro brasileiro.

Diario de Pernambuco, julho de 1988.

CIDADE HISTÓRICA

Goiana, terra de gloriosas tradições de movimentos de cunho liberal, teve também a sua participação ativa na campanha republicana, que eclodiu no Brasil nos fins do século passado com o desfecho em 15 de novembro de 1889, através do brado de VIVA A REPÚBLICA!, dado por Deodoro da Fonseca.

No "Almanack de Goyanna" de Ângelo Jordão, editado em 1930, vamos encontrar comentários sobre a propaganda republicana em Goiana, culminando com a presença do grande orador Silva Jardim em comício realizado nesta cidade, sendo saudado pelo estudante de Direito Francisco Pinto de Abreu.

Circulava nessa época o "Diario de Goyanna", tendo como diretor o Dr. Pereira de Lira - chefe do Partido Republicano nesta cidade. A campanha republicana, diz o historiador Edmundo Jordão, encontrou aqui campo fertilíssimo. Tinha a apoiá-la um grupo de jovens idealistas que se abeberavam nas palavras de Silva Jardim e de Martins Júnior, trazidos ambos a Goiana pelo jovem Amaro Rabelo Filho, que cursava então a Faculdade de Direito do Recife, protestando sempre não receber o grau de bacharel das mãos dos mandatários da Coroa, no que era acompanhado pelo seu irmão José da Cunha Rabelo.

Morto o jovem Amaro nas proximidades de sua formatura, o seu irmão sobrevivente cumpriu a promessa por ambos feita. Entre os propagandistas da República em Goiana, destacamos, além do apoio da família Rabelo do engenho Tabairé: Methodio Maranhão, Antônio Gomes de Albuquerque, Pereira de Lira, José Lobo, Manoel Evaristo, Caetano Leobaldo, Miguel Tavares da Rocha, Francisco Rafael, Manoel Aurélio Tavares de Gouveia e Ângelo Jordão de Vasconcelos, que foi depois deputado estadual e prefeito de Goiana.

Jornal do Commercio, dezembro de 1990.

"CAMPANHA LIBERAL"

Já faz tempo, lendo parte do precioso arquivo, deixado por Antônio Gonçalves Raposo (conceituado advogado e político nesta terra, além de poeta e historiador), encontrei referências e comentários sobre a "Campanha Liberal", aqui desenvolvida e que antecedeu à Revolução de 30. Nessa época, eu era menino e morava em Goianinha, hoje a progressista cidade do Condado com o seu prefeito Zane Balbino.

Goiana sempre foi palco de lutas ou pelejas de sentimento liberal e acendrado amor patriótico desde os primórdios de nossa emancipação política. E também se caracterizou pela fibra indomável de seus filhos em questões ligadas aos brios da Pátria, quando a intromissão estrangeira se fazia sentir.

Nos idos de 1930, em plena efervescência da campanha presidencial pró-chapa Getúlio Vargas-João Pessoa, quando os ânimos estavam exaltados, Goiana recebeu festivamente os caravaneiros de Aliança Liberal, a começar da recepção em Fontainha, poucos quilômetros da cidade.

A caravana liberal estava assim constituída: deputados federais Cândido Pessoa, Mário Domingues, deputado estadual Arruda Falcão, Carlos de Lima Cavalcanti, Bezerra Filho, Luiz Cedro, João Cleofas, Domingos Vieira, Pedro Allain Teixeira, Artur Marinho, Oscar Brandão, Desembargador Benício Tavares da Cunha Mello, Pedro Correia de Oliveira, Turiano Campello, Manoel Clementino Cavalcanti, Lins e Silva, Arnaldo Bastos, Manoel Carneiro Leão, universitários Cumercindo Cabral, Mauro Lins e Silva, Edgar Ramos, Avertano Rocha Filho e Alcino de Souza. A imprensa estava representada por José Campello, do Diario da Tarde, José de Sá e Jarbas Peixoto, do Diario da Manhã.

Sob as mais vibrantes demonstrações de simpatias da população goianense, a caravana percorreu todas as ruas da cidade, indo em seguida para o palacete, na Praça Duque de Caxias, do prestigioso político de então Diogo Soares da Cunha Rabelo, onde os caravaneiros foram recepcionados. Logo após foi realizado um comício na Rua da

Misericórdia, onde se realizava a feira, com o comparecimento de grande multidão. Falou de início José de Sá, evocando a memória de Manoel Borba "que tantos anos vivera ao contato da alma generosa de Goiana". Seguiram-se vários oradores, todos ovacionados pela multidão presente.

Terminado o comício e por entre aclamações do povo os membros da caravana, dirigiram-se para o hotel (antigo Hotel Papagaio - na Rua Direita), instalado no velho solar, onde residiu por muitos anos e chefe liberal Barão de Timbaúba (Feliciano Cavalcanti da Cunha Rego), com descendentes ainda hoje em Goiana. Era um sobrado colonial, espaçoso, que serviu mais tarde, em 1946, de sede ao Goiana Esporte Clube e à Banda Musical Saboeira, esta no primeiro andar, e já no começo deste século ali funcionou o Colégio da Sagrada Família, com irmãs religiosas francesas, hoje com edifício próprio na Praça Duque de Caxias. Para tristeza nossa esse velho sobrado de tanta tradição histórica foi abaixo para "modernização" da cidade, sendo construído no local o edifício da Capitania dos Portos, hoje desativada. Ali, nas campanhas cívicas do Império, reuniam-se os liberais daquela época, sob a chefia do Barão de Timbaúba, que foi um homem de rara e exemplar combatividade. Também comparecia frequentemente a essas reuniões outra figura notável daquele tempo, o Barão de Vila Bela (Domingos de Souza Leão).

No almoço, tomaram parte muitos goianenses, entre eles, Manoel Aurélio Tavares de Gouveia, Antônio Gonçalves Raposo, Diogo Soares da Cunha Rabelo, Francisco Correia de Oliveira Andrade Lira, José Pinto de Abreu, Júlio Correia de Oliveira, Antônio Correia, Ângelo Jordão de Vasconcelos, Barbosa Lima, Edmundo Jordão, Vicente de Mattos, Benigno de Araújo, Luíz Rabelo, Manoel Correia de Araújo, Mariano Siqueira, Durval Corrêa, Luiz Cornélio, Manoel Prestrelo, Aluísio Jordão, Álvaro Brasil, Amaro Rabelo de Albuquerque, Francisco Xavier Cornélio de Albuquerque, Francisco Raposo Sobrinho, Mário Coutinho e outras pessoas gradas.

Na ocasião usaram da palavra Antônio Raposo e Domingos Vieira para lembrar as tradições de Goiana desde o feito heróico de nossas avós, que na paliçada de Tejucopapo, auxiliaram o brasileiro a constituir e a defender a nacionalidade, expulsando o estrangeiro invasor.

Feitas as despedidas, a caravana ainda percorreu as principais ruas de Goiana, partindo em seguida com destino à Paraíba, sem saber que perderia as eleições para Júlio Prestes.

Jornal Independente, setembro de 1989.

MÁRIO MELO

O historiador Mário Melo, falecido em maio de 1959, sempre esteve ao lado de Goiana, a enaltecer a sua história. Foi um firme defensor da unidade territorial deste município contra a emancipação dos distritos. Por isso, quando vereador, apresentei projeto-de-lei para prestar-lhe uma homenagem, apondo seu nome a uma de nossas ruas.

Goiana foi uma das mais antigas vilas do Brasil. Nasceu em 1568: foi vila em 1685. Conquanto não pernambucana no começo, foi adotada por Pernambuco e sempre gozou dos mesmos direitos e regalias das vilas que nasceram neste território e nele se conservavam. Pertencia ao de Itamaracá de Pero Lopes de Souza. Estava na área dos índios potiguares, a que chamam no Rio Grande do Norte potiguares. Tomou tal importância que chegou à cabeça da Capitania. Quando, reverteu à Coroa em 1743, com o desaparecimento da Capitania de Itamaracá, passou para o território de Pernambuco, tinha já importância, e aqui permaneceu até hoje. Antes do estabelecimento da ferrovia, cujo traçado foi empurrado para o interior. Goiana era a cidade de maior relevo da Província, pela facilidade de comunicação marítima, importância que determinou a construção do chamado Canal de Goiana com a inauguração em 1870, para que as embarcações como: barcaças, sumacas, brigues e especialmente os vapores da Companhia Pernambucana de Navegação Costeira (Irati, Paraíba e outros), chegassem à cidade, na Rua da Poeira, onde ficava a bacia.

Tudo indica que a falta de visão administrativa dos nossos dirigentes, desde os tempos do Império mas, sobretudo, na República relegou a completo desprezo os pequenos portos de Tamandaré, Goiana e outros, enquanto drenava para a capital da Província ou Estado todos os benefícios da técnica moderna. E a passagem da linha da antiga "Great Western" por Nazaré, Timbaúba e Baraúna, onde meu pai (Manoel Rodrigues do Nascimento), pegava o trem para fazer compras, no começo do século, no Recife, representou o desprezo de Goiana, como pequeno porto provincial, nos últimos anos do Império.

Jornal do Commercio, janeiro de 1991.

IMPRENSA

Já em 1706, ou talvez antes, o Recife teve a sua primeira tipografia para imprimir apenas "letras de câmbio e inofensivas orações religiosas", pois a liberdade de imprensa naquela época era cerceada por "Ordem Régia", vinda de Portugal. Mas mesmo assim, cabe ao Recife a primazia dos primeiros prelos no Brasil, ali instalados em pleno século XVIII.

Aqui, em Goiana, tivemos também a nossa tipografia, em 1823, para imprimir folhetos, é o que nos conta o historiador Pereira da Costa no seu ensaio "Estabelecimento e Desenvolvimento da Imprensa de Pernambuco". Foi a Tipografia Particular do Gabinete Patriótico de Goiana, e que se destacou com a proclamação, datada de 10 de fevereiro de 1824, dirigida aos cachoeirenses. Mas, com o fracasso da Confederação do Equador, que teve como líder frei Caneca, os nossos anseios de liberdade foram frustrados, até que em 1868, veio a instalar-se outra tipografia em Goiana.

O pesquisador Luiz do Nascimento nos ofereceu por ocasião das festas comemorativas ao IV Centenário do Povoamento de Goiana, o livro "História da Imprensa de Goiana", que é uma separata da "História da Imprensa de Pernambuco" - 1821/1954.

O saudoso historiador e jornalista, ainda se refere em seu livro, à fundação do "Cenáculo Goianense", no começo deste século, e que era uma instituição destinada a reunir homens de letras municipais, conforme publicação feita na revista "O PALLIUM", em 1905, por Francisco Menelau Lins, congregando nomes exponenciais da cultura interiorana, como: Honório da Costa Monteiro (hoje nome de rua desta cidade), João Gonçalves de Azevedo, Francisco Menelau Lins, José Nunes Lins da Silva, Joana da Costa Monteiro, Alberto Tavares da Cunha Melo, o saudoso Raul da Costa Monteiro (membro da Academia Pernambucana de Letras), Manoel Correia Pessoa de Melo e outros.

Jornal do Commercio, fevereiro de 1991.

ANEDOTÁRIO

Há em Goiana anedotário curioso chamado de "GOIANA QUE EU VI SORRIR", embora de escasso valor científico, como diziam os mestres.

Tipos gozados que criaram fama através de fatos jocosos. Foi assim na primeira década deste século, que expira. Contam que o Dr. Escorel de grande ilustração jurídica, comentador exímio do Código Penal de 1850, professor da Academia de São Paulo, foi antes advogado em Goiana.

Todas as vezes que o Dr. Escorel passava pela antiga farmácia "CRESPO", no Beco do Pavão nº 12, era saudado com efusão, em pé; por Parísio Valadares, conhecido como filho natural do Conselheiro João Alfredo, que fazia plantão ali: "Dr. Escorel!", com ar circunspecto. O doutor voltava-se e agradecia a saudação sorrindo.

Disseram, porém, ao Dr. Escorel que, logo após a saudação, o Parísio, às suas costas, fazia-lhe outra saudação, de sentido contrário com deboche e caretas. E o Escorel, um dia, após a costumeira manifestação ruidosa, volta-se de súbito e depara o Parísio em gesto caricato de zombaria, conforme lhe haviam dito. E o doutor, sem perda de tempo, ante o flagrante, grita: "Sr. Parísio! Sr. Parísio!" e este desmanchando a saudação, responde mesureiro: "Dr. Escorel! Dr. Escorel!. Isto serviu de risos e comentários na "alta roda".

A farmácia "CRESPO", fundada em 1808, era a mais antiga de Goiana, e ponto predileto para conversas. Ali, em 1921, trabalhava o competente prático em manipulações com água destilada em alambique de vidro, o Sr. José Ferreira, pai do saudoso Ilton Ferreira, falecido há pouco tempo.

Jornal do Commércio, fevereiro de 1991.

VIRIATO CLÁUDIO DE MELO - HERÓI

Herói goianense, Viriato Cláudio de Melo, nascido na praia de Ponta de Pedras, deste Município, filho de Antônio Cláudio e Joana de Melo. Residiu por vários anos em Goiana, e daqui, ainda solteiro, se transferiu para os Estados Unidos.

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914/18), empolgado pelos sentimentos de liberdade e justiça daquele país, apresentou-se como voluntário e foi aceito, incorporando-se ao 17º Regimento de Artilharia, que partia para a Europa, a fim de participar da guerra. E veio a morrer, em combate, nos campos de batalha. Seu sepultamento recebeu por parte do exército americano excepcional homenagem no "Arlington Cemetery", em Washington. O ataúde estava coberto com a bandeira de Tio Sam. O comparecimento ao enterro foi numeroso: todo o corpo diplomático brasileiro, servindo na América do Norte, o ministro Newton Baker, além de altos funcionários do Departamento de Estado. A mãe de Viriato Cláudio ficou recebendo uma pensão do Governo dos Estados Unidos até a sua morte, já velhinha, nesta cidade.

Hoje, Viriato Cláudio é nome de rua aqui, mas sem placa indicativa, e assim são muitas, inclusive a de Silvino de Macedo, outro herói goianense. E ainda uma escola em Ponta de Pedras com o nome de Viriato Cláudio foi desativada pela Prefeitura. Aqui, os poderes constituídos não ligam importância a esses problemas de interesse público.

Haja vista o que aconteceu também com a escola Basílio Machado, em São Lourenço de Tejucupapo. Nomes de vultos antigos que valorizaram a história de Goiana hoje são desprezados.

Jornal do Commercio, março de 1991.

VELHAS DILIGÊNCIAS

No tempo do império, a estrada que ligava Goiana ao Recife recebeu vários melhoramentos, entre eles, construção de boeiras e pontes de madeira.

Goiana com o seu porto fluvial tornou-se uma cidade importante, a segunda da Província pelo seu desenvolvimento comercial, importando, mercadorias do Exterior, e pela sua agricultura. Henri Koster andou por algumas vezes por estas bandas, em excursões pelo interior do Nordeste, admirando a beleza de suas paisagens e fazendo as suas anotações.

O governador Luiz do Rego gostava de vir de vez em quando, a Goiana fazer as suas estrepolias, inclusive mandando, certa vez, queimar as urupemas que os habitantes desta cidade colocavam nas janelas de suas casas à moda de venezianas.

O imperador Pedro II, trotando um bonito corcel, percorreu também essa estrada, hoje a rodovia 101, para visitar Goiana, em 1859. Frei Caneca, chefe da Confederação do Equador por aqui viajou a pé, procurando refúgio no convento do Carmo, encontrando ali apenas uma vela acesa, iluminando um crucifixo.

Também por essa mesma estrada que nos liga ao Recife, fomos armados depor a Luiz do Rego, do governo de Pernambuco, e devolvê-lo a Portugal sob ultimato, em 1821.

Só em 1880, mais ou menos, surgiram os primeiros carros puxados a cavalo, conhecidos como diligências, estabelecendo entre Goiana e o Recife o transporte de passageiros.

A viagem era muito demorada, por isso enfadonha. Levava-se dois dias para chegar ao Recife, com parada no lugar chamado Tabatinga para dormir, pois, não havia "mudas".

Ainda de madrugada, a diligência prosseguia viagem até alcançar Olinda, onde os passageiros tomavam a maxambomba em direção ao Recife.

Esse meio de transporte, moroso e irregular, era, no entanto, para a

época, um grande melhoramento, com os boleeiros açoitando os cavalos, contando histórias "da carochinha" e piadas para os passageiros matarem o tempo.

Jornal do Commercio, abril de 1991.

A FOLHA DE GOIANA

Circulou no dia cinco deste mês (maio/91), o 1° número do jornal - "A FOLHA DE GOIANA", de boa feição gráfica e noticioso, sob a direção principal de Ezildo Gadelha, José Torres e do jornalista José Cardoso Filho. Esta cidade recebeu o seu mais novo jornal com aplausos e vivas. É mais um a se incorporar à sua grande coleção a partir do meado do século passado com a sua "Proclamação aos Cachoeirenses", datada de 10 de fevereiro de 1824, conforme informação de Pereira da Costa, na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, nº 39, Tomo VI de 1891.

Nas festas comemorativas do "IV Centenário do Povoamento de Goiana", em 1970, tivemos a satisfação de receber do saudoso jornalista e historiador Luiz do Nascimento o livro "História da Imprensa de Goiana", editado pela Imprensa Universitária (separata da "História da Imprensa de Pernambuco - 1821/1954"), com uma bonita capa de Ladjane. Jornal por jornal, mesmo aqueles que sairam em número único, foram documentados pelo Nascimento.

Verificada a derrota da "Confederação do Equador" com o seu chefe Frei Caneca fuzilado a 13 de janeiro de 1825, não teve em Goiana continuidade a função gráfica com um interregno que só foi quebrado em 1868 com o aparecimento de "O ORIENTE" - jornal católico, político, literário e noticioso - "Foi o primeiro jornal impresso e publicado em Goiana" e tinha como redator Francisco Manuel Raposo de Almeida, que foi sócio do Arqueológico e fundador do Instituto Histórico de Goiana, em 1870. Raposo foi acusado de ter possuido e desviado o livro de atas do Senado da Câmara de Olinda, relativo ao

ano de 1710, quando foi dado o grito de REPÚBLICA por Bernardo Vieira de Melo. Hoje esse "grito" faz parte do Hino de Pernambuco. Goiana está de parabéns com o seu jornal mensal, "por enquanto".

Jornal do Commercio, maio de 1991.

APELIDOS

Os apelidos populares em Goiana se fizeram sorrir e alguns não tiveram o gosto que na cidade cearense de Aracati eram o "sal" das conversas. Ali, poucos, muito poucos, eram conhecidos pelos seus nomes próprios, só o apelido, a alcunha é que identificava.

Goiana não primava pelo apelido, nas primeiras décadas deste século. O registro é pequeno, mais para diminuir do que, pelo exotismo, para fazer rir, isso porque só eram irrogados no momento de cólera contra o apelidado. Mas, estão aqui alguns que escaparam à destruição das traças nos arquivos: "Truão de Feira" era o que tinha certo juiz da Comarca, já de certa idade, o qual, desajeitado, em forma de uma interrogação ambulante, fazia anedotas picarescas ou repeti-as hiperbolisando escandalosamente os fatos que se passavam com ele; "Pombo Roxo", pela cor acentuadamente morena, era do dr. João Juvêncio Ferreira de Aguiar, filho do Conselheiro Aguiar - Barão de Catuama, amigo íntimo do Barão de Goiana; "Curió sem Rabo" era o dr. Elpídio Figueiredo, grande goianense, protótipo de lealdade e correção política, expressão da mais alta probidade e de amor a esta terra; "CURIÓ do Tanquinho", no que se procurou imitar o canto, fora chamado da galeria da Câmara Federal, no Rio, quando falava, o Conselheiro João Alfredo. Eram tantos outros apelidos, muitos dos quais não pegavam no curso social da vida citadina, como: "Espada d'água", "Barão da Porcaria", "Cururu Capado", "Tirolé", "Habitante da Lua", "Balancé da Tarde", "Comblé" etc.

Mas tais apelidos só vinham à tona nas tricas políticas, na imprensa, e o povo não se apercebia dos mesmos.

Jornal do Commercio, maio de 1991.

GOIANA ARTÍSTICA

Na Rua Padre Batalha (atrás da Conceição) vive o Zé do Carmo - artesão famoso pela sua incomparável arte de amassar o barro (argila úmida) com mãos ágeis e esculpi-lo em formas de gentes e figuras. Nasceu com vocação de artista, sem preconceito nem vaidade. Isolado e arredio no seu ateliê, ali surgem peças ora de massapê, ora quadros de seus pincéis, às vezes de cores tristes, anjos de caras e dentes, gentes Zé do Carmo "é notável nas figurinhas folclóricas de massapê".

Isto aí, hoje também é pintor, aproveitando as cores da terra, creme ocre, cinza e roxo e nos quadros com "anjos nordestinos". Lampião, o rei do cangaço, destaque de sua arte, teve a sua vez nas mãos do extraordinário artista goianense, que o representou como "anjo cangaceiro". A Igreja vetou-o, cassou-o, esboçou um movimento de protesto, acusando-o de heresia. Zé deu a volta por cima nem ligou. E persignou-se...

Conheci-o no seu aprendizado na igreja da Misericórdia vendendo figurinhas de barro queimado no meio da feira. Depois, já como coroinha da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos daqui, de tanto fitar os anjos dos altares concebeu e criou, a seu modo, o "anjo com cara de gente".

O poder público em Goiana não dá apoio à arte, vive mais para a política de render votos. O Zé do Carmo fez desfilar anos pelas ruas de Goiana em carroça, puxada a burro o escritor Gilberto Freyre, como o "vovô natalino"(Tio Peregrino), numa configuração de beato com chapéu de couro e sandálias sertanejas, contrastando com o "Papai Noel" boreal das terras geladas, em má hora trazido para cá, e hoje dominando o sonho das crianças brasileiras.

Jornal do Commercio, março de 1992.

EXPLOSÃO DA USINA ELÉTRICA

Às vésperas da inauguração da luz elétrica de Goiana (07.05.1918), ocorreu uma grande explosão. A usina localizava-se na Rua Direita, onde hoje fica a Câmara de Vereadores. O serviço havia sido contratado pelo então prefeito Ângelo Jordão de Vasconcelos com a firma Alfredo Silva & Cia., do Recife.

O estampido abalou a cidade inteira. Muita gente acorreu ao local da explosão, motivada por duas garrafas de oxigênio, resultando na morte do suíço Rudolf Schusser, engenheiro da citada firma.

Morreram também os pedreiros Benedito Simeão e um tal Rafael, como também o seu ajudante, o preto "Panamá". Ficaram feridas várias pessoas, entre as quais o mecânico Frederico (Fritz) Gross, que perdeu o braço esquerdo. Só depois de um ano (1919) foi inaugurado definitivamente o serviço de luz pública em Goiana.

Antes, esta cidade era iluminada com 30 lampiões de azeite de peixe, espalhados pelas ruas, de preferência nas esquinas, acesos à boca da noite por um empregado da prefeitura.

Jornal do Commercio, julho de 1994.

FIDALGUIA

A fidalguia de Goiana, no passado, era restrita aos senhores de engenho. No começo deste século já estava meio combalida. Porém, os cavalos ajaezados em desfiles pelas nossas ruas, perduraram por mais tempo. Era uma casta nobre, mas de bons senhores.

Durante muito tempo, tinham estado habituados, de pais a filhos, a viver do trabalho dos negros cativos, no campo e em casa. Os processos de exploração da terra, compreendidos o plantio e a moagem da cana,

para produção do açúcar "bruto" e do açúcar "purgado", eram rudimentares. Havia por toda parte os engenhos-de-bestas ou de almanjarra, sem falar nos movidos à água, como o engenho Bujari do século XVIII.

Hoje de "fogo morto" incorporado à usina Santa Teresa, onde existe um resto da Mata Atlântica, embelezando a entrada de Goiana. Quando a terra aqui e ali, "estava cansada", o jeito era "botar o mato abaixo" ali ou acolá, deixá-lo secar e encoivará-lo, a fim de se poder fazer novas plantações. Quando, porém, o terreno era bom, a "soca" podia vir muito rendosa.

Esse regime durou anos. Eles não tinham outros "recursos de vida", além da plantação da cana. Basta dizer que, em geral, nas mesas dos senhores de engenho não se apresentavam legumes, pois comumente não se plantava. Nas cidades e nas vilas não se conheciam outras espécies além do jerimum, do quiabo, do maxixe e das couves.

Conheci vários senhores de engenho de maneiras fidalgas: dr. Júlio do Retiro, dr. Antônio Correia do Bonito, Diogo Rabelo de Tabairé, Belarmino Tavares de Acahu Grande e Francisco Lira de Folguedo.

Jornal do Commercio, abril de 1992.

SOLARES

Os solares pernambucanos filiam-se à arquitetura dos solares portugueses. São solares urbanos, certos casarões de feição solene e citadina do século XIX. Entre eles podemos lembrar, no Recife, o "Sobrado Grande" da Madalena, sem esquecer algumas casas da Rua Benfica e o prédio do outrora Instituto Joaquim Nabuco (hoje Fundação). São espécimes da construção urbana recifense de meados do século passado.

O "Sobrado Grande"como é conhecido é um magnífico remanescente da civilização açucareira do Nordeste. Essa obra de valor do passado que pertenceu ao conselheiro João Alfredo Corrêa de

Oliveira, ergue-se ainda majestoso, nos seus belos azulejos, com seus telhados de "quatro águas", cuja destinação certa seria a de um museu histórico - "museu da abolição" como se pensou há pouco tempo. Lembra o dote da noiva e prima - Maria Eugênia, do conselheiro João Alfredo, filha do terceiro Barão de Goiana (João Joaquim da Cunha Rego Barros) - político de grande influência na Zona da Mata Norte, tendo como centro Goiana.

Esse sobrado deu nome e importância à praça (hoje Praça João Alfredo), onde se acha situado. "É um marco da fase da nossa civilização que sucedeu à do patriarcado rural". Ali onde se realizavam grandes festas, com a beleza de pisos de mármore. "Uma coluna de bronze e suster, separando, o salão de honra do azul e do vermelho (nos faustos de outrora)".

Como está nos alfarrábios: "O ministro João Alfredo, fazia vir para a sua linda esposa vestidos de Paris ou do Rio, sob o gosto da princesa Isabel, amiga da família e que presenteara d. Maria Eugênia com dois lindos broches".

Jornal do Commercio, abril de 1992.

COLÉGIO COMERCIAL

No começo (1954) era apenas a Escola Técnica de Comércio "Monsenhor Fabrício". Hoje, ostenta na fachada em edifício próprio o nome: Colégio Comercial Monsenhor Fabrício, com aulas durante o dia e à noite. Já são passados 38 anos que a idéia foi lançada em uma reunião na sacristia da igreja matriz desta cidade.

Na ocasião, o cônego Fernando Passos, ainda vivo e brilhante orador sacro, concitou os presentes à reunião a formação de uma sociedade mantenedora da referida escola sob a direção do prof. Antônio Rufino Ribeiro.

Mas, por si só, a escola cresceu, e as formaturas se sucederam, dando a Goiana um impulso educacional no campo da cultura e das letras. Passei pouco tempo, fazendo parte de seu corpo docente e senti o ambiente de euforia dos alunos à cata de conhecimentos e a dedicação dos professores no desempenho da cátedra.

Jornal do Commercio, maio de 1992.

ACORDA POVO

Nos alfarrábios da história de Goiana, encontramos interessantes manifestações folclóricas ligadas à festa de São João.

O "Acorda Povo" vem se repetindo nesta cidade através dos tempos. Sempre no dia 23 de junho. Trata-se de uma homenagem a São João. Os fiéis caminham em procissão a partir da meia-noite, cantando e segurando velas. Interrompem o trajeto apenas para entrar nas casas de pessoas amigas, previamente avisadas.

Ao grupo componente do "Acorda Povo" é oferecida uma mesa de iguarias da época (pamonha, canjica, pé-de-moleque etc) e bebidas à base do licor vinoso e mel de abelha uruçu. Essa procissão sai acompanhada de uma bandinha típica com sanfona, caracaxá, zabumba, triângulo, pandeiro e ganzá, acordando a cidade que dorme. Com muita animação e frêmitos ao compasso de dança meio exótica. No meio, a bandeira do santo com o seu carneirinho. Os participantes cantam alegremente: "Que bandeira é essa / Que vai levantar / É de São João para festejar / Que bandeira é essa / Que se levantou / É de São João primo do Senhor".

A cidade histórica de Goiana começa então a se movimentar com fogueiras, quadrilhas, lanternas, balões, milho assado etc. Tudo isso em louvor ao santo que batizou Jesus.

Diario de Pernambuco, junho de 1992.

FESTA DE SÃO PEDRO

O Ciclo Junino em Goiana se encerra com as festas populares a São Pedro - o Pescador. Ele é padroeiro da cidade. O povo vai às ruas festejá-lo. Aqui, há marcos bem vivos dessa manifestação popular além de lanternas e balões em seu dia. Goiana que já se chamou, "cidade de São Pedro", nasceu cercada pelos rios Capibaribe-mirim e Tracunhaém, que correm paralelamente na várzea. A tradição secular de louvor ao seu "burgomestre" religioso se perpetuou em nome de rua: "Portas de Roma", a antiga entrada da cidade.

Na sacristia da igreja Matriz há um lavabo artisticamente esculpido em pedra com as insígnias papais. Todos os anos se realiza a procissão fluvial, tendo como ponto de partida o engenho Japomim, onde estão fincados os marcos do povoamento de Goiana. Dali toma as águas do Canal, antigo desaguadouro de nossas riquezas agrícolas. A imagem de São Pedro é conduzida em embarcação com grande acompanhamento (embarcações de todos os tipos e tamanhos), até à cidade, onde recebe as homenagens do povo com palmas, foguetório e música. Várias ruas são percorridas em procissão, culminando com a missa campal em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Brancos.

Em algumas ruas as festas profanas continuam até tarde da noite, em estilo bem folclórico, com fogueiras, lanternas coloridas acesas, à moda antiga, nas fachadas das casas. Últimos sinais das comemorações juninas.

Jornal do Commercio, junho de 1992.

POÇO DO REI

No século passado, existia em Goiana um poço de água potável, muito boa para o consumo, e que abastecia a população. Esse poço foi visitado por Dom Pedro II, quando aqui esteve em 1859, a fim de sentir a pureza daquela água, já que a saúde do povo era uma das preocupações de seu governo.

Com o passar do tempo, a rua que lhe ficava adjacente passou a ser chamada de Rua Poço do Rei, ainda hoje existente nesta cidade. Mas agora, pela negligência da Prefeitura, aquele poço histórico foi aterrado para, em seu lugar, ser construída uma casa de alvenaria.

E assim, aos poucos, a memória de Goiana vai desaparecendo, pelas mãos da própria administração pública.

Jornal do Commercio, novembro de 1995.

MAÇONARIA

Estive há poucos dias, visitando a loja maçônica "FRATERNIDADE E PROGRESSO", desta cidade, tendo ao meu lado um maçom, de reconhecido mérito, como cicerone. Tive a feliz oportunidade de conhecer o interior daquela Casa respeitável e austera, com a galeria de retratos daqueles que fizeram a maçonaria no passado, em Goiana. Ângelo Jordão de Vasconcelos, José Pinto de Abreu, Ângelo Jordão Filho, José Correa de Andrade, Severino Albertim, Daniel Pacheco, Manuel Prestrelo, Pedro Afonso da Costa Leite, João Américo Tavares de Melo, Serafim Fonseca, Edmundo Jordão, Francisco Raposo Neto, João Tavares Ribeiro, Nemércio Lins, Manuel Torres, Joaquim Amorim Fialho, Oscarlindo Tavares de Gouveia, João Pereira de Andrade, Rogoberto Nilo de Paiva, Toscano de Brito, José Rodrigues Peixoto

Júnior (mais conhecido como Zumba Peixoto), Ursicino Bandeira, Augusto de Andrade, Benigno Pessoa de Araújo, Durval Corrêa de Andrade, entre muitos outros, que me seria enfadonho enumerá-los numa nota de jornal. Ali estava retratada a legítima memória da elite intelectual de Goiana com o seu prestígio político.

Fui ao templo onde os maçons se reúnem e celebram as suas sessões de caráter secreto. À saída, já na calçada, quando procurei mais uma vez admirar os velhos azulejos vitrificados de sua fachada, senti, para tristeza minha, que eles tinham sido pintados de cal megaó (cor escura). Fiquei estarrecido com tamanha desconsideração à austeridade do imponente prédio, construído em 1874. Uma verdadeira afronta ao passado histórico de Goiana. Com isso, aquela Casa Maçônica de princípios austeros e doutrinários viu-se, de uma hora para outra, despojada da beleza de seus azulejos seculares, sem um grito sequer de revolta e protesto de seus atuais membros, e alguns deles historiadores e defensores da grandeza histórica desta terra, cujo passado glorioso envaidece os seus filhos. São erros imperdoáveis estes que se cometem contra o patrimônio histórico de uma cidade legendária como Goiana.

Bastam as igrejas seculares desta cidade que já foram maculadas, como aconteceu com a nave da Igreja Matriz (Nossa Senhora do Rosário dos Homens Brancos), destroçada por um vigário desprovido de conhecimentos históricos.

Não se pode negar o valor da maçonaria nos movimentos que culminaram com a independência do Brasil. Que se faça justiça ainda hoje, após tanto tempo, à ação desenvolvida pelas lojas maçônicas. Ela foi fundamental para a Independência. É importante que se diga isso, quando sabemos que algumas pessoas, obscurecendo fatos de nossa história, levam as glórias que lhes cabem para outras instituições mais dedicadas na época às "palestras" do que ação propriamente dita. A Maçonaria foi fundada no Brasil ainda em tempos coloniais, no Rio, Bahia e Pernambuco. Foi o Grande Oriente que conferiu a D. Pedro I o título de "Defensor Perpétuo". Com a revolução de 1817, as lojas maçônicas foram fechadas, o mesmo acontecendo em 1937 com o "Golpe de Estado", desfechado por Getúlio Vargas.

Aqui, em Goiana, temos a Loja Maçônica "Fraternidade e Progresso", inaugurada em 27 de fevereiro de 1874. Com prédio próprio, de fachada azulejada (azulejos importados de Lisboa), à rua Direita,

funcionando no pavimento térreo a escola "Irineu Macedo" e a biblioteca "Desembargador Francisco Luiz". Através dos tempos, participou dos movimentos pela libertação dos escravos e proclamação da República. Lembramos aqui nomes de alguns dos seus fundadores: Joaquim Tavares Barreto de Melo, Manoel Gomes de Albuquerque, Francelino Ferreira Crespo, Joaquim Rafael de Melo, José Pires Vergueiro, Antônio Bastos Pinto, José do Carmo C. Correia de Oliveira, entre outros. Hoje a maçonaria vive mais como casa beneficente, de cunho social, ajudando os pobres em suas necessidades, mormente nas grandes calamidades. Portanto, salvemos pelo menos a sua linda fachada de azulejos vermelhos em alto relevo, já que o seu oitão do lado oeste foi profanado com o fechamento de suas janelas por uma construção indevida, certamente, licenciada pela prefeitura, e sem o protesto da augusta Casa Maçônica. E se houve o protesto, como aliás pensamos, não foi ouvido pelas autoridades competentes (Justiça e Poder Executivo, este nos últimos tempos tão desinteressado pela coisa pública). A Sociedade Maçônica de Goiana foi a primeira a ser instalada no interior de Pernambuco e merece o nosso apreço. O seu aspecto físico, histórico e cultural deve ser preservado, sob a pena de sermos julgados como ineptos pela posteridade.

Enfim, daqui apelamos, em nome do nosso povo, ao atual venerável Paulo Roberto Tavares - um intelectual a serviço da história de Goiana, no sentido de mandar restaurar a tradicional beleza estética da fachada do prédio da Loja Maçônica "FRATERNIDADE E PROGRESSO", desta cidade, tão brutalmente enxovalhada pela pintura que lhe impuseram.

A Província, novembro de 1995.

O CANAL CENTENÁRIO

O Canal de Goiana, cujas obras inauguradas em 1870, com foguetório, zabumba, bandas de música (Saboeira e Curica) e presença do presidente da Província, do Barão de Goiana entre outras figuras, está hoje transformado em depósito de lixo.

Essa construção levou tempo, partindo da confluência dos rios Japomim e Capibaribe-Mirim até Goiana em linha reta. Já não existe mais o pitoresco das velhas barcaças ao enfeitar-lhe a bacia com seus mastros e velas esvoaçantes na faixa de carga e descarga, toda sorte de mercadorias.

No passado, através desse canal, Goiana escoava os seus produtos agrícolas. Cabe hoje à prefeitura cuidar do canal, mantê-lo limpo, desobstruído, de baronesas e sujeiras, que se amontoam na sua bacia, bem junto à ponte Sérgio Loreto, inaugurada em 1924, no mesmo local de uma antiga ponte de madeira.

Diario de Pernambuco, novembro de 1995.

BANDA CURICA

Podemos dizer que a Corporação Musical Curica, hoje com os seus 146 anos de existência nasceu de um conjunto musical de cantos sacros da igreja de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos desta Cidade. Logo depois desse estágio partiu para a orquestração de músicas sacras cantadas no coro das igrejas e capelas de Goiana, na vibração harmoniosa e festiva das missas domingueiras e dos velhos e bonitos minuetos. E foi dali que ela partiu para organizar-se em banda, disciplinada, com indumentária própria e instrumentos da época; para as pelejas de partido; para as comemorações políticas; para as sagrações cívicas e patrióticas; para as passeatas e comícios; para as procissões e romarias; para as excursões e festas populares; para as recepções de família e para o coro de tristezas na hora das grandes e eternas despedidas. E foi daquela velha igreja que ela partiu para as competições musicais, torneios e concertos alhures, buscando sempre, por si e pelo renome de sua terra, enaltecer a arte de Carlos Gomes na terra enaltecida pelo civismo de Nunes Machado.

A Curica conforme consta dos anais de Goiana, participou das festas em homenagem a Dom Pedro II na sua visita a esta Cidade em 1859;

das comemorações da abolição da escravatura, levada pelo braço do idealista Basílio Machado; dos louvores à Proclamação da República e de outros eventos como as grandes festas litúrgicas e profanas pela chegada deste século prestes a terminar. Ela faz parte do patrimônio musical de Goiana e figura como um dos brasões valiosos de nosso povo. Na campanha política de 1911, tomou posição ao lado de Rosa e Silva que, aliás, venceu a eleição, mas foi depurado nas urnas com o "referendum" da Assembléia Legislativa, dando lugar à vitória de Dantas Barreto. Em 1929, participou da Campanha Liberal com Antônio Raposo e outros, sofrendo perseguições até o advento da Revolução de 30, quando, radiosa, recebia os louros da vitória. Antes disso, evocando a sua quadra romântica era de ver e ouví-la em orquestras, rua afora a tocar em serenatas, languidas valsas que pareciam se espreguiçar, ao frio das noites enluaradas: Muchacha, Longe do Bem Amado. E lá se ia a Curica, de rua em rua, a pontilhar cada esquina com as notas dolentes de seus instrumentos. Nas passeatas, nos comícios, nas festas de circo, eram dobrados rasgados muito ao gosto da época: "Marcílio Dias", "Adeus a Pernambuco", "Olhe o telegrama na Província", e outros, levava o povo às ruas, generalizando, às vezes, em pancadaria, brigas e cacetadas com requinte de capoeiragem, aos gritos de "Viva a Curica!", "Morra a Saboeira!" e vice-versa.

Nas trezenas de Santo Antônio e novenas de São João, a Curica sempre se fez ouvir em orquestras para acompanhamento aos "benditos" e "ladainhas", encerrando sempre com bailes improvisados. Depois, aos domingos, como pretexto para sair à rua e exibir-se, havia os batisados de boneca em casa de certos apologistas e que acabavam com polcas saltitantes para os saracoteios da dança. No seu caminhar glorioso, através dos anos, a Curica se cercou de entusiastas apologistas, entre eles podemos citar: Francisco Veloso, Elpídio Figueiredo, João Gonçalves, José Lins, Francisco Raposo, Ludovico Correia, Gercino Tavares, Padre Batalha, Fausto Correia, Júlio Steple, Pedro Leite, Benício Pirá, Basílio Machado, Floriano Moreira, José Serpa, José Carlos, Francisco Melo, Francisco Lins, Manoel Prestelo, Olímpio Napoleão e Antônio Raposo, todos mortos. Seu primeiro mestre foi José Conrado de Souza Nunes. Depois ao passar do tempo, vieram Monteiro de Sá, João José, Ricardinho, Minervino de Freitas, Monte Souza, João José Filho, Gabriel Renepont, Francisco Solano, João

Faustino, Róseo Pio de Amorim, Ático Bruno, João Bezerra Chaves, João Artur, Diógenes Soares, Francisco Carneiro dos Santos (na época das festas do 1º centenário), mestre Doda, mestre Wilson que morreu com a batuta na mão. Tocou na Curica o famoso José Lourenço da Silva - mais conhecido por "Zuzinha", depois capitão da Brigada de Pernambuco.

Quando em 1944, esteve em Goiana o professor Curt Lange - musicólogo uruguaio, ficou admirado ao ouvir a Curica. Em audição especial foram executadas as seguintes peças: Dobrado Conselheiro João Alfredo; Sonata Patética de Beethoven e a valsa Obstinação de Nelson Ferreira. Franqueado o arquivo, admirou o prof. Curt Lange as seguintes composições: Novenário - T. L. Colás; Missa del M. Mariano Russo - Messena - 1889; Marcha Defilé - De Kaschte - 1887; Marcha "Profeta" - Jean Bart e Profeté - 1880; Marcha 90 - Francisco Alz Monteiro entre outras peças importantes do arquivo da centenária Curica.

Nas festas do centenário da Curica, estiveram presentes, as seguintes bandas: a Saboeira, a Ferroviária de Jaboatão, Polícia da Paraíba, 15 R. I. da Paraíba, e a da Base Aérea do Recife, além dos amigos e apologistas que morando fora da Cidade, vieram trazer pessoalmente ou por telegrama o seu aplauso irrestrito e cordial à banda CURICA de tantas glórias. O nome Curica provém de um pássaro de canto estridente, existente na época em nossas matas. (hoje espécie em extinção).

A Província, outubro de 1994.

CASA DO ESTUDANTE

GOIANA também teve a sua CASA DO ESTUDANTE (CASEG), no Recife, fundada em 19.01.1973, na interventoria do sr. Hélio José de Albuquerque Melo (foi um ponto positivo na sua administração). Aqui, já sofremos várias interventorias, forjadas nos bastidores da política - coisa fácil de conseguir na época da ditadura. Todas na fase

da ditadura militar, quando as leis não tinham valor.

A CASA, situada em prédio de primeiro andar, com amplos espaços, ficava à Rua Demócrito de Souza Filho - mártir da Democracia em Pernambuco (morto com uma bala assassina na cabeça, na sacada do DIARIO DE PERNAMBUCO, em 03.03.45). A inauguração foi festiva, com a aposição da placa alusiva, além da presença de goianenses ilustres. Entre eles, dr. Ângelo Jordão Filho, Moacir Baracho, Armando Rabelo, Luiz Tavares de Barros, entre outros (a cobertura jornalística do evento foi feita pelo historiador João Carlos de Mendonça). A primeira comissão executiva ficou assim constituída: Ubiara Jorge da Fonseca (presidente), Esmeraldo de Albuquerque Gadelha Filho (vice-presidente) e Luiz Cornélio da Fonseca Lima Neto (secretário). Na comissão de honra, figuravam: dr. Luiz Tavares de Barros, dr. Armando Cunha Rabelo e a profª Maria das Dores Muniz de Melo (diretora do Colégio Santa Maria, de Boa Viagem/Recife).

Os estudantes, todos ali reunidos, debruçados sobre os livros, com refeição e dormida. Apenas com uma pequena contribuição. A Prefeitura pagava o aluguel do prédio e concedia uma pensão para os gastos de rotina. Por lá, estive várias vezes em visita aos meus filhos Sílvio Romero, Mário Filho e Fábio Rogério. Tudo ia bem por lá até fevereiro de 1977. O sr. prefeito de então resolver fechar a CASA DO ESTUDANTE DE GOIANA, que tantos benefícios vinha proporcionando à classe estudantil de nossa terra. Houve protestos, apelos às autoridades. Mas tudo em vão. Eis um apelo divulgado na época, subscrito pelos "ESTUDANTES DA CASEG": "a CASA DO ESTUDANTE DE GOIANA, fundada em 19.01.73, pela Interventoria Federal, vê-se hoje desprovida dos interesses das autoridades públicas de nosso município, tornando público o seu fechamento, e tomando desse modo medidas que vão de encontro aos propósitos e esforços do Governo Federal na racionalização de combustível. As autoridades municipais contrataram um ônibus da empresa local (NÁPOLES), o qual funcionará só no horário da noite. Esta decisão virá prejudicar a todos aqueles que necessitam da CASA DO ESTUDANTE DE GOIANA, por haver uma maioria de estudantes que estuda pela manhã, os quais além de estudarem, trabalham a fim de manter seus estudos. Nós que fazemos a CASA DO ESTUDANTE DE GOIANA apelamos às autoridades de nossa cidade para a sua reabertura, por ela não apenas beneficiar a nossa classe estudantil, mas também por beneficiar a

comunidade de Goiana em geral. Esperamos que vocês dêem continuidade às metas do Governo Revolucionário, que tanto vem lutando para dar condições aos estudantes brasileiros de estudarem e conseguirem o seu desenvolvimento cultural. Recife, 14 de fevereiro de 1977". Mas os apelos não valeram e a CASA DO ESTUDANTE DE GOIANA foi fechada, para o protesto geral do povo goianense. Em troca foi oferecido um ônibus para a passagem de ida e volta ao Recife. Ainda hoje, na administração municipal, há esse tipo de transporte para satisfazer as necessidades dos estudantes de Goiana, mas acontece que o ônibus existente é um Calhambeque, caindo aos pedaços. calhambeque que torna a vida do estudante, que dele se utiliza, num verdadeiro martírio, sem a certeza da volta na sua viagem ao Recife. Ainda hoje, resta uma lembrança da histórica CASA DO ESTUDANTE DE GOIANA, onde se reuniam os estudantes desta cidade, em tertúlias literárias - assembléias interessantes sobre coisas de Goiana - da sua história. A lembrança está na placa de bronze que existia na entrada da saudosa CASA. Ela se encontra guardada carinhosamente pelo seu vice-presidente Esmeraldo de Albuquerque Gadelha Filho. Ainda bem que se salvou a placa, da fúria daquele prefeito, que destruiu um monumento cultural goianense, para em troca não lhe proporcionar "nada vezes nada".

A Província, maio de 1995.

LIONS CLUB

Em Goiana há um Lions Clube, fundado em 18.09.1960. "Clube de Serviços" do qual fui seu presidente no período 69/70. Sua "Carta Constitutiva" data de 6 de maio de 1962.

Lembrei-me de tudo isso, ao ler a notícia da admissão de uma mulher - Laura Vieira Câmara Lins, no Lions Clube do Recife, significando a quebra de um tabu há mais de cinqüenta anos no Lions Internacional.

No meu tempo de leonismo, chamava-se "domadora" àquela

que ao lado do marido (Leão), participava das atividades do clube.

Em nossa administração, realizamos o "1° Baile das Debutantes" de Goiana, e foi fundado o "Clube de Castores", constituído de jovens de nossa sociedade. O "Abrigo dos Velhos", que funciona no Convento da Soledade, mereceu a nossa atenção com donativos.

Fizemos doação de óculos aos escolares com defeito visual e levamos cadernos, lápis e livros às crianças das escolas, além de outras atividades de cunho altruístico. São lembranças que nos ocorrem, quando sentimos e aplaudimos o ingresso de mulheres nos quadros dos clubes de Lions em Pernambuco.

O "Boletim Informativo" do clube, denominado "O CURIÓ", circulou regularmente em nossa gestão, levando as notícias de nossas atividades sociais a outros clubes de vários Estados num permanente intercâmbio de idéias com novas concepções de vida.

Jornal do Commercio, agosto de 1992.

BANDA SABOEIRA

A Banda Musical SABOEIRA acaba de receber 28 instrumentos, doados pela FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. A primeira notícia que se tem da existência dessa centenária Banda está na sua participação nos funerais do capitão Manuel Vieira da Cunha, em 25 de novembro de 1849, conforme recibo em Cartório. Sendo este do Partido Liberal, conclua-se que a SABOEIRA naquela época já fazia parte daquele partido político ao lado do desembargador Nunes Machado - expressão máxima do movimento praieiro de 1848. Em 1849, Pernambuco ainda estava muito combalido em conseqüência da Revolução Praieira, que teve Goiana como cenário de combates. Daí se observar que, SABOEIRA foi forjada num ambiente de conflitos partidários que lhe valeu um patrimônio de muitas lutas e glórias. No passado, ao lado de seus dias de fastígio, a Saboeira teve instantes de aflição, as vicissitudes da sorte. Naquele tempo, toda Banda que se prezasse tinha um "grito de guerra". O grito da "Saboeira" se chamava "Espanhola", em

homenagem a um seu entusiasta que todos conheciam por Manoel Espanhol. A Saboeira, quando ia às ruas, levava os seus protetores, os célebres capoeiras: Zezé Quitole, Mané Arrumação, Miné e José de Aumínio, entre outros. Em cada tocata, eles compareciam, defendendo-a, brigando, morrendo se fosse necessário. Não carregavam armas de fogo. Não carregavam faca. Eram peritos no cacete (o quiri de nossas matas).

Ela viveu horas amarguradas no primeiro decênio deste século, na época do "Rosismo". Havia aqui um Juiz Municipal e depois delegado dr. João Vieira, que levado pelo fanatismo, não permitia à "Saboeira" tocar depois das dezoito horas, nem passar nas ruas da Cidade executando os seus dobrados. Era comum se observar a Banda formada, marchando pelas ruas com os músicos Foi seu primeiro regente Epifânio José da Silva. Depois João José Tavares de Sá Albuquerque, reorganizador da Banda em 1855; José de Lima, Cezário do Rego Monteiro, Minervino Freitas Feitosa, Honório Freitas Feitosa, Sinfrônio de Albuquerque, Henrique Rabelo, Francisco Tavares de Melo, Eduardo Moreira Franco, João de Aquino Lopes, Aprígio Távora de Alcântara, José Lourenço da Silva (Zuzinha), Teódolo Machado, José Benevides da Fonseca, João Guilherme, Custódio Silva, João Samuel de Paiva, João Mendes Ribeiro, Jovelino Cândido, José Rodrigues Peixoto Neto, Misael Ferreira Campos, Sebastião Gonçalves, Agenor Carvalho Cavalcanti, Antônio de Barros Araújo, João Bezerra Chaves, Antônio Xavier de Assis, João Artur Chaves, José Faustino Bezerra Primo, Francisco Carneiro dos Santos e Alberto Aurélio de Carvalho, este da época do 1° centenário. Vale salientar os dois mestres que estavam à frente da Saboeira: Cláudio Bezerra, em 1954 e Clóvis Mendonça em 1960 no concurso "Salve a Retreta", conquistando o 1° prêmio. No começo do século, tivemos aqui, à frente da Saboeira, o mestre Zuzinha - José Lourenço da Silva, que tornou-se músico de renome na regência da Banda da Polícia Militar de Pernambuco. Aqui, naquela época em que se fazia música por idealismo, Zuzinha já se revelava um valor inconfundível como regente, como compositor, orquestrador e como solista de quase todos os instrumentos. Deve-se-lhe ainda um grande serviço: a extinção das arruaças, motins, às vezes, de grandes proporções, com espancamentos e ofensas físicas, verificadas nos encontros da "Saboeira" e "Curica", provocados pelos gritos de "quarto" e "espanha". Um contágio trazido da "capoeiragem" do Recife. O nome

de Zuzinha sempre esteve ligado à história musical de Goiana. Ele aqui fez os seus estudos elementares e aqui teve começo a formação de sua personalidade artística. Alguns de seus partidários, para melhor consolidar a existência da conduzindo silenciosamente aos ombros seus instrumentos. E o caso do vigário de Goiana (Pe. Batalha) não permitir que a "Saboeira" tomasse parte nas festas religiosas da Matriz. Mas com o passar do tempo, o major José Lins - um Curica, mas de espírito conciliador, visando dar maior brilhantismo à solenidade da instalação da Prefeitura Municipal no edifício reconstruído à Rua do Meio, em 1910, convidou a "Saboeira" a participar da festa ao lado da Curica, partindo daí uma fase de maior harmonia entre as duas bandas. Quanto ao seu nome, há duas versões. A primeira era não ter a Banda um fardamento. Assim, quando ela ia se apresentar em público, os músicos mandavam lavar, às pressas, a melhor roupa para dar uma boa impressão. Por isso os adversários lhes chamavam de "saboeiros". A outra versão é mais aceitável. Junto à sede primitiva da Banda, existia uma árvore chamada "Saboeiro". Dizia-se então a música do "Saboeiro". Daí veio a corrutela: "SABOEIRA" ou Banda Saboeira.

"SABOEIRA", tendo à frente José Pinto de Abreu, resolveram criar em 12 de outubro de 1908, uma sociedade com esse mesmo nome (12 de Outubro), chamando a si todo o patrimônio material da Banda, tendo a seguinte diretoria: Presidente - José Pinto de Abreu; Tesoureiro - Leonel Leovigildo de Barros Andrade; Secretário - Júlio Pereira e Procurador Horácio Coutinho dos Santos. A Sociedade 12 de Outubro instalou a sua sede à Travessa do Rosário, onde permaneceu até 1933. Durante esse período até 1930, a Sociedade teve como presidente, sucessivamente, José Pinto de Abreu, José da Costa Rego Monteiro, José Corrêa de Andrade e Manoel do Nascimento Torres. Ocuparam cargos na diretoria: José Rodrigues Peixoto Júnior, Joaquim de Amorim Fialho, Virgílio Prazim de Mendonça, Ursicino Bandeira de Albertim, Joaquim Pires do Sacramento, José Aranha de Albuquerque Coura, Rogoberto Nilo de Paiva, João Paulo Barbosa Lima, Francisco Marques da Rocha, João Barbosa de Freitas Cordeiro, Coriolano de Almeida Campos, Antônio Bezerra de Vasconcelos, Lourival Cavalcanti Ferreira, Manoel Corrêa de Araújo, Antônio Pinto de Abreu, d. Odila Ferreira e Alcebíades de Oliveira Melo. A "Saboeira" tem hoje sede própria, graças aos esforços de abnegados goianenses ligados à centenária Banda, entre eles podemos citar: dr. Benigno Pessoa de Araújo, seu presidente por

vários anos; José Pinto de Abreu, Arnaud Batista Nogueira, Joaquim Rodrigues do Nascimento, Heráclito Ferreira Pegado, dr. Clóvis Fontenele Guimarães, João Pereira dos Santos, José Urbano Ribeiro, Rogoberto Nilo de Paiva, Gercino de Miranda Cardoso, Ângelo Jordão de Vasconcelos Filho, Virgílio Mendonça, Abílio Alves Leal, Severino Corrêa da Silva, Manoel Barbalho da Silva. A Saboeira comemorou o seu centenário em 1949, tendo sido publicada uma plaqueta, de autoria do seu fervoroso presidente Dr. Benigno Pessoa de Araújo, onde se encontram documentos referentes à sua história. Esteve presente às festas o governador Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho. Tem como sede um majestoso edifício, de sua propriedade. Hoje, como mestre da "SABOEIRA", temos o maestro Assuero Alves da Silva - um dos mais fervorosos entusiastas dessa centenária Banda.

A Província, novembro de 1994.

ENSINO EM GOIANA

No Colégio Manuel Borba lecionei História e Geografia de 1952 a 73. Comecei a ensinar à rapaziada os limites do mundo, convidado pelo educador Clóvis Fontenelle Guimarães, com licença provisória do MEC.

No início, o colégio funcionava à tarde no Grupo Escolar Manuel Borba, junto à Praça do Carmo.

Depois, já em prédio próprio, tomou ares de grande colégio, hoje transformado na Faculdade de Formação de Professores. Clóvis Guimarães era um idealista - pluralizado. Ao chegar a Goiana no fim da década de 20, de Canhotinho, elegeu-se prefeito do município, renunciando antes da Revolução de 30.

Médico competente, Clóvis, antes de tudo, era um educador. Dominava bem o inglês. Fundou aqui o Teatro Peixoto Júnior - verdadeira escola de teatro. Seu corpo inumado no Recife, quando o seu lugar seria aqui pela gratidão e homenagem de seu povo goianense.

Jornal do Commercio, abril de 1993.

FOLCLORE

No passado, Goiana se evidenciava no contexto folclórico pelo seu pastoril infantil. As suas bandas de música tomavam partido. A Saboeira era azul e a Curica pertencia ao cordão encarnado. Daí a movimentação de nosso pastoril infantil, alegrando as noites natalinas.

Em cada rua havia um presépio ou lapinha com as figuras representativas do episódio bíblico do nascimento de Cristo, e muitas vezes também a adoração dos pastores, a dos três magos.

A queima da lapinha também era festejada, no dia de Reis. A mocidade daquele tempo se envolvia nas festas natalinas com visitas aos presépios, quando se rezavam e cantavam benditos.

As pastorinhas, crianças de nossa sociedade, com os seus pandeiros, enfeitados de fitas, cantavam todas diante do presépio com o acompanhamento da orquestrinha de pistão, trombone, clarinete, bombardino e bombo.

Hoje, o pastoril infantil desapareceu e deu lugar ao profano de ponta de rua com os seus velhos debochados, espécie de palhaço de circo.

Jornal do Commercio, janeiro de 1995.

HOMENAGEM AO DR. GILBERTO GONDIM

Goiana, pelas suas mais altas representações, esteve presente há poucos dias no plenário da Câmara Municipal para prestar uma homenagem justa a um de seus filhos ilustres: o dr. Gilberto Augusto Corrêa Gondim, juiz da Capital.

Ele denunciou, numa reunião secreta do Tribunal de Justiça deste

Estado, a presença de juízes corrutos no Judiciário local.

A sua atitude de desassombro e amor à Justiça, levou os goianenses, por iniciativa do advogado Paulo Roberto Tavares, a prestar-lhe significativa homenagem. Goianense, filho de dr. José Augusto Gondim, proprietário do engenho Pedregulho, deste município, o juiz Gilberto Gondim, já esteve anos atrás à frente de nossa Comarca, um dos períodos áureos da Justiça em Goiana, onde se fez credor da estima e admiração dos goianenses.

Vários oradores se fizeram ouvir (advogados Alcides R. de Sena e Paulo Roberto Tavares) de louvor à Justiça na pessoa do magistrado Gilberto Gondim, cuja competência de suas decisões judicantes foram ressaltadas.

Diario de Pernambuco, julho de 1993.

TIRO DE GUERRA

O Jornal "A Província" desta cidade, no seu último número, trouxe a alvissareira notícia do ressurgimento entre nós do Tiro de Guerra, há vários anos fechado por incúria do prefeito dos idos 1978/82. Hoje a Prefeitura está envidando esforços, no sentido de trazê-lo de volta.

Com esse fim, há poucos dias, esteve aqui uma comissão de oficiais do Exército, sentindo as possibilidades de seu funcionamento neste Município. A presença do TG 07-167 em Goiana, data de 1937, tendo como instrutor o sargento Antônio Muniz da Cruz e como presidente o prefeito Benigno Pessoa de Araújo. Depois vieram outros instrutores, entre eles os sargentos José Ferreira de Castro e Augusto Cireno da Câmara Ribeiro - hoje ambos oficiais da reserva e residentes nesta cidade. Aqui, era costume a participação do TG nas solenidades cívicas, procissões religiosas e a sua atuação altruística nas cheias periódicas do rio Capibaribe-mirim, participando da luta de salvamento da população ribeirinha.

A obrigatoriedade do serviço militar surgiu no Brasil com a campanha cívica do poeta Olavo Bilac, na 1ª Guerra Mundial. Quando estudante, em 1938, recebi o certificado de reservista (2ª categoria) pela Escola de Instrução Militar 303 do Recife, com o instrutor Enéas Lins.

Entre os alunos de minha turma, estava o já grande orador Jordão Emerenciano - ex-diretor do Arquivo Público do Estado.

Diario de Pernambuco, julho de 1993.

PROFESSORA EUNICE RAPOSO

Faleceu recentemente (12.10.93) em Goiana a prendada professora Eunice Raposo, já aposentada, aos 80 anos de idade, filha de dr. Antônio Gonçalves Raposo e Umbelina Carneiro Raposo. Formou-se em dezembro de 1931 no curso normal (5 anos), mantido pela "Academia Santa Gertrudes", de Olinda - equiparada à Escola Normal Oficial.

Veio, logo após à formatura, para esta cidade, onde morava seu pai dr. Antônio Raposo - advogado militante neste forum. Aqui, em 31 de janeiro de 1933, foi nomeada para reger a cadeira nº 5 do Grupo Escolar "Manoel Borba" pelo então prefeito José Pinto de Abreu - prefeito por várias vezes em Goiana, sendo o seu primeiro mandato no triênio de 1919 a 1922.

A professora Eunice lecionou por quase 30 anos (1933 a 1960), naquele grupo escolar com dedicação e idealismo, fazendo do ensino um verdadeiro sacerdócio, procurando formar nos bancos da escola cidadãos de caráter viril e de sentimento patriótico.

Na época de sua aposentadoria, assim se expressou a Câmara de Vereadores: "No seu currículo de vida de mestra, foi uma devotada à causa do ensino primário em Goiana. O seu amor à cátedra nos surpreendeu a todos pela vocação especial ao magistério. Os seus ensinamentos, como professora primária, foram de um valor extraordinário no aprendizado escolar da criança, e através de mais de duas dezenas de anos incutiu com idealismo no espírito ainda tenro dos escolares o amor à religião e à dedicação ao estudo".

Esteve também na cátedra do Colégio da Sagrada Família como regente do Curso de Admissão, e ainda, à noite, durante vários anos, depois de se submeter a um concurso para uma cadeira de ensino primário, criada pelo ex-deputado Antônio Corrêa de Oliveira - hoje Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado - onde vem se destacando pelos seus pareceres judiciosos.

O Colégio da Sagrada Família desta cidade, mantido desde 1905 por religiosas francesas, muito tem contribuído para a formação cultural de nossa juventude. O nome da professora Eunice Raposo é digno de ser perpetuado no frontispício de uma casa de ensino em Goiana. Só assim a posteridade tomará conhecimento dessa educadora que por aqui passou, deixando um traço luminoso de sua vida, toda ela dedicada à educação. Com a palavra a Câmara e o Poder Executivo do Município.

A Província, dezembro de 1993.

FANDANGO

Na coluna Há 150 Anos do Diario, de 10.11.93, encontra-se uma queixa à polícia sobre a participação de escravos nos folguedos chamados de Fandango, realizados, à noite, lá para as bandas da rua da Praia (antiga Ribeira) no Recife.

Os escravos saíam escondidos da "casa de seus senhores" para participar daquele divertimento que, às vezes, terminava em briga. Hoje, o Fandango faz parte do conjunto folclórico das festas natalinas.

Aqui, em Goiana, no tempo do prefeito Lauro Raposo houve uma representação desse auto, ligado à lenda da Nau Catarineta com cantos, danças e lutas, junto a um navio de madeira improvisado, cheio de fitas e lanternas coloridas.

Bonito espetáculo de origem portuguesa, referente às odisséias marítimas do século XVIII com episódios da luta entre mouros e cristãos. Para efeito turístico no próximo Natal, seria um bom negócio para Goiana, já que o Koster no seu livro - Viagens ao Nordeste do Brasil, ficou embevecido por esse brinquedo na ilha de Itamaracá, em 1814.

Diario de Pernambuco, novembro de 1993.

CHARANGAS

A faculdade de discernir bem a beleza e perfeição da arte musical sempre constituiu características próprias do goianense.

O seu gosto pela música provém de bem longe. Bem viva está a memória de um quase fanatismo entre nós pelas bandas rivais Curica e Saboeira.

Chegou-se ao ponto de homéricas brigas nas ruas com a capoeiragem - negros (ou mulatos) de faca em punho com rasteiras incríveis, em defesa de sua charanga. Daí porque até hoje cultivamos a música como a representação legítima de nossas mais valiosas tradições.

Antes do rádio e da TV, exportávamos músicos, preparados em nossas escolas musicais por professores competentes. Temos ainda hoje conterrâneos brilhando pelo seu talento musical como os maestros Duda e Guedes Peixoto.

No livro "O Matuto", de Franklin Távora (1902), se lê: "Passando por Goiana ouve-se daqui uma trompa, dali um baixo, diante um pistom, além trombones, uma clarineta, contrabaixo, uma flauta, saudosos assobios, uma harmonia ou uma melodia qualquer e não se vê sala nem corredor que não tenha nas paredes uma, duas ou três ordens de gaiolas com passarinhos cantadores e chilreadores". Assim era Goiana no passado.

Jornal do Commercio, outubro de 1993.

CURIÓS

"Campo" a merecer aplausos, no JC de 02.09.94, publicou um histórico sobre o Curió - pássaro canoro de bico preto, outrora encontradiço em nossas matas e capoeiras. Com a devastação das matas,

o curió se tornou pássaro raro. Os afamados curiós do Tanquinho (subúrbio de Goiana) já não existem. Hoje apenas recordação dos bons curiós de antigamente. Os grandes criadores em Goiana eram Joca Teles, Mathias Pinto de Abreu, Joaquim Fialho, Gabriel Renepont, Virgílio Mendonça, Rogoberto Paiva, Enock Maranhão, entre outros. Em Goianinha (hoje Condado), havia a dupla do curió: Gerôncio Mendonça e José Barbalho da Silva. Esses curiós ede 20 a 25 cantos seguidos eram mais disputados e assim batizados: "O Leôncio", "O Almeida", "O Rafael", "O Pirata", "O Macaco", de Virgílio Mendonça, e "O Pergentino", Joca Teles. Um desses deles custava de 30 a 50 mil réis, na época, uma fortuna. Havia um curió pertencente a Olegário Marinho que viveu com o seu dono cerca de 22 anos, "O Olegário". E o que viveu perto de 30 anos se chamava "O Bico de Aço".

Jornal do Commercio, outubro de 1994.

BARÃO DE GOIANA - CORREIA PICANÇO

José Correia Picanço (1° Barão de Goiana), filho do cirurgião-barbeiro Francisco Correia Picanço, nasceu na vila, hoje a quadrissecular cidade de Goiana, a 10 de novembro de 1745.

Aqui, aprendeu as primeiras letras e concluiu os seus estudos primários. Brincou pelas várzeas, bebeu a água do tanquinho e conheceu o canto melodioso de seu curió. Teve medo das sezões - moléstia endêmica da terra, e saboreou as frutas de nossos sítios (quintais), as primorosas pinhas, laranjas seletas, além dos saborosos abacaxis de Itapirema.

Ouviu também histórias sobre o heroísmo de nossa gente. Já rapaz, seguiu para o Recife em companhia do pai, onde começou a aprender com entusiasmo e devotamento o ofício paterno para dentro em breve se tornar um exímio profissional.

Diz-se, aliás, essa história tem viso de tradição, que Picanço

executou gratuitamente, pela primeira vez em Pernambuco, a operação cesariana em sua escrava, salvando-lhe a vida. Pela sua habilidade e conhecimentos clínicos, chegou Correia Picanço a impressionar o governador de Pernambuco - Antônio Francisco de Paula Manuel de Souza Menezes, o célebre conde de Vila-Flor, que o nomeia em dezembro de 1766 cirurgião do Corpo Avulso de Oficiais de Ordenança de Estradas e Reformados.

Consegue depois viajar para Lisboa e se projeta como professor de Anatomia. Como cirurgião-mor do Reino, vem para o Brasil na fuga da Corte pela invasão das tropas de Napoleão Bonaparte, em 1808, do território lusitano.

Na Bahia, solicitou e conseguiu a instituição do ensino médico em terras brasileiras. Faleceu no Rio de Janeiro com 78 anos de idade, o nosso 1° Barão de Goiana, cujo busto, inaugurado em 1962, na praça de seu nome, nesta Cidade, representa a homenagem prestada ao sábio que em vida se chamou José Correia Picanço.

Jornal do Commercio, novembro de 1991.

VELHOS PASTORIS

O Natal é época de pastoril - folguedo popular dramático de origem religiosa - desde os tempos de São Francisco de Assis com o presépio armado em sua gruta. Isto para lembrar o nascimento de Jesus, acompanhado da queima da Lapinha. Hoje em dia, o pastoril infantil com pastoras ainda crianças e suas jornadas, está sendo deturpado pelo pastoril profano de "ponta de rua" com pastoras (prostitutas declaradas) e a presença de um velho debochado, em cima do tablado ao ar livre, que conta anedotas, faz pilhérias e vende prendas em leilão.

Em Goiana sempre existiu esse tipo de pastoril, exibindo-se mais durante o Natal e Ano novo como os seus velhos: "Faceta", "Fuxico" e "Cebola" - todos bons, de pastoras do cordão azul ou do encarnado, tudo entremeado com cantos e danças.

Diario de Pernambuco, dezembro de 1993.

PRAÇA DO ARTESÃO

Nas minhas andanças pelas ruas de Goiana, observei a corrida de turistas à Praça do Artesão, recentemente inaugurada pela Prefeitura. Fica paralela à Rua "Mário Melo" (antiga Rua das Crianças), perto do afamado "Buraco da Gia". Ali encontramos uma exposição permanente de esculturas de barro queimado com motivos vários, lembrando a tradição em meio a figuras populares de Goiana de priscas eras.

É um trabalho dos nossos modeladores de barro, que dignifica a cultura popular de nossa Cidade, merecendo por isso elogios dos visitantes. As figuras (símbolos), de bom tamanho com traços característicos lembram: "São Pedro Padroeiro", "Pegador de Caranguejo", "Escravo da Cana", "Vendedor de Abacaxi", "Tirador de Coco", "Pescador", "As Heroínas de Tejucopapo" e "Maracatu Rural", este do artesão Gercino Santos. Goiana tem sido pródiga em artesãos (e dos bons). Temos aqui com fama internacional o artista José do Carmo que desde criança se projetou na modelagem a barro queimado, vendendo os seus "brinquedos" nas feiras, criando desde logo interessantes símbolos (tipos populares), como: "Lavadeira", "Pescador de Camarão", "Carvoeiro", "Mendigo", "O Pastoril", enfim uns sem números de figuras, às vezes, com traços ingênuos, com toque barroco.

Turismo se faz assim, apresentando aos que nos visitam coisas interessantes e mesmo históricas como as nossas seculares igrejas do tipo barroco, o Cruzeiro do Carmo (obra artística de muito valor), o nosso Canal por onde escoavam no passado os produtos de terra, fomentando a riqueza e o desenvolvimento de Goiana.

Jornal do Commercio, dezembro de 1991.

RADIODIFUSÃO

Foi a 25 de setembro de 1884 que nasceu na cidade do Rio de Janeiro Edgard Roquete Pinto, introdutor da radiodifusão no Brasil, criando a Rádio Sociedade e depois a Rádio Escola Municipal, que é hoje, numa justa homenagem, a Rádio Roquete Pinto, da Prefeitura do Rio. Sábio e escritor, ele foi uma figura exponencial da cultura brasileira, que enriqueceu com os seus trabalhos e engrandeceu com as realizações de seu temperamento empreendedor.

Muitas iniciativas úteis teve Roquete Pinto, como a fundação da Academia Brasileira de Ciências, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, hoje Rádio Ministério da Educação, do Serviço de Censura Cinematográfica, do Instituto Nacional de Cinema e outras iniciativas importantes de caráter cultural. Foi integrante da Academia Brasileira de Letras com vários livros já publicados: "Rondônia", "Seixos Rolados", "Samambaia" entre outros. O seu renome intelectual há muito transpusera as fronteiras da Pátria para projetar-se nos meios culturais da América e da Europa.

Aqui, em Goiana, tivemos na interventoria de Souza Leão Vanderlei a fundação da "Amplificadora Educativa de Goiana", com serviço de alto-falantes em praças públicas para divulgação de anúncios e programas de arte. Da sua diretoria faziam parte, além do prefeito, figuras de relevo de nossa sociedade como Lauro Raposo, Benigno de Araújo, Arnaud Nogueira, pe. Fernando Passos, Clóvis Guimarães, Durval Correia, Arlindo Maciel, Laiete Gemir, entre outros.

Depois foi a vez da "Amplificadora Tupã", de Otávio Fernandes, que cobre toda a cidade com interessantes programas, e por último a "Rádio Goiana FM", do grupo Osvaldo Rabelo & Filhos.

Diario dé Pernambuco, novembro de 1991.

CURSO DE FILOSOFIA

O Convento do Carmo de Goiana foi iniciado entre os anos de 1666 e 1669. Em 1681, nele se instalou um curso de Filosofia para religiosos e seculares, o qual perdurou até meados do século XIX. Em 1671, o venerável fr. João de São José instalou aqui a Reforma de Tours. A atividade dos religiosos desse convento cifrava-se à vida conventual e ao curso de filosofia. Nele estudou algum tempo o afamado botânico Arruda da Câmara.

Os rebeldes da Revolução Praieira requisitaram o convento para seu quartel, e nele depositaram o paiol e pólvora. Mal se aproximavam desta cidade as tropas legalistas, foram aos ares as paredes do vetusto convento. Nesse estado de ruínas esteve até o ano de 1934, quando fr. Manuel Carneiro Leão iniciou as obras de restauração.

A 3 de março de 1882 morria o último conventual dessa comunidade goianense. Dois meses depois, o pe. João Francisco Fernandes instituiu o Colégio São Luiz. Em 1906, foi residência dos padres Lazaristas. Em 1917 voltaram os carmelitas suas vistas para o velho monumento.

Afinal, para ele vieram em 1921, fr. Avertano Graboleda, fr. José Maria Casanova e fr. Joaquim Ortello. Foi em 1932 que fr. José Casanova, incansável trabalhador pelas vocações carmelitanas nacionais, trouxe para cá a Escola Apostólica. Dela saíram muitos sacerdores. Hoje a Escola Apostólica dos Carmelitas funciona em Camocim de S. Félix-PE, num prédio moderno ali construído pela Ordem Carmelitana.

Foi uma perda irreparável para Goiana a transferência de seu Seminário para Camocim. Ainda hoje, lamentamos e não sabemos se foi por falta de maiores auxílios e contribuições dos fiéis e devotos da Virgem do Carmo desta cidade. A comunidade, goianense sofreu muito, pois ninguém ignora que a educação de rapazes naquela época, em geral, vindos de famílias pobres e modestas, era ali, no Seminário de Goiana, onde eles encontravam abrigo e acolhimento.

Diario de Pernambuco, agosto de 1991.

MAPA DE GOIANA

Goiana tem o seu mapa histórico confeccionado pelo pintor Manuel Bandeira, ao tempo do prefeito Otávio Pinto, aquele artista trabalhou em 1934 como desenhista na Pernambuco Tramways e depois se tornou um artista inconfundível - no célebre pintor pernambucano.

Grande foi a dedicação de Bandeira na confecção do nosso mapa histórico, com a sua reedição nas comemorações do IV Centenário do Povoamento de Goiana. A sua inteligência traçou todos os recantos históricos da velha Goiana. Até os detalhes paisagísticos de ruas, praças, travessas e logradouros com os seus antigos nomes: Rua Direita, da Praia, do Rio, da Ponte, do Giló, Porteiras, Poço do Rei, Viração, Baixinha, Lindo Amor, Beco do Pavão etc.

Toda a cidade surge ali desenhada com as suas curiosidades, tradições e monumentos. O canal, as barcaças ancoradas no porto, relembrando o tempo do transporte fluvial e da hegemonia comercial de Goiana. As igrejas seculares e o Cruzeiro da Praça do Carmo (o mais bonito da América Latina). Os canaviais das várzeas do Bujarí, Mariuna e Maravilhas. Tudo nesse mapa é evocação goianense.

Jornal do Commercio, junho de 1993.

COCO DE RODA

Entre as nossas tradições populares encontramos a dança do coco, muito apreciada pelos escravos nos idos da colonização.

Nas terras de Goiana, onde proliferam os engenhos-de-açúcar, estabelecendo a monocultura canavieira, os escravos, repelindo a sua nostalgia, se reuniam no pátio das senzalas a fazer as suas festas na época das moagens.

Eles dançavam o "coco", saltitando com requebros ao som de

bombos e ganzás. Formavam uma roda com cantigas dolentes, dando nos trejeitos umbigadas entre os pares, e palmas no acompanhamento.

Hoje essa dança aparece, no Nordeste, com novas adaptações nas festas populares do nosso rico folclore.

Jornal do Commercio, janeiro de 1994.

AS PRAIAS, ONTEM E HOJE

O município de Goiana é banhado pelo Oceano Atlântico desde a barra do Goiana até a barra do Catuama, e regado pelos rios Itapirema, Capibaribe-mirim, Tracunhaém entre outros. Goiana está situada em um vale entre os rios Capibaribe-mirim, Tracunhaém, formadores do Rio Goiana, que se lança ao mar após um curso de 36 quilômetros, estabelecendo a divisa entre Pernambuco e a Paraíba.

As principais praias de Goiana são: Carne-de-Vaca, Catuama, Atapuz e Ponta de Pedras, famosa pela placidez de suas águas e considerada por muito tempo como extremo oriental da América do Sul.

A praia de Carne-de-Vaca fica situada no distrito de Ponta de Pedras, na foz do Rio Goiana. Quanto ao seu topônimo, se apresenta muito controvertido, às vezes com sinais de lenda, mas, em estudos toponímicos se verificou que a sua origem vem de uma árvore ali existente em abundância, na Mata Atlântica, chamada de Carne-de-Vaca, hoje desaparecida. Com árvore de folha grande e flor amarela, encontradiça nas margens do rio Goiana, próximo à foz, que os índios potiguares usavam para fazer os remos de suas canoas.

Na praia de Carne-de-Vaca é comum andar-se à borda do mar apanhando mariscos - moluscos de sabor agradável, comestível, preparado à base de coco. Os bares rústicos que se erguem ao longo da costa são atração para o visitante.

Ponta de Pedras é a praia mais famosa de nosso litoral, com o seu vasto coqueiral e um "misto de beleza selvagem e urbanismo". Desde

as primeiras navegações (1501), Ponta de Pedras aparece nos mapas antigos como acidente geográfico. Aliás, no meu tempo de escola primária, no estudo de geografia, a nossa praia já figurava como o ponto extremo ao leste das terras brasileiras, quiça das terras americanas.

O nome primitivo desde a sua fundação (1589) sempre foi PONTA DE PEDRAS, hoje terceiro distrito de Goiana. A Lei municipal nº 1530 de 1.9.1988, disciplina a matéria.

Praia de ricos florões na história de Goiana, Ponta de Pedras é hoje o seu cartão postal.

A praia de Catuama fica situada nas abas do oiteiro do Funil e possui as capelas de Nª Srª da Penha (na Barra) e a de Santo Antônio. Hoje, esta praia está situada no distrito de Ponta de Pedras e tem sua parte litorânea loteada de "canto a canto", onde foram construídas bonitas e confortáveis casas de veraneio.

Existia naquela praia de Goiana um fortim chamdo "Fortim da Ponta de Catuama", construído pelos portugueses no século 17. Deste restam poucos vestígios.

A praia de Atapuz fica situada no Pontal de Atapuz. É uma praia de pescadores simples e de poucas casas, por lá aparecem turistas encantados com a paisagem natural. Poucos veranistas procuram Atapuz por falta de uma estrada asfaltada, mas, mesmo assim, ela é bastante visitada.

A Província, janeiro de 1994.

EVOÉ! GOIANA

EVOÉ! GOIANA está em plena orgia carnavalesca. No passado, foi pródiga em folguedos de origem africana, chegando ao ponto de ser criada aqui, na década de 30, a Federação Carnavalesca de Goiana, tendo Benigno de Araújo e Lauro Raposo à frente. O Carnaval já está em plena efervescência com o povo fazendo o passo ao som do frevo,

na Praça dos Eventos (antiga Rua Direita). Foram organizadas comissões e equipes para dar maior brilho às festividades momescas. O brilho das fantasias e o barulho dos chocalhos dos caboclos de lanças enfeitadas de fitas coloridas, invadiram as nossas ruas. Os maracatus rurais (Leão da Serra e Leão do Norte) desfilarão este ano nas ruas de nossa ciadade, ao lado de tribos, aruendas, blocos, caboclinhos, etc. As tribos indígenas: Tupã, Carijós, Sete Flechas e Canindés dividirão as atenções do público com blocos, clubes e troças.

O FREVO vai tomar conta da histórica cidade de Goiana: moças, velhos, rapazes - todos estarão a fazer o passo. O frevo é a dança coletiva. O passo é a dança individual. Quem dança é o passista. E todo mundo cai no frevo. O Carnaval é o maior acontecimento da história da alegria de qualquer cidade do Brasil, e Goiana pela animação de seu povo se incorpora à tradição. E haja festa do sábado (gordo) à quarta-feira de cinzas. Foram-se os arlequins, colombinas e pierrôs, mas ficou a alma vibrante do povo goianense. Esses tipos de origem tão remota dominaram com as suas vestes e com o seu jocoso desempenho por várias décadas.

E quem não se lembra dos lança-perfumes VLAN, PIERRÔ e RODO. Com a sua proibição (1961) por Jânio Quadros, deixou saudades em todos os foliões que dele faziam uso como maneira romântica de aproximação ou de convívio na alegria do Carnaval. Com a morte do "corso" só restou como lembrança dos préstitos famosos o espetáculo dos carros das Escolas de Samba. As fantasias da antiga tradição se foram. Restam as modernas com a improvisação de "calça-curta" para a ala feminina. Pois é, a irreverência tem sido a tônica do Carnaval, além do mela-mela. No passado, Goiana era tomada pelos grandes clubes: "Lenhadores", "Pás Douradas", "Remadores", "Fadistas" etc. Na Rua Direita, os clubes se encontravam. A rua era estreita para tanta gente com as "limas de cheiro" para perfumar os foliões. Na terça-feira os folgares do lança-perfume decorriam mais animados.

O "corso", por vezes encantador, dada a intensidade da batalha de confetes, serpentinas e getones. Na Rua Direita havia o Bar Familiar (1923), de Antônio Pinto de Abreu, que se transformava no foco maior da animação carnavalesca. Mascarados e máscaras era o que mais se via no Carnaval passado. Mesmo com a crise e a falta de dinheiro o

povo brinca. O serviço de luz e ornamentação na Praça dos Eventos, certamente estará irrepreensível. Dos clubes e troças no passado, sempre se salientavam o "Pastoril Infantil" e o "Clube dos Toureiros" e a troça "Deixe... que eu boto". Certamente a Prefeitura vai ajudar os clubes para um melhor desempenho neste Carnaval. Nos carnavais passados circulavam nos dias de Momo, jornais como "O Palhaço" (1923), "Goiana no Frevo" (1933) além de outros, com notícias quentes das festas carnavalescas. Esses jornais eram muito procurados pelos foliões. A chegada do Rei Momo abre as portas do Carnaval em Goiana. Para recebê-lo estão blocos e troças: "Aruendas", "Caçadores", "Damas de Ouro", "Pega Meninos", "Travesseiro de Noiva", "Pastorinhas Divertidas", "Cheleleu" etc. O "corso" com bandeirolas e "laços de amor", tem o seguinte itinerário: Rua Direita, Trav. da Matriz ou Honório Monteiro, Rua do Meio, Praça do Carmo e Rua Direita. Outrora era assim: bailes familiares no Politeama e bailes públicos na área entre a cadeia pública (hoje Prefeitura) e o Bar Familiar, onde hoje fica o mictório público ao ar livre com fedentina e tudo. Estamos em pleno reinado da folia. Nestes três dias maravilhosos - dias da chalaça humana, esquecemos as dores da vida como por encanto.

O Carnaval é uma tradicional festa a que se apuram a lascívia, a libertinagem e o apreço à carne. É o polo positivo do prazer. Folguemos, foliões, a vida passa depressa. Evoé! O Entrudo foi o começo do Carnaval. Depois houve transformações, substituindo-se o pernicioso "entrudo" por polcas, chulas, etc. Os blocos carnavalescos estão de volta na tarde de segunda-feira na Praça dos Eventos. Ali, naquele reduto do Carnaval de Goiana, os blocos, por certo, estarão demonstrando a força da resistência de nossa festa maior. O "Bloco da Saudade" é um dos esteios mais fortes do Carnaval de Goiana. Orquestras da Curica e Saboeira animarão o Carnaval de rua. VIVA O FREVO! VIVA o passo!

Os nossos blocos, os nossos clubes, as nossas troças é que precisam de mais dinheiro porque têm que contratar músicos para encher as rua de alegria e delírio. Os velhos carnavais de Goiana deixaram saudades arraigadas nos corações dos foliões. As marchinhas de nossas festas carnavalescas: "Taí (prá você gostar de mim)" de 1930; "Teu Cabelo não nega" (1932); "Linda Morena" (1933); "Segura esta mulher" (1933); "Rasguei minha fantasia" (1935); "É de amargar" (1939);

"Damas das Camélias" (1940) etc. - todas foram sucessos dos nossos carnavais.

Estão dispostas a fazer boa apresentação na passarela da Praça dos Eventos este ano, as seguintes agremiações: "Bloco das Mufumbadas"; "Escola de Samba São Jorge"; "Os Bambas do Ritmo"; "Almirantes do Samba"; "As Pretinhas do Congo"; "A Bandinha dos Loucos"; "Caninha Verde"; "Papa-Mel"; "Viúvas Virgens"; "Boi Estrela"; "Urso Branco na Folia"; "Burra Joinha"; "Pás Douradas"; "Lenhadores"; "Remadores"; "As Fadistas"; "Vitória"; "Cavadores"; "Bafo da Onça"; Maracatus e Caboclinhos.

A Província, fevereiro de 1994.

CICLO JUNINO

O tradicional plantio do milho no dia de São José significa de certo modo um dos preparativos para os festejos juninos entre nós. O ciclo junino, em Goiana, sempre foi alegre e festivo, com as trezenas de Santo Antônio - o santo casamenteiro, puxando as festividades, a começar do dia 1º de junho. Muitas ruas se apresentam enfeitadas com bandeiras, em meio a fogueiras, balões, foguetes e iluminação. Nas casas, as cerimônias religiosas com benditos, rezas e música (orquestra da Saboeira e da Curica) em louvor a esse Santo - apóstolo e Doutor da Igreja que veio de Portugal para o Brasil já com muita tradição. Acender velas, enfeitar com alfaias, flores e manjericão a imagem de Santo Antônio se tornou costume popular em Goiana, com os "noiteiros" se rivalizando entre si para maior esplendor das celebrações "antoninas".

As moças solteironas (coroas), quase sempre se aproximam dos oratórios dedicados a esse Santo, à procura de uma solução para os seus "casos". É uma época cheia de superstições e, em tempos passados, via-se comumente nas casas, uma pequena imagem de madeira colorida, representando um menino Jesus nos braços. Em nossa casa há um oratório, lembrança de minha sogra, Áurea Raposo Pinto, com uma

imagem de Santo Antônio muito antiga, do tempo da dona Belisana Labatut, que veio da Bahia e aqui ficou e constituiu família. No dia do Santo (13 de junho), a festa é maior, com o altar cheio de flores e fitas. Ele é o advogado das moças casadouras. A sua crônica vem atravessando séculos com muitas lendas ao seu redor. Os nossos antepassados eram mais carolas e padrescos.

O "dia dos namorados", invenção comercial está em moda com o apoio da moçada, que se diverte com o evento. No meu tempo de jovem, grupos animados de moças e rapazes saíam à noite a visitar, de rua em rua, as trezenas de Santo Antônio, patrocinadas por "noiteiros", em muitas ruas desta cidade como: "Laranjeiras", "Limoeiro", "Atrás do Carmo", "Lindo Amor", "Quintas", "Das Porteiras" e "Rua da Viração", na casa de dona Sinhazinha Borba, onde se improvisava baile que ia até a meia-noite. Hoje a velhice me enruga o rosto. Tudo parece um sonho. Tempos bons que não voltam mais.

O São João na roça, ou seja, no Interior, é mais gostoso, é por exelência uma festa do Interior com os seus arraiais enfeitados com bandeiras, também, e folhas de coqueiro, e muito cheiro de arruda e manjericão. As fogueiras predominam em filas pelas ruas em frente às casas. Os balões sobe e a criançada grita: "Viva São João!". É divertido o São João com as suas tradições nordestinas: a guerra dos busca-pés e a algazarra das crianças, correndo e se escondendo com medo do fogo. Isso eu vivi muito em Goianinha (hoje a progressista Condado), costumes antigos, introduzidos pelos portugueses. A comida gostosa da época, com a sabedoria das negras africanas, adicionando o coco às comidas de milho, dando as saborosas: pamonhas, envoltas na palha da própria espiga de milho, a canjiga de dona Júlia, que era a mais gostosa de todas, espécie de pudim de milho verde, vendido em tijelinhas, dentro de tabuleiros com um menino a gritar pelas ruas. O munguzá, os bolos de milho e pé-de-moleque. Tudo isso é a cozinha regional relativa à época junina, variada e tantas outras comidas à base do milho, coco e mandioca.

São noites lindas: os balões sobem, levando recados ao Santo que dorme. "São João está dormindo. Não me ouve, não. Acordai, acordai, João. Não acorda, não!". As fogueiras ardem e os fogos espoucam, tudo é festa e alegria, com as quadrilhas de origem francesa e os bailes à moda caipira, realizadas no Grupo Escolar Manoel Borba, desta

cidade. Muitas pessoas ainda crêem que o futuro pode ser desvendado na noite de São João, daí as advinhações: "Uma faca introduzida à meia-noite no tronco de uma bananeira; atribuir benéficos efeitos à raiz da arruda e do manjericão, arrancadas na véspera de São João com influência universal sobre a felicidade. Daí a origem dos amuletos ou "figas", com as criançinhas de peito, em tempos passados, usando-as em forma de colar e raiz seca de arruda".

A festa de São João é uma das mais populares. Foi introduzida no Brasil em 1583, festa alegre e muito apreciada pelos índios por causa de suas fogueiras. A música em voga nesta época, consta de baiões, xaxados, xotes, ritmos característicos, tocados em sanfona com acompanhamento de triângulo, pandeiro, zabumba e maracá.

São Pedro, o outro santo da tríade, encerrando o ciclo junino. Em Goiana se encerra com as festas populares a São Pedro - o pescador. Ele é padroeiro da cidade. O povo vai às ruas festejá-lo. Aqui há marcos bem vivos dessa manifestação popular, além de lanternas e balões em seu dia. Goiana que já se chamou, "CIDADE DE SÃO PEDRO", nasceu cercada pelos rios Capibaribe-mirim e Tracunhaém, que correm paralelamente na várzea.

Todos os anos se realiza a procissão fluvial, tendo como ponto de partida o engenho Japomim, onde estão fincados os marcos do povoamento de Goiana. Dali toma as águas do histórico CANAL DE GOIANA, antigo desaguadouro de nossas riquezas agrícolas. Em algumas ruas de nossa cidade as festas profanas continuam até tarde da noite, em estilo bem folclórico, com fogueiras, lanternas coloridas acesas, à moda antiga, nas fachadas das casas. Últimos sinais das comemorações juninas.

A Província, junho de 1994.

2º CAPÍTULO

DISTRITOS

PONTA DE PEDRAS

A propósito de Ponta de Pedras, aprazível praia do litoral goianense, que tem merecido nos últimos dias destaque na seção "Cartas à Redação" do Diario, ora por questão de uma cerca de pau-a-pique a obstar a passagem à beira-mar de pedestres; ora sobre a sua emancipação política que já se torna tardia para os seus habitantes, lembramos aqui a figura do saudoso desembargador Ângelo Jordão Filho na sua pendência, há anos atrás, com o historiador Mário Melo, referente à alteração do nome original Ponta de Pedras para Pontas de Pedra como hoje é conhecida aquela vila de Goiana.

O historiador Mário Melo se firmava na sua tese vitoriosa no IV Congresso de Geografia, reunido na cidade do Recife, quanto à duplicidade existente, dando ganho de causa a uma cidade do Estado do Pará, com o mesmo nome (Ponta de Pedras), por exigência técnica na distribuição de cartas pelo Correio, entre outras justificativas. Já por sua vez, Ângelo Jordão o contraditava, alegando que: "se havia de ser sacrificada alguma duplicata, que fosse a cidade do Pará. A nossa tem a precedência, não aquela, pois teve o seu início nos primórdios da nossa vida colonial".

E assim houve troca de artigos, cada um defendendo o seu ponto de vista. Mas como resultado a nossa praia ficou sacrificada até hoje, com a decisão oficial daquele Congresso, já que era vila, e a outra por ser cidade mereceu as regalias do veredicto.

No passado, a citada praia, gozava do privilégio de ser o ponto extremo a leste das terras brasileiras, e os livros de Geografia sempre faziam referências àquela ponta avançada, coberta de coqueiros. E para corroborar essa assertiva vamos encontrar no I volume dos Anais Pernambucanos, de Pereira da Costa, à pág. 614, o seguinte: "Neste ano (1559), fundou o padre franciscano Fr. Antônio de Campo Maior uma missão de índios na sua aldeia de Ponta de Pedras, em terras da capitania de Itamaracá, quando se achava na vizinha vila de Igarassu, dirigindo obras de construção do seu convento". E ainda: "A povoação

assenta em uma vasta planície que fica no extremo de um pontal que entra pelo mar, chamado Ponta de Pedras, que deu o nome à povoação e que constitui a parte mais oriental da costa do Brasil. Coberto o pontal de vasto coqueiral, vê-se por detrás, rumando para Oeste, os morros de Amécega, de Itapessoca e do Carrapicho, sendo estes dois últimos cobertos de coqueiros, e em frente olhando para o nascente, corre um braço de mar cintado por uma linha de arrecifes, em frente a qual ficam os "Baixos de Ponta de Pedras", pedrejados, e de pouco fundo, distante do litoral umas quatro milhas". (obr. cit. pág. 615).

O mar que banha esses "Baixos", que na maré vazia ficam descobertos chamam ali, os praeiros, mar de dentro ou lagamar, onde se cria, o melhor e mais saboroso lagostim, muito mais apreciado do que aquele que é pescado no alto mar, ou mar de fora. Este tem um gosto enjoativo, espécie de maresia, o que naquele não existe.

E voltando à alteração do nome da referida praia, que nos primórdios do Brasil colônia, era chamada de Ponta de Pedras, o pesquisador Ângelo Jordão tece ainda no seu artigo intitulado "Em Defesa Dos Nossos Penates", o seguinte comentário: "Ora, em 1559, nem sequer o Pará existia como aglomerado de colonizadores portugueses, pois sua capital Nossa Senhora do Belém, foi fundada por Francisco Caldeira Castelo Branco em 24 de dezembro de 1615, donde se concluirá com facilidade que a sua cidade de Ponta de Pedras só teria surgido posteriormente".

Então, por antigüidade (que, aliás, é posto), pelos estudos topográficos, daquela região, caberia à nossa praia o direito da conservação de seu nome antigo Ponta de Pedras sem a deturpação que lhe foi imposta, contrariando a própria história, desde a sua origem, e a sua projeção internacional no passado, como marco nos limites das terras brasileiras.

Diario de Pernambuco, março de 1988.

COLÔNIA Z-3

Em 1957, depois de longa espera, foi inaugurado na Vila de Ponta de Pedras um frigorífico para abastecer de gelo as embarcações de seus pescadores na faixa diária da pesca.

Era um problema quase insolúvel naquela aprazível praia, que se tornou vila em 1892. Essa importante iniciativa, coube à antiga Caixa de Crédito da Pesca, substituída depois pela Sudepe, hoje, incorporada ao Ibama - órgão federal. É pena que esse empreendimento de grande valia, já em fins de 1966 não existisse mais.

Desmontado, as peças do frigorífico foram jogadas num caminhão com destino ignorado, sem maiores explicações. E o prédio de primeiro andar, abandonado, foi destruído pelo tempo. Ponta de Pedras, dos primórdios do descobrimento do Brasil, atualmente, com o código nº 55908, chegou anos atrás à categoria de cidade por pouco tempo, na sua luta pela emancipação.

E ainda sofre a humilhação pela duplicidade de seu nome por culpa única e exclusiva da Prefeitura de Goiana. A Escola de Pesca que lhe foi prometida pelo Ministério da Agricultura ficou nos alicerces.

O núcleo do SESI, instalado, precariamente, em casa alugada, em 1949, foi extinto há muitos anos, deixando a população sem os seus grandes benefícios. Hoje, apesar de seu florescente progresso, com belíssimas casas de veraneio, serviço de água encanada e estrada asfaltada, resta apenas para defender os interesses, como órgão de classe, a Colônia Z-3 (Comandante Frederico Vilar), fundada em 1930.

Jornal do Commercio, julho de 1992.

SANTA CRUZ

A exemplo de outras cruzes espalhadas pelas estradas do sertão, existia à beira do velho caminho, que ligava outrora Ponta de Pedras a Goiana, uma cruz de madeira tosca a lembrar um morte numa tocaia pela calada da noite, na segunda década deste século.

Hoje com a construção da estrada asfaltada a citada cruz com os seus amuletos - a "Santa Cruz" dos velhos tempos, que ficava entre arbustos frondosos, bem próxima à praia, foi levada num arremedo para um oiteiro escavado, onde ficou abandonada e esquecida.

Antigamente, havia festa todos os anos na "Santa Cruz", que se abrigava sob um telheiro. Dizem os mais velhos da vila de Ponta de Pedras que aquela cruz (a primitiva), fazia milagres. E a crendice da gente inculta que por ali transitava sempre a trazia enfeitada com laços de fitas e ramos verdes e flores da vegetação vizinha.

O local começou logo a receber honras de "santo", e com o sentimentalismo da nossa população, de quando em vez uma comissão se encarregava de angariar donativos para o preço de uma missa e o contrato de uma música. Com esses dois elementos, o padre e a música, e algumas dúzias de foguetões, estava feita a festa. Celebrada a missa, começavam as festas profanas. Nas vizinhanças da "Santa Cruz" armavam-se as barracas de bebidas com jogos permitidos pela polícia. De todas as partes chegavam os visitantes. Raros iam por sentimentos religiosos, muitos por interesse comercial, e a festança se prolongava até a madrugada com muita poeira e cachaça.

Jornal do Commercio, outubro de 1991.

NAUFRÁGIO DO VAPOR BAHIA

A notícia publicada na secção "HÁ UM SÉCULO", no mês passado sobre o festivo lançamento ao mar do patacho "Pirapama", e que serviu de tema ao artigo "Navios ao Mar" de Napoleão Barroso Braga, me fez lembrar o naufrágio do vapor "Bahia", ocorrido em 24 de março de 1887, a sete milhas da costa, defronte da praia de Ponta de Pedras, do município de Goiana. Já passado tanto tempo, quase 100 anos, comenta-se ainda hoje como tradição oral, em conversa de caiçara, naquela praia, que na época da catástrofe os comandantes dos dois navios "Pirapama" e "Bahia", estavam desavindos por questão de pouca monta em mesa de bar no baixo meretrício do Recife antigo. E, em conseqüência, juraram desforra no primeiro encontro de seus navios no mar. Essa mesma e comovedora história, eu ouvi pela primeira vez, nos idos de 1930, em Goianinha (hoje Condado), na escola de minha professora primária Maria Olindina de Barros Silva, quando na lição dos acidentes geográficos existentes nas terras de Goiana, se fez referência a Ponta de Pedras como o ponto mais oriental do Brasil nos estudos de Geografia daquele tempo. Ali, no antigo sítio Monte Alegre, hoje transformado em loteamento com belíssimas casas de veraneio, há um lugar, batizado com velas e amuletos pela crendice popular com o nome de "cajueiro das almas", onde foram enterrados dois náufragos do "Bahia", o estudante de direito Carcaceno Henrique e o Ten. Henrique Cristiano Browne. Nesse terreno, bem perto do mar, ainda se encontram duas cruzes de ferro com lápide e inscrições alusivas ao fato, que por ser histórico deve merecer a atenção da Prefeitura de Goiana, tão atenta à conservação dos sítios históricos.

A repercussão dessa tragédia causou impressão dolorosíssima em todo o Brasil, chegando ao ponto de dom Pedro II autorizar ajuda aos náufragos, a exemplo do que estava sendo feito por instituições religiosas, casas de teatro, colégios, comércio e indústria do Recife, inclusive a Faculdade de Direito com bandeira a meio pau e outras manifestações de luto.

No inquérito instaurado com o apoio da Capitania dos Portos e do presidente da Província, dr. Pedro Vicente de Azevedo, apesar de ficar esclarecido que os dois navios se chocaram em mar calmo, atmosfera limpa, perto da costa e ambos os faróis acesos, não ficou definida de modo claro a causa, nem caracterizada a culpa pela imperícia de alguém. Restaram apenas as versões e comentários da época, concentrando toda culpabilidade do inominável sinistro na pessoa do comandante do patacho "Pirapama", que permaneceu, durante meia hora, ouvindo gritos e gemidos, em pé e de braços cruzados no tombadilho de seu navio, sem prestar socorro às vítimas do "Bahia", deixando-as entregues à fúria de tubarões famintos. Sem demora, o "Pirapama" regressou ao Arsenal de Marinha do Recife, como se nada tivesse acontecido de grave, para conserto das avarias em sua proa, enquanto isso se desenrolavam as mais tristes cenas de desespero e agonia entre os náufragos, que agarrados em tábuas, remos ou em bóias, foram socorridos, em grande parte, pelas barcaças Marta e D. Gracinha. Das pessoas que se salvaram, uma se destacou por ser cega e ter chegado à praia dentro de um garajau de galinhas. O cadáver de uma moça nua. que despertou grande curiosidade, foi coberto com um lençol por um pescador, gesto esse que lhe valeu o apelido de "cobre moça", extensivo à sua família, assim contava o ex-prefeito de Goiana, Antônio Raposo, nascido em Catuama, cuja capela, dizia ele, foi sepultado o capitão Otaviano Augusto de Magalhães, além de outros náufragos não identificados que deram à praia com os corpos dilacerados pelos peixes.

O trágico fim do vapor "Bahia" foi contado por muito tempo em literatura de cordel nas feiras livres do nordeste brasileiro.

Diario de Pernambuco, junho de 1984.

CAJUEIRO DAS ALMAS

Não estou aqui para contestar a veracidade da festa cívico-religiosa, mencionada por Abdoral de Souza Leite na carta, publicada no Diario de 14 de maio, sob o título "Naufrágio do Bahia".

Ela de fato aconteceu faz anos, com muitas flores, lágrimas e hinos entoados pelos escolares, além do povo postado em frente à igreja de Ponta de Pedras para ouvir atentamente a palavra do grande orador sacro, padre Fernando Passos, que depois de brilhante alocução fúnebre, de breviário na mão, lendo textos bíblicos, espargiu água benta nos ossos exumados e na cruz de ferro que serviu de tema da carta acima aludida. A urna com os ossos e a cruz foram levadas em procissão para o mausoléu construído em homenagem aos náufragos do "Bahia" no cemitério local e lá ficaram até hoje.

Mas, por outro lado, não se pode negar a existência de uma outra cruz de ferro (ou mais de uma), também centenária com inscrição em placa de bronze no Cajueiro das Almas, transformado em panteão da reverência popular àqueles que chegaram à praia sem vida na noite trágica de 24 de março de 1887.

E o historiador Leonardo Dantas Silva, que em época de veraneio se faz presente em Ponta de Pedras, já se referiu por duas vezes ao fato, com a segurança de sua pena, em sua conceituada "Esquina".

Essa cruz do Cajueiro das Almas se encontra hoje sob a guarda, como medida de segurança, de Amaro Miguel da Silva, vigia do loteamento situado no antigo sítio Monte Alegre de Abdízio Leite, alto comerciante e figura de projeção na sociedade local de então.

No livro Velhas Histórias de Goiana, de Otavio Pinto, publicado em 1968 e prefaciado por Barbosa Lima Sobrinho, vamos encontrar comentários interessantes que servem de respaldo à assertiva de que mais cruzes houve no Cajueiro das Almas. Vejamos: "Quando veraneei pela primeira vez na praia de Ponta de Pedras, visitei à beira-mar, debaixo de frondosos cajueiros alguns túmulos dos náufragos do ''Bahia''. E nos braços de duas cruzes continham as seguintes

inscrições: "Carcaceno Henrique - 25.3.1887"; "Tenente H. C. Braune. Faleceu a 24.3.1887. Naufrágio do ''Bahia'' - Ponta de Pedras".

Já a professora Olivina Chagas, de saudosa memória, dizia em conversa sobre o assunto que a crendice popular fazia do Cajueiro das Almas o altar de suas preces. E flores e velas jamais faltaram no túmulo dos náufragos.

Faz quase três anos que rabisquei algumas linhas sobre o lamentável acontecimento náutico do fim do século passado nas águas de Ponta de Pedras, em carta do Diario de Pernambuco (17.06.84), com os aplausos do historiador Napoleão Barroso Braga. E hoje volto ao assunto para lamentar o descaso do poder público de Goiana em deixar passar sem um registro oficial o centenário da hecatombe que, conforme palavras de pesar de Dom Pedro II aos mortos do "Bahia", cobriu de luto o Brasil.

Diario de Pernambuco, junho de 1987.

CARNE DE VACA

O Diario de Pernambuco de 24 de junho, na sua secção "Cartas à Redação", publica a correspondência de Napoleão Barroso Braga, insistindo na elucidação da origem do topônimo Carne de Vaca, dado em época remota à praia, situada no distrito de Ponta de Pedras, em Goiana.

O assunto é controvertido, com versões diferentes, pois na capela sob a invocação de Santana não há a inscrição de que trata o missivista Adalberto de Souza Duque. Apenas Lauro Raposo deixou ali escrito em pedra o trabalho que realizou, quando prefeito em 1950, sem outro vestígio digno de nota.

Os documentos em manuscrito da antiga freguesia de São Lourenço de Tejucopapo da qual fazia parte a povoação de Carne de Vaca, já não existe. E da coleção de cartas do Padre Cristóvão - vigário da

Matriz de São Lourenço (hoje com teto no chão), ao Imperador, em 1728, resta pouca coisa. Tudo desapareceu com o tempo, dificultando assim as pesquisas em torno da origem do citado topônimo.

Mas, não se deve desprezar a especulação da "Karnt Waales", originária certamente de um navio espanhol, chamado Caravaca, que apareceu certo dia encalhado, causando pânico à tripulação, na "pedra da galé", perto da foz do rio Goiana. E só depois de alguns dias, numa manobra feliz aproveitando a maré alta, conseguiu safar-se dos arrecifes de pedra, onde se encontrava preso. Logo a tripulação com promessas a pagar aos seus santos protetores, procurou se abastecer, em terra firme, de água doce e lenha, antes de prosseguir viagem para o norte. Nota-se aí que nenhum piloto, mesmo de Múrcia, se deixou ficar nessas plagas de navegação difícil, para construir de pedra e cal a igrejinha de Santana.

Enquanto isso, os habitantes da praia jamais se esqueceram do navio de casco pintado com o nome de Caravaca, que a tradição consagrou, através dos tempos, como marco histórico, conhecido na versão popular por Carne de Vaca.

Entretanto, disse-me Paulo Corrêa de Assis, antigo morador e pescador naquela praia, que o tenente Vasconcelos, quando serviu na Capitania dos Portos de Pernambuco, baseado em estudos toponímicos, contava que existia na Mata Atlântica, hoje desaparecida, uma árvore de folha grande e flor amarela, encontradiça nas margens do rio Goiana, próximo à foz, chamada Carne de Vaca, cuja madeira era empregada em construções diversas, e que os índios potiguares usavam para fazer os remos de suas canoas, surgindo daí o topônimo, ora em discussão.

Essa árvore de sentido histórico e que nascia em quantidade como o pau-brasil, nas terras litorâneas de Pernambuco, ainda hoje aparece isolada e esquecida nas matas do engenho Itapirema de Baixo, deste Município.

Diario de Pernambuco, julho de 1987.

FORTIM DE CATUAMA

Do fortim do Pontal de Catuama, construído pelos portugueses no século 17 restam poucos vestígios. Em 1971, uma equipe de arqueólogos veio a Goiana para iniciar, com o apoio da Prefeitura e do Tiro de Guerra nº 167, os trabalhos de escavações naquele local.

O fortim foi construído pelo herói da Restauração, Dias Cardoso, para evitar o desembarque dos invasores holandeses. A fortificação, que ficava ao norte da Barra de Catuama numa pequena eminência, dispunha de três bocas de fogo (canhões), segundo o livro do general Anibal Barreto - "Fortes e Fortins".

No arquivo da prefeitura foram encontradas anotações sobre o pagamento do soldo dos militares que serviam naquele forte.

Agora, só encontramos ruínas e um forno de cal abandonado. Por trás do forno há sinais de um convento, provavelmente dos padres jesuítas. Catuama fica situada nas abas do outeiro do Funil e possui as capelas de N. S. da Penha (na Barra) e na praia a de Santo Antônio.

Hoje essa povoação, situada no terceiro distrito de Goiana (Ponta de Pedras), tem a sua parte litorânea loteada de "canto a canto". Ali, na praia, foram construídas bonitas e confortáveis casas de veraneio.

Jornal do Commercio, outubro de 1992.

PERSEGUIÇÕES À FAMÍLIA SOUTO MAIOR

Logo depois da Revolução Pernambucana de 1817, também conhecida na história como revolução dos Padres, pois a Igreja naquele tempo participava ativamente dos movimentos libertários, veio para Pernambuco, como governador, Luiz do Rego Barreto.

A sua finalidade maior aqui era perseguir os remanescentes daquela fracassada Revolução. Porém de Tejucopapo partiu a resistência e a bravura necessárias na pessoa de João de Souto Maior.

Deu-se então o estouro da resistência à presença do estrangeiro em nossos negócios, caracterizado num movimento de rebeldia, partido da periferia para o centro, resistência essa que culminou com a Revolução de Goiana em 1821.

Tejucopapo aparece como foco de resistência, e Luiz do Rego tomou conhecimento disso. Daí a perseguição à família de Souto Maior, representada nas pessoas de João e Manuel Souto Maior.

Conta-se que o primeiro incidente histórico de rebeldia dos dois irmãos Souto Maior, aconteceu dentro da própria igreja de Tejucopapo, na hora da missa, celebrada pelo vigário local Manuel Alves Calheiros, porque João e Manuel Souto estavam de esporas na igreja.

Jornal do Commercio, março de 1992.

3º CAPÍTULO

CONDADO

CONDADO E SUA ORIGEM

Condado teve início no meado do século XVIII com o aparecimento dos primeiros engenhos implantados na redondeza. Antes, era apenas um caminho, a trilha de penetração dos índios potiguares na mata virgem do Nordeste brasileiro. Deve-se a sua origem à construção de um rancho tosco, junto a um cedro frondoso à beira da estrada. Por ali passavam os tropeiros tangendo as suas burramas com "guia" de chocalho no pescoço, carregadas de açúcar em direção a Goiana, porto fluvial de embarque para o Recife. Fazia parte da antiga estrada que ligava Pernambuco às Províncias do Norte.

Na "ribeira" como era chamado o rancho, as bestas de carga paravam para comer capim ou milho no bornal de algodãozinho grosso amarrado na cabeça. A água vinha do "barricão", que ficava perto do açude de lavar cavalo. E os viandantes aproveitavam para descansar à sombra do cedro, fumando cachimbo de cereja ou cigarro de palha. Ali se vendia, além de capim, caldo de cana de cabaço, mel de abelha uruçu e cachaça de alambique de barro. No meu tempo de criança ainda existia um rancho no mesmo local e com características antigas, pertencente à dona Chiquinha Trindade, cujo filho Severino (o cego), dava de comer aos cavalos que se fartavam de garapa, capim de planta e olho de cana.

O sentimento de religiosidade dos primeiros povoadores, levou-os a construir uma capela rústica sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. E a partir daí as casas de taipa foram aparecendo com mais freqüência, uma junto à outra, paredes meias, dando lugar a um arruado que seguia para a "encruzilhada" pela antiga Rua da Palha, onde ficava o armazém de José (Cazuza) Malheiros, obedecendo sempre a sinuosidade da estrada estreita para mais tarde se tornar povoado com a denominação de Goianinha. Com este nome e com as suas terras encravadas no município de Goiana viveu durante muito tempo, até que pela lei nº 3344, de 31 de dezembro de 1958, e já com o nome de Condado, se emancipou politicamente, dentro de seus limites territoriais.

Lembro-me desse movimento de emancipação e dele participei com o meu voto de solidariedade através da Câmara de Vereadores de Goiana. Foi um voto de gratidão à terra de meus antepassados. E em 1965, estive em Condado a convite do seu primeiro prefeito constitucional Honorato Cabral de Souza Campos, contemporâneo do Liceu Pernambucano, para participar da festa de aposição da placa da Rua Manoel Rodrigues. Usei da palavra e me senti honrado com o convite. O nome de meu pai se perpetuou. Passou a ser oficialmente nome de rua.

Em 1821, Condado viu passar por suas terras as tropas do movimento nacionalista e a elas se incorporaram os seus proprietários rurais. Foi uma reação que nasceu no engenho Tamataúpe, em Nazaré da Mata, para instalar a famosa Junta de Goiana, cuja razão maior era depor Luiz do Rego do governo de Pernambuco. Essa foi, portanto, a primeira participação dos condadenses na luta pelos ideais de liberdade e independência.

Frei Caneca, chefe da Confederação do Equador, também palmilhou as suas terras em 1824. Foi o seu caminho preferido para manter acesos nas Províncias do Norte os ideais da rebeldia pernambucana contra o arbítrio de D. Pedro I ao fechar com a cavalaria na rua a Assembléia Constituinte.

A história do Condado já vem sendo contada por três abalizados mestres: Ludovico Andrade, Genivaldo Fonseca e Alcides R. de Sena. São filhos da terra que falam de cátedra sobre as questões da gleba comum.

De vez em quando, eles se revezam em contos que pelo seu conteúdo histórico, merecem ser enfeixados em um livro para leitura nas escolas do Condado. Falam da origem, das lutas, da rebeldia do povo e do Condado de hoje que se expande, impulsionado pela alavanca do progresso. São páginas apreciadas e aplaudidas que merecem ser lidas, meditadas e guardadas com carinho porque representam a viga mestra, a estrutura histórica desse rincão que me serviu de berço.
Diario de Pernambuco, julho de 1984.

TRADIÇÃO DE FESTA DO CONDADO

A festa de São Sebastião do Condado já é uma tradição, sempre nos últimos dias do mês de janeiro desde 20.01.1871, quando pela primeira vez, por força de uma promessa se verificou com a presença de muita gente em louvor ao santo que acabara de sustar uma peste de bexiga naquele povoado de outrora.

De lá pra cá, todos os anos se realiza essa festa com muita animação e fervor religioso do povo. Eu nasci na casa nº 51 bem em frente à igreja, onde juntinho, nas casas nº 53 e 55, papai tinha o seu armazém de estivas.

No meu tempo de criança a maior concentração dos folguedos ficava na antiga Rua do Comércio, toda atapetada de capim para evitar a poeira, e enfeitada de bambu com "bico de gás" (querozene) como iluminação. Os cordões de bandeirolas esvoaçantes de canto-a-canto, passando pela "Praça da Farinha", animada pela "28 de junho", pastoril (de ponta de rua), mamulengo, carrossel, cavalo-marinho e bumba-meu-boi. A luz elétrica só chegou em 1926 - numa iniciativa arrojada do jovem comerciante Antônio Rodrigues do Nascimento. A partir daí com foro de Vila (1896), Goianinha foi tomando jeito de cidade, o que ocorreu em 1962 sem o nome primitivo que passou a ser CONDADO desde 1943.

Goianinha pertenceu por muito tempo à freguesia de Nossa Senhora do Ó (Tupaóca) com os padres Loyola, Aragon entre outros, tornando-se paróquia em 1929 com o seu primeiro vigário - Pe Peixoto de Alencar. Em 1937 a festa viveu momentos de muita animação com o "Trem Elétrico", tendo como tesoureiro José Urbano Ribeiro, e na parte religiosa com a participação do padre Félix Barreto (Presidente da Assembléia Legislativa), então na governança do Estado. Este ano (na CXXI celebração), figurou como JUIZ DA FESTA, o Conselheiro Antônio Corrêa de Oliveira - pessoa ligada à cidade do Condado e

batalhador pelo seu progresso. Contou ainda com a presença da Banda da Polícia Militar do Estado ao lado da "28 de Junho" e o entusiasmo do prefeito Zane Balbino no mesmo estilo de seus antecessores.

Jornal do Commercio, fevereiro de 1992.

BANDAS DE MÚSICA DO CONDADO

Três bandas de música já existiram no Condado. Em 1891, surgiu a primeira - "Filarmônica Goianinhense". Era pomposa e requintada. De fardamento preto, quepe, botões e frisos dourados.

Durou pouco tempo (1895). Ainda fez tocatas em Lagoa Seca (Upatininga), ao lado de sua congênere daquela povoação.

As bandas de Nossa Senhora do Ó (Tupaoca) e de Lagoa Seca, mais antigas, lhe fizeram grande concorrência em contratos e tocatas. Os seus instrumentos eram de segunda-mão. Seu fundador chamava-se Marinheiro (português). Depois, em 1897, os seus caixotes com instrumentos foram abertos e então uma nova banda se organizou, "Filarmônica e Bela", impulsionada por um grupo de rapazes, à frente Manoel Figueira. Ainda fez uma tocata na festa religiosa da capela de Caricé. Também vida efêmera.

Só a terceira a "Filarmônica 28 de Junho", se perpetuou até hoje. Data de 28 de junho de 1905. Nasceu do idealismo de um grupo de comerciantes da então Vila. Armínio Barbosa de Mendonça fundou-a. Comprou instrumentos novos e lhe deu vida e a entregou ao entusiasmo e dedicação do mestre José Bernardino Timóteo, descendente de uma família de músicos. Hoje a "28 de Junho" é um orgulho do povo do Condado. Já esteve em Goiana e aqui realizou retreta na Praça do Carmo.

Jornal do Commercio, junho de 1992.

FUTEBOL EM CONDADO

O futebol só começou a ser praticado na cidade do Condado em 1923, com a presença ali do prof. estadual Miguel Flaviano Monteiro Lopes Guimarães, um entusiasta do esporte bretão. Fundou-se então o primeiro time com o nome de "Goianinha Esporte Clube", constituído por rapazes da antiga Vila. Com a morte do prof. Miguel em 1924, no Recife, foi-se também a animação pelo futebol em minha terra.

O "Goianinha" ressurgiu em 1932 pelo entusiasmo de um grupo de rapazes com treinos e jogos regulares às segundas-feiras, dia em que o comércio fechava, naquele tempo. O campo ficava atrás da igreja, no caminho do cemitério, à sombra de frondosas jaqueiras, daí o seu nome: "Campo da Jaqueira", inaugurado com festas em 01.09.1932. A animação dos jogos era grande, inclusive disputando partidas amistosas com o "13 de Maio"de Goiana, e outros times de Aliança, Areias (hoje Itaquitinga) e Usina Matarí. Posteriormente, o "Goianinha Esporte Clube", dividiu-se, pela rivalidade, em dois times - "Veteranos" e "Calouros", este com campo próprio bem próximo do outro.

O entusiasmo era tamanho que até as famílias que constituiam a sociedade local se separaram. Só voltando "às boas" em 1933 com a reunificação dos dois times. Hoje no Condado temos um estádio com o nome de "Abilião", em homenagem a um dos rapazes da época da reorganização do "Goianinha". Os dois clubes rivais tinham as suas madrinhas: Mocinha Cunha do "Veteranos" e Lia Melo do "Calouros".

Jornal do Commercio, setembro de 1992.

LUZ ELÉTRICA DE GOIANINHA

Pesquisando, há tempos, a história do Condado (antiga Goianinha), encontrei no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, uma publicação no jornal "A Voz de Goiana", de 27.05.1928, sobre a luz elétrica ali instalada em 1926, nos seguintes termos: "Em Goianinha, visitamos a usina elétrica que fornece energia para iluminação do povoado."

Impressionou-nos bem a instalação do motor a gáz pobre, de 36 H.P. força da usina. A corrente elétrica é de 220 volts, e o proprietário Manoel Rodrigues dispende apenas metro e meio de lenha para oito horas de luz do povoado, cinema e a particulares. Daquele metro e meio de lenha, extrae-se 10 litros, aproximadamente, de pixe e oito litros de graxa ou borra, pixe inferior.

Notamos que o consumo de energia elétrica é insignificante, se considerarmos a amperagem que vimos registrada: 327 amperes para um povoado de tantas casas, próspero como é o de Goianinha. Certamente, o que não agrada é o custo de 200 réis por vela, preço este bastante alto e que a pobreza não pode contemplar, preferindo o kerosene e a lamparina.

O material da montagem elétrica foi fornecido pela casa de materiais elétricos "A.E.G." e a montagem do motor da excelente "National" foi trabalho de "Collier Cheerbot". A luz é boa, sendo que Goianinha está por isso mesmo de parabéns".

E eu acrescentaria: A "Empresa de Luz Elétrica de Goianinha" nasceu do dinamismo de Antônio Rodrigues do Nascimento, em contrato de concessão, lavrado em Cartório em 03.05.1926, com a Prefeitura de Goiana, representada no ato pelo prefeito Serafim Luiz Pessoa de Melo, para fornecimento de luz pública, constando de duas mil e oitocentas velas, distribuídas em 55 postes e uma lâmpada no Beco do Calçamento. Já em 1927 a referida empresa era vendida ao meu pai Manoel Rodrigues do Nascimento.

Diario de Pernambuco, fevereiro de 1991.

FEIRAS AOS DOMINGOS

Foi em 07.06.1936, quando o sr. José Toscano de Brito, tenente reformado da polícia e delegado de Goiana, houve por bem impedir à força a realização da feira de Goianinha (hoje Condado). Naquele dia e, para fazer cumprir a sua arbitrária resolução contra um povo pacato, se fez acompanhar de 15 praças embaladas, e entrou na vila, quando mais intenso estava o movimento.

Em poucas horas, a feira foi completamente dispersada, sem que se pudesse resistir à investida da polícia que chegou a espancar vários agricultores, pelo simples fato de eles se terem demorado um pouco a "ensacar" as suas camisas nas calças e se retirarem a "galope".

Muitos senhores de engenho que ali estavam ficaram admirados com a cena, inclusive o velho Camilo do Varzão, de tradicional família daquela terra. A atitude desabusada daquela autoridade foi tanto mais injustificável quanto se sabia que em várias localidades se realizavam feiras aos domingos, como Paulista, São Vicente, Floresta dos Leões (na época), Lapa (hoje Macujê), além de outros. Mas, o que se falava à boca pequena era que a polícia foi acabar com a feira de minha terra por ordem expressa do sr. prefeito de Goiana - José Pinto de Abreu, daí a nossa revolta contra esse chefe político, consubstanciado no "boletim", espalhado às pampas, com o título "PADRE NOSSO DO PREFEITO JOSÉ PINTO", escrito pelo farmacêutico e intelectual João Pereira de Andrade, o qual dizia entre outras coisas: "Prefeito nosso que estais em Goiana bem celebrizada seja a vossa atitude, venha a nós a vossa ausência...".

Com o movimento feito junto ao Governo do Estado a feira de Goianinha voltou a se realizar aos domingos desde 18.07.36, como dantes, até agora, quando Condado se emancipou. Essa pendência de feira aos domingos vinha de longe.

Quando a de Goiana passou para o sábado em 30, quase que havia uma cena de pugilato dentro da Prefeitura entre José Maranhão de Mussumbu e o então Prefeito Antônio Raposo.

Jornal do Commercio, março de 1991.

MÃE PRETA

O DIA DAS MÃES, no segundo domingo de maio, cai este ano a 12, véspera da data em que foi assinada a lei extinguindo a escravidão negra no Brasil.

A luta pela abolição teve um dos seus maiores triunfos com a lei do ventre-livre, quando se estabeleceu que ninguém mais nasceria escravo na terra livre de Santa Cruz. Era a redenção da maternidade negra, o reconhecimento dos direitos da mãe escrava, de ter os filhos libertos da mancha do cativeiro.

Quem estava no trono, eventualmente, era a princesa Isabel, também mãe e foi certamente no cultivo dos sentimentos maternos que hauriu esse devotamento pelos direitos da raça oprimida e vilipendiada. Isabel, a Redentora, é assim um belo símbolo de mãe brasileira. Cabe aqui, então, uma referência à "Mãe Preta", cujo devotamento, abnegação e carinho aos filhos dos senhores bem demonstra os tesouros de ternura que se contêm nos corações maternos, ainda quando angustiados e furtado de seus peitos o leite dos próprios filhos.

Eu tive também a minha "Mãe Preta" na pessoa de Ornila, uma bondosa preta, filha de escravos aforriados de meus avós maternos - Manoel Barbalho do Rosário e Vicência Maria da Conceição, residentes, no século passado, em Caricé (Itambé-PE), antiga aldeia de índios. A denominação de "Mãe Preta", entre nós, vem do tempo da escravidão, quando as escravas amamentavam humildemente os filhos dos "senhores brancos" e cuidavam deles.

Mãe é a coisa mais preciosa que temos na vida, com noites indormidas a nos acalentar. Eu já não a tenho e hoje, velho, sinto a sua falta. Quando morreu em Itambé, trouxe-a morta nos braços para Goiana, a fim de ficar perto de mim. Minha mãe - Tude Maria da Conceição, só hoje sinto verdadeiramente o seu valor, e por isso a minha gratidão eterna.

Jornal do Commercio, maio de 1991.

CRUZ DO BORGES

Estive há poucos dias na cidade do Condado (outrora Goianinha) para visitar a "Cruz do Borges" do meu tempo de criança. Mas não a encontrei como antes, encimada por um telheiro com colunas à beira da estrada com muita fita ao redor.

Agora está trancada numa espécie de nicho mal feito com data de 1952 no frontispício. No passado, todos os senhores-de-engenho e pessoas outras que por ali passavam a cavalo ou a pé, tiravam o chapéu em sinal de religiosidade como fazia o coronel (da Guarda Nacional) Camilo do Varzão, pai do vigário de Goianinha-PE. Alberto de Azevedo.

A referida Cruz ficava depois do "lamarão", mais ou menos, na Praça Júlio Corrêa - um dos benfeitores da cidade do Condado. Papai ali construiu umas 10 casinhas de alvenaria na década de 30, dando mais vida àquele local, hoje bairro da cidade. A "Cruz do Borges" rememorava uma tragédia com morte de emboscada, logo após à abolição da escravatura, e era um dos pontos turísticos da antiga vila. Todos os anos havia festa religiosa muito animada com foguetes espocando no ar. Nos anos vinte, o padre Aragon da paróquia de Nossa Senhora do Ó (hoje Tupaoca) celebrava missa ao pé daquela Cruz com os rituais da época em latim (língua morta).

Eu já rapaz, gostava de freqüentar aquela festinha à noite (na parte profana), quando havia mais gente da vila. A animação era completa com moças e rapazes, fazendo o passeio com poeira e tudo, a "28 de Junho" tocando marchas carnavalescas, carrocel de "seu" Mundinho com reco-reco e triângulo e muitas barracas de bebidas. Hoje, tudo acabou, resta apenas a recordação daqueles dias de minha juventude, com a primeira namorada que só a via de longe e o jornalzinho "Férias" para transmitir as notícias do dia.

Jornal do Commercio, junho de 1992.

MISSA CANTADA

Em janeiro de 1937, padre Félix Barreto esteve na atual cidade do Condado, naquele tempo Goianinha. Político da antiga UDN, estava ele na governança do Estado em uma das interinidades. Como presidente da Assembléia Legislativa, gozava desse direito. Direito que lhe era facultado nas licenças do governador Carlos de Lima Cavalcanti, no Palácio das Princesas desde a Revolução de 30. A presença do padre Félix na minha terra tinha o fim específico de celebrar a missa cantada da tradicional festa de São Sebastião e fazer o sermão.

Acompanhava-o seu substituto legal deputado Antônio Raposo, além de políticos da época (grande comitiva). Recepção festiva no começo da Rua Nova ou da Palha, com foguetório, presença de autoridades municipais e da Banda 28 de Junho.

Eu participei, ainda jovem, da alegria proporcionada à comunidade pela presença do governador. Muito comunicativo, saudando a todos à moda de velho e tarimbado político.

A missa cantada, celebrada pelo governador do Estado, ficou registrada nos anais da história do Condado como um fato inédito na vida política de Pernambuco. Naquele ano o tesoureiro da festa era o Pe. Alberto de Azevedo de tradicional família condadense.

Ele muito contribuiu para o evento transcendental: - o governador distribuindo hóstias consagradas aos fiéis da paróquia de N. S. das Dores. Política e religião se misturavam no Condado nos tempos idos de minha infância.

Jornal do Commercio, outubro de 1992.

CONDADO E SUA EMANCIPAÇÃO

Condado se emancipa (11.11.1962). A tutela de Goiana já não fazia sentido, a cujo território pertencia há vários séculos.

As festas programadas revelam o sentimento de sua autonomia há muito acalentada e que se corporificou nos últimos anos através de uma liderança jovem, constituída de Ludovico Andrade, Genivaldo Fonseca, Valdeci Tavares, Honorato Cabral e muitos outros idealistas que lutaram e se transformaram em heróis da mesma causa.

Hoje Condado, pelas suas administrações que se sucedem, vem-se tornando uma cidade progressista, mesmo sem indústria e com pouca ajuda de verbas públicas.

No passado eram as famílias: Andrade, Rodrigues, Malheiros, Fonseca, Muniz, Mendonça, Cordeiro, Barbalho e outras que faziam Goianinha com o seu comércio ativo e próspero, iluminação elétrica (1926), o Cine-Teatro-Fox (cinema mudo com filmes de Tom Mix e Buck Jones com o seu cavalo branco), os seus jornais - "O Buliçoso", "O Feitiço", "Férias", "O Atalaia", "O Garoto" e outros. Lembremos aqui também os nomes dos professores Miguel Lopes, Lourival Lima, Hélio Tavares e a professora Maria Madalena César Correia, todos imbuídos de ilustrar pela cátedra as crianças daquele tempo. Merecendo destaque nos nossos dias a Banda "28 de Junho", agora com sede nova na antiga Rua da Aurora, graças aos esforços do atual prefeito Zane Balbino.

Todos aqueles que fizeram Condado no passado são hoje nome de ruas, praça, avenida, sob a bênção da padroeira da cidade Nossa Senhora das Dores e São Sebastião, que em tempos idos livrou o seu povo de um surto de "bexiga" que ceifava vidas a torto e a direito.

Jornal do Commercio, novembro de 1991.

BANDA "28 DE JUNHO"

Hoje, temos em Condado uma banda de música - a "28 de Junho", de grande realce, diga-se, muito boa com mais de trinta "figuras", entre as suas congênres do interior. No dia 28 passado (28 de julho), a "28 de Junho" desfilou garbosamente pelas ruas de Goiana, com o seu elegante fardamento branco e bem afinada.

Para mim, que sou filho de Goianinha, foi um delírio vê-la passar em frente de minha casa, tocando na procissão de N. S. do Carmo.

À noite fez retreta na antiga Praça Frei Caneca, onde se realizava a festa do Carmo, executando um variado repertório de músicas alegres, sendo aplaudida pela multidão, que enchia o pátio do Convento, em frente ao Cruzeiro secular.

Dessa banda, eu guardo muitas recordações, pois, quando menino, eu me postava em frente à sua sede, na antiga Rua da Aurora, nas noites de ensaio para ouví-la ao lado de José Barbalho, Gerôncio Mendonça, Manoel Bernardino e outros. Dos músicos daquele tempo, lembro-me bem de Pedro Timoteo (trombone), Antônio Maurino (pistom), Severino Elias (pratos), Matias (tuba), além de outros que me fogem à memória no momento, além do mestre Alexandre. Hoje a "28 de Junho" é amparada com justiça pela Prefeitura do Condado, e com a ajuda preciosa da família Cordeiro, assumindo grandes encargos para torná-la grande cada vez mais.

Vê-la tocar hoje é um deleite pra o nosso espírito e um orgulho para os filhos daquela cidade, que outrora se chamava Goianinha.

Jornal do Commercio, agosto de 1991.

DE GOIANINHA A CONDADO

Condado está felicíssima por ter agora o seu livro - "De Goianinha ao Condado", do historiador conterrâneo Ludovico Andrade, editado pela Fiam. Alí vem a história dessa cidade desde os primórdios do século XVIII, graças à inteligência e cultura de seu autor - um pesquisador nato.

Além da história em si, dos engenhos de açúcar aparecidos nas cercanias e que lhe asseguraram riquezas, o livro revela as lutas permanentes pela conquista de sua autonomia política, alcançada na década de sessenta (1962). Senti esses embates com interesse e entusiasmo de condadense.

O Condado hoje é uma cidade progressista, livre da tutela de Goiana. O seu povo acalenta idéias de vê-la grandiosa cada vez mais. Mesmo de longe acompanho essa trajetória.

Ali nasci (1921) bem em frente da Igreja de N. S. das Dores, a ouvir o repicar de seus sinos. Na memória, guardo as aulas da professora Olindina de Barros das primeiras letras. Meus pais muito fizeram pelo desenvolvimento dessa minha terra. "De Goianinha ao Condado" merece o apoio e exaltação de todos, o maior presente que Ludovico Andrade poderia dar à sua gente.

Jornal do Commercio, setembro de 1993.

4º CAPÍTULO

REFERÊNCIAS
DA IMPRENSA,
ILUSTRAÇÕES
BIBLIOGRAFIA
OFERENDA
O AUTOR

AABB RECIFE
REVISTA CULTURAL
ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BANCO DO BRASIL
Nº 36 - JANEIRO, 1996 Editor: Carlos Eduardo Carvalho dos Santos

HISTORIADOR GOIANENSE LANÇA LIVRO DE CRÔNICAS

O historiador Mário Rodrigues, ex-vereador e membro do Instituto Histórico de Goiana, lançará ainda este semestre seu primeiro livro de crônicas, com material publicado nas páginas de diversos jornais.

O Editor é Carlos Eduardo Carvalho dos Santos que informou a grande significação do lançamento para o município, visto que, este ano, se comemora a Epopéia de Tejucupapo e os 75 anos do autor.

As classes produtoras e a prefeitura deverão participar do evento que contará com ampla cobertura dos jornais "Commércio" e "Diário", além da Livraria Livro 7 que está colaborando com o empreendimento.

Cartas

Recife, domingo, 25 de fevereiro de 1996 • A-3

DIARIO DE PERNAMBUCO

Surpresa

Uma agradável surpresa, especialmente para os leitores do DP, é a notícia do lançamento do livro ''Crônicas Goianenses'', de autoria do professor Mário Rodrigues, colaborador, há anos, deste espaço ''Cartas''. Parabéns ao professor pela edição. **Luiz Barbosa de Souza — Recife.**

Jornal do Commercio

Recife, 27 de fevereiro de 1996, terça-feira 3

CARTAS

História de Goiana

Uma surpresa feliz é o lançamento, ainda neste primeiro semestre, do livro "Crônica Goianenses", que fala de acontecimentos históricos são só de Goiana como do Condado, Olinda e de outras grandes comunidades. Esta coluna é a grande testemunha da história literária do prof. Mário Rodrigues, vez que, neste mesmo espaço, durante vários anos, muitos trabalhos daquele historiador foram aqueles publicados.

▸ **Luiz Barbosa de Souza - Rua Marcelo Gama, 32 - Ipsep - Recife**

DIARIO REGIONAL

GILDSON OLIVEIRA E EQUIPE

Cronista de Goiana

O historiador Mário Rodrigues do Nascimento lançará um livro, ainda este ano, baseado em Cartas à Redação, publicadas pelo DIARIO DE PERNAMBUCO e referentes aos fatos históricos de Goiana, transcritos dos jornais goianenses, "Folha de Goiana" e "A Província". Acontecimentos datados de 1984 a 1996. Evandro Pontes, colaborador deste jornal na Mata Norte, informa que o nome do livro é "Crônicas Goianenses", e o lançamento ocorrerá durante os 350 anos da epopéia de Tejucupapo e 75 do escritor, ainda neste primeiro semestre.

SPC de Nazaré

A nova diretoria da Associação Comercial de Nazaré da Mata, além da conclusão da sede própria, pretende construir um parque aquático na entidade para o lazer dos associados e familiares. Um núcleo do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) é a meta do atual presidente Gutemberg Oliveira Vasconcelos e demais dirigentes.

DIARIO REGIONAL

GILDSON OLIVEIRA E EQUIPE

MUNICIPAIS

■ Funcionários públicos de Araripina estão preocupados. Até o momento, o pagamento do 13º salário, marcado para a última sexta-feira, não foi efetuado. Na agência da Receita Estadual da cidade, corria a notícia que os contracheques não foram enviados do Recife.

■ **O auditório do IPA foi pequeno para acomodar o público interessado na série de palestras sobre transposição das águas do São Francisco, para os estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte. O evento terminou ontem, depois de muitos debates.**

■ A Creche Crianças Solidárias, que atende 25 menores, foi inaugurada segunda-feira, em Pontezinha, pelo prefeito do Cabo, Jacó Gomes. Além de assistência pedagógica, as crianças são assistidas por um médico, dentista e psicóloga, além do café da manhã, almoço e jantar.

■ **O historiador Mário Rodrigues Nascimento vai doar trezentos exemplares de seu livro "Crônicas Goianenses" às bandas Saboeira, Curica e Filarmônica 28 de Junho, esta última situada em Condado, terra natal do escritor. A tiragem inicial será de setecentos exemplares.**

■ A Diretoria do Bloco Carnavalesco "Galinhas do Porto", tendo à frente Eduardo Salazar Lopes Pereira, escreve a esta editoria para agradecer a cobertura jornalística por ocasião do desfile da agremiação no último dia 18. A apresentação ainda repercute naquela praia.

DIARIO DE PERNAMBUCO

Recife, quarta-feira, 10 de abril de 1996

PARALELO 8

WALDIMIR MAIA LEITE

■ Escritores

A) - O escritor colombiano **Gabriel Garcia Marquez,** Prêmio Nobel de Literatura/1982, defendeu a renúncia do presidente **Ernesto Samper,** acusado de envolvimento do Cartel de Cali, na campanha presidencial. **B) -** E o Tribunal de Recursos de Karisuhe acaba de proibir a distribuição do romance **A filha de Lara,** do escritor **Alexandre Mollin,** em toda a Alemanha. Motivo: acusa-o de plágio do clássico de **Boris Pasternack,** o **Doutor Jivago.**

■ Lançamentos

1) - Ronildo Maia Leite e **Lêda Rivas** (Editora do Caderno Viver, **DP**) selecionando poesias e crônicas do jornalista e escritor **Potiguar Matos** para lançamento em livro editado pela Associação da Imprensa de Pernambuco, presidida por **Carlos Cavalcanti,** a 10 de setembro, Dia do Jornalista.

2) - E dia 18 de maio próximo, 20hs, na sede da Saboeira, Goiâna, lançamento do livro **Crônicas Goianenses,** do professor e escritor **Mário Rodrigues.** Presença das bandas Curica, Saboeira e a Filarmônica 28 de junho, do Condado.

Caderno 2

A PROVÍNCIA

Goiana, Fevereiro de 1996

Historiador goianense lança livro de crônicas

Os escritos do prof. Mário Rodrigues, alusivos aos fatos históricos não só sobre Goiana mas, do Condado, de Olinda etc, nos jornais Correio de Goiana, A Folha de Goiana, A PROVÍNCIA, Jornal do Comércio e Diário de Pernambuco, com datas-limites entre 1984-1996, reunidos em "Crônicas Goianenses", com lançamento previsto para o primeiro semestre deste ano comemorativo dos 350 anos da epopéia de Tejucupapo e do 75° aniversário do eminente professor, constituem-se um marco para a historiografia regional, brasileira.

Wilfred Jr.

O historiador Mário Rodrigues está selecionando as crônicas

A feliz iniciativa, é de cunho particular. Segundo o prof. Mário Rodrigues, "os meus filhos, reunidos, juntaram as crônicas e providenciaram a edição"; possivelmente, teremos o apoio de terceiros, enquanto patrocinadores, em benefício de um aumento de tiragem - em princípio, 700 exemplares"; "se não for o caso, nós, a nossa família bancará a edição", assegura.

Em papel off-set 30 kg ou similar; com 20 fotografias em papel couchê ilustrando os textos; com 280 páginas estampado na capa, o brasão (original) de Goiana - idealizado pelo mesmo, então presidente da Câmara dos Vereadores, nos idos de 1959, com estudo do sr. Laiete Gemir - Secretário do Instituto Histórico de Goiana; desenho original de Paulo Gemir e desenho definitivo do sr. Bartolomeu de Castro; lei n° 486, sancionada pelo prefeito Lourenço de Albuquerque Gadelha, aos 31 de outubro daquele ano, o livro terá como palco para o seu lançamento a Câmara Municipal de Goiana.

Dos 700 exemplares, ainda o prof. Mário: "300 serão doados às bandas Curica, Saboeira e Filarmônica 28 de junho. Cabendo 100 a cada uma delas, para venda em benefício das mesmas"; "a minha Filarmônica 28 de junho..."Desta feita, com emoção contagiante. E continua: Eu gostaria que as três bandas estivessem presentes ao evento de lançamento, com efetiva participação, tocando. Para isto, preciso saber, o que é preciso". Finalmente, estendeu o convite a todos nós, gentilmente e com a humildade que caracterizam os homens de bem.

Igrejas de Goiana estão em ruína

As principais igrejas de Goiana, que são um verdadeiro patrimônio histórico-cultural do município, estão em ruínas. Exemplos de descaso são os templos do Rosário dos Pretos, dos Brancos e dos Pardos, que apresentam, externamente, teto ameaçando desabar, beirais comprometidos e fachada coberta pelo lodo. Na parte interna, os altares e todo madeirame estão corroídos pela ação dos cupins. O historiador Mário Rodrigues afirma que é um crime deixar o patrimônio chegar a essa situação. A arquiteta Marta D'emery, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), disse que existe um projeto de recuperação das oito igrejas de Goiana. Página 21

RUÍNAS — O historiador Mário Rodrigues, que mora próximo da Igreja do Rosário dos Homens Pretos, disse que a maioria dos moradores da área está preocupada com a situação da igreja. Para ele é um crime deixar um patrimônio de 400 anos e com tantas histórias chegar às ruínas. "Além disso, é muito perigoso para quem é vizinho da igreja, pois a qualquer momento uma das paredes ou parte do telhado pode vir ao chão", ressaltou.

NOTÍCIA

O lançamento do livro "CRÔNICAS GOIANENSES", do professor Mário Rodrigues, será no dia 18 de maio, às 20 horas, na sede da SABOEIRA, em Goiana, com a presença das bandas CURICA, SABOEIRA e a FILARMÔNICA "28 DE JUNHO", do Condado.

Divulgação do Comitê pró-lançamento do livro "Crônicas Goianenses"

Apoio cultural:

ARTES GRAFICAS GUERRA LTDA.

Goiana(PE), 15 de março de 1996

JORNAL DE IGARASSU FEVEREIRO/96

DANIELA em Sociedade

Professor Mário Rodrigues

Respeitado historiador goianense, o professor Mário Rodrigues, com brilhante e digna passagem pela vida pública, vai lançar livro de crônicas, onde aborda fatos históricos ocorridos nas cidades de Goiana, Condado, Olinda e Recife. Dedicando grande amor a sua Condado, o professor Mário vai, certamente, destacar fatos da história de sua urbi.

Jornal do Commércio, 13/03/96

SOCIEDADE

ALEX

Detalhes

▶Resultado de nota publicada nesta coluna sobre o argentino Cláudio Arnaud, que se dedica à restauração de peças de bronze e outros metais: algumas leitoras quiseram saber o seu endereço. Para ajudar, posso adiantar apenas que fica em uma rua transversal no Pina e o telefone é 325.1835.

▶O historiador Mário Rodrigues vai lançar o livro "Crônicas Goianenses" para comemorar os 350 anos da epopéia de Tejucopapo. Há muito tempo Mário Rodrigues, que tem 75 anos, se dedica a pesquisar a história da cidade de Goiana.

▶Leonardo, que tem boa voz, faz o lançamento do seu segundo CD, reunindo alguns dos seus grandes sucessos como cantor e incluindo novas canções.

Homenagem aos EXPEDICIONARIOS GOIANENSES

O "Goiana Esporte Clube", aderindo ás grandes festividades que serão prestadas aos heroicos expedicionarios de nossa terra, levará a efeito uma animadissima tarde esportiva em homenagem aos defensores da Liberdade.

Uma sensacional pugna futebolistica será realizada, no Estadio Municipal, no dia da chegada dos "pracinhas" conterraneos: **JAMESSON BORGES DA FONSÊCA, DESJARDINS TAVARES CAMPOS E HENRIQUE FENELON DE BARROS**, num gesto de gratidão e reconhecimento do "Goiana" aos três legionarios, que em Monteze honraram as tradições de bravura do Exercito Brasileiro.

Antes do jogo os herois da F. E. B., que figuraram tambem nos lances de Monte Castelo e em outras ações culminantes da ITALIA, receberão do povo goianense uma verdadeira consagração.

— Será um espetaculo de civismo e democracia. —

O glorioso "Goiana Esporte Clube" apresta-se para receber triunfalmente os bravos soldados goianenses, que souberam arrostar os sacrificios da guerra, em revide aos atentados com que o inimigo cobarde ofendeu a nossa soberania.

O esquadrão recifense, que será a surpresa da tarde, pisará o gramado com elementos de destaque nos meios esportivos da Capital.

A DIRETORIA

Goiana, 11 de Outubro de 1945.

Tip. Violêta —Fone 367—Goiana

Manoel Rodrigues do Nascimento (foto em 12.12.1931), pai do Autor.

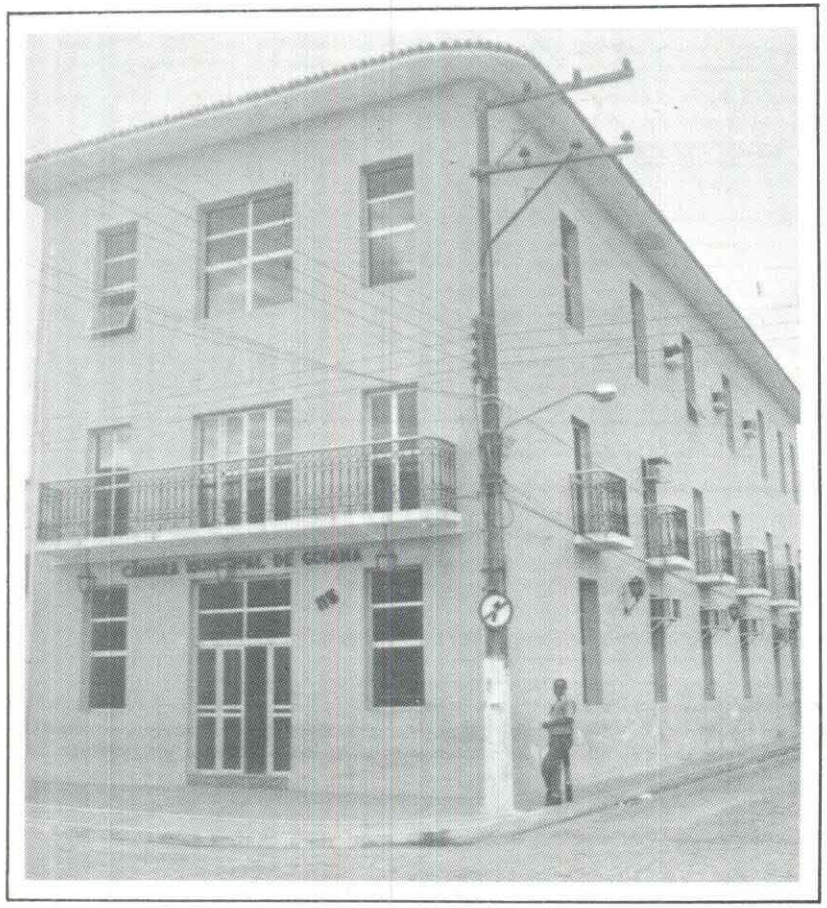
Paulo Geraldo dos Santos Viegas, presidente da Câmara Municipal de Goiana.

Igreja de N. S. do Rosário dos Homens Pretos - A construção desta igreja data de 1596 e seus traços são de estilo barroco autêntico. Está em ruinas, com o beiral tríplice caído.

Edf. Sede da Loja Maçônica Fraternidade e Progresso

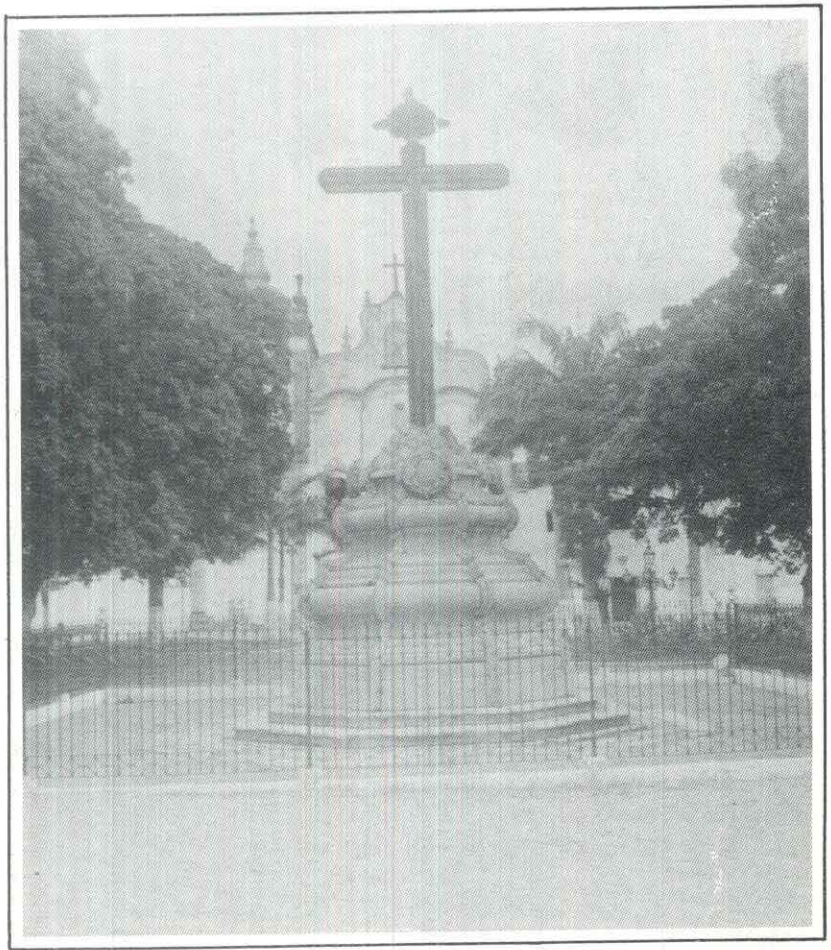
Igreja de N. S. do Amparo dos Homens Pardos - Sua construção data de 1681. Esteve por muitos anos em abondono, não mais se realizando nela atos litúrgicos. Serve desde 1949 de Museu de Arte Sacra.

Forum de Goiana, construção iniciada no triênio 1916/1919, administração de Ângelo Jordão de Vasconcelos.



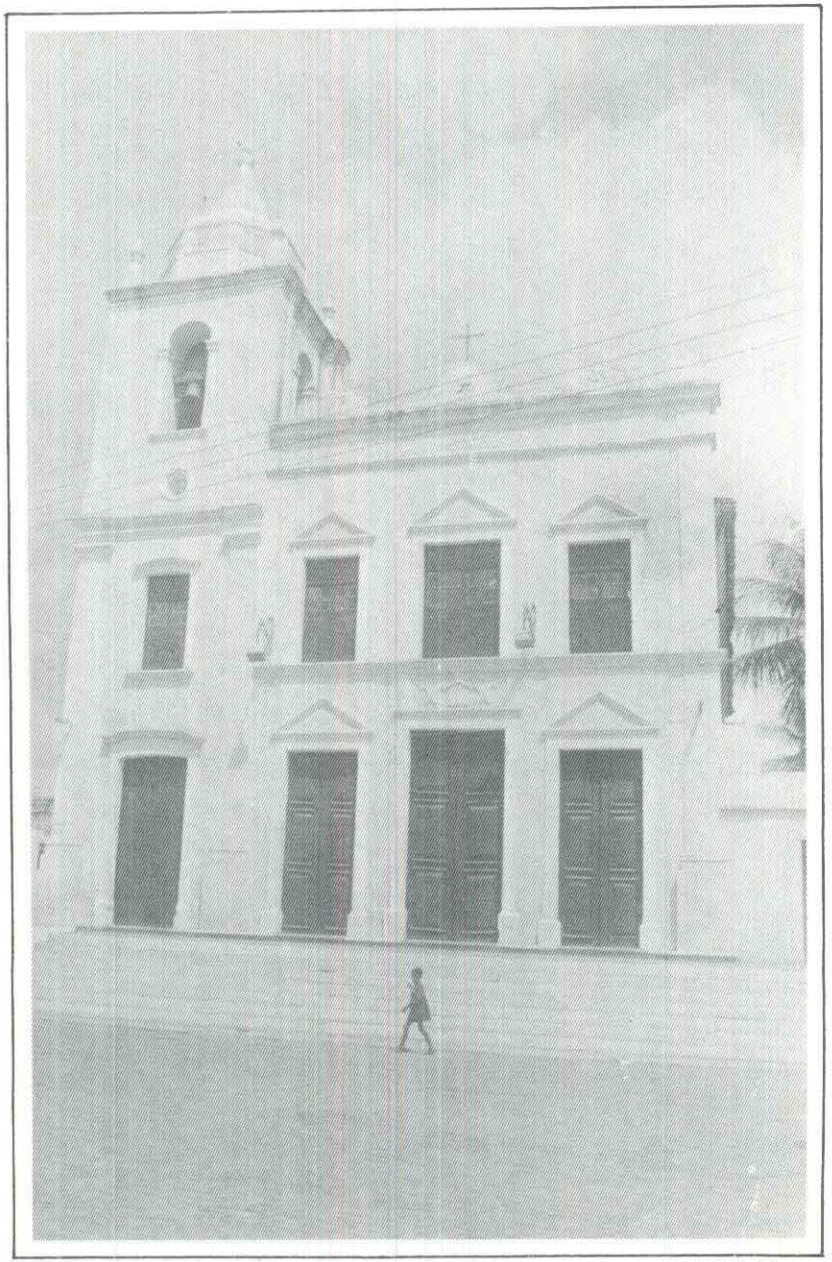
Câmara Muncipal de Goiana.

Igreja e convento de N. S. do Carmo - A sua construção data de 1666, com a presença de André Vidal de Negreiros - herói da Restauração Pernambucana. Alguns fatos históricos marcaram a vida desse Convento e da sua Igreja, tais como o de 1677, quando no convento professaram o Pe. Roma, o Dr. Manoel Arruda Câmara e outros nomes ilustre. Em 1824, ali esteve Frei Caneca, perseguido pelas tropas imperiais.



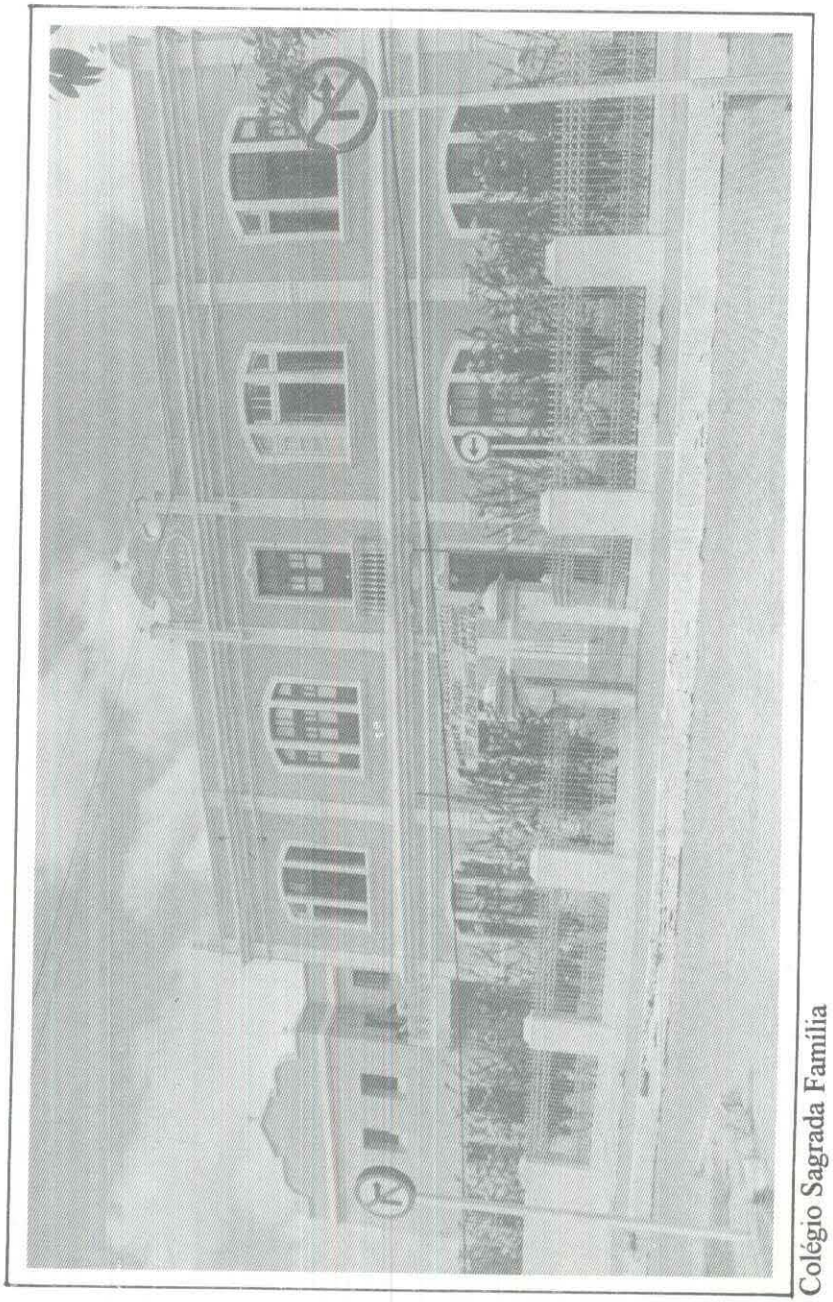
Cruzeiro do Carmo de Goiana - O mais artístico da América Latina, em estilo barroco, data do ano de 1717. Em torno dele há várias lendas.

Igreja da Misericórdia - A pedra, fundamental do templo foi assentada em 22 de setembro de 1722, ficando a construção concluída em 18 de junho de 1726. Logo em seguida se iniciou a construção de um hospital, anexo ao templo, concluido em 1759, tendo servido à população de Goiana até o ano de 1931. Nessa Igreja se acham enterradas as mãos do padre Tenório (Pedro de Souza Tenório), vigário de Itamaracá e um dos heróis da Revolução Pernambucana de 1817.

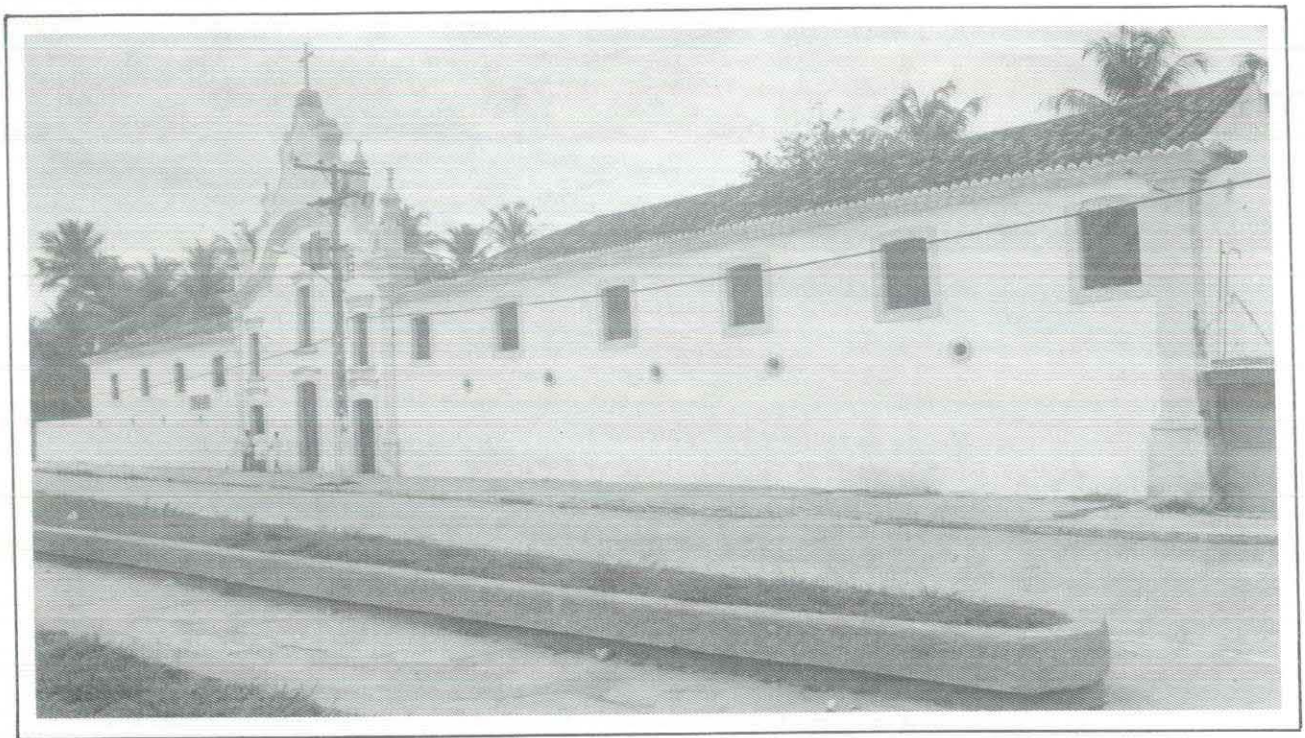


Igreja de N. S. da Conceição - Construção barroca do ano de 1807. Nessa igreja se realizou até bem pouco tempo a mais pomposa e brilhante festa religiosa da cidade.

Igreja (matriz) de Nossa Senhora do Rosário dos Homes Brancos - Construção de 1600, estilo barroco. Nesta Igreja, trazidos da capela do Engenho Novo de Santo Antônio, estiveram depositados os restos mortais de André Vidal de Negreiros, daí sendo removidos para o Convento da Soledade, desta Cidade.



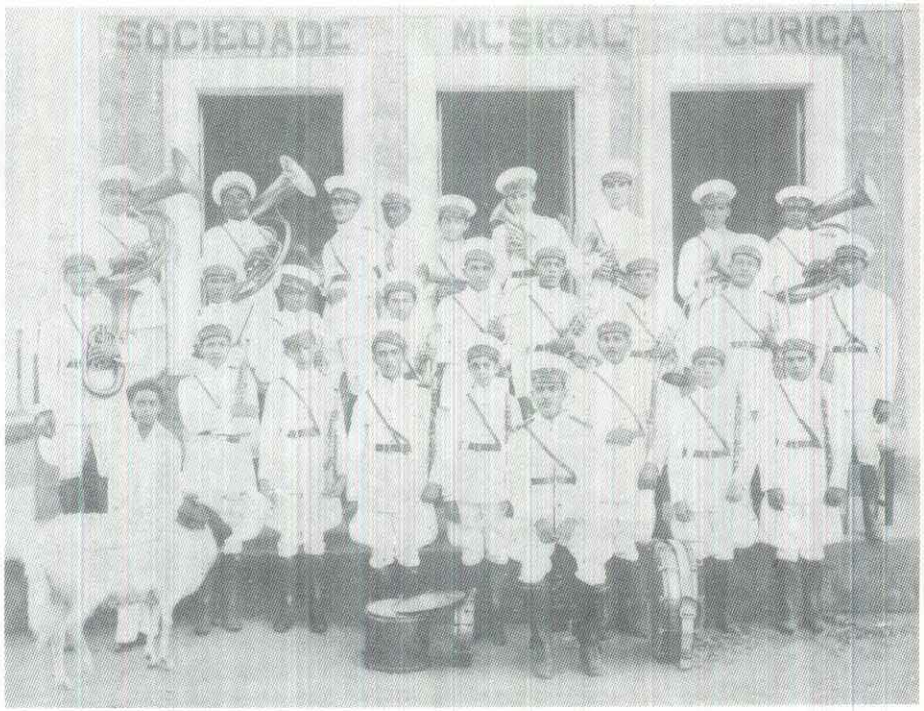
Colégio Sagrada Família



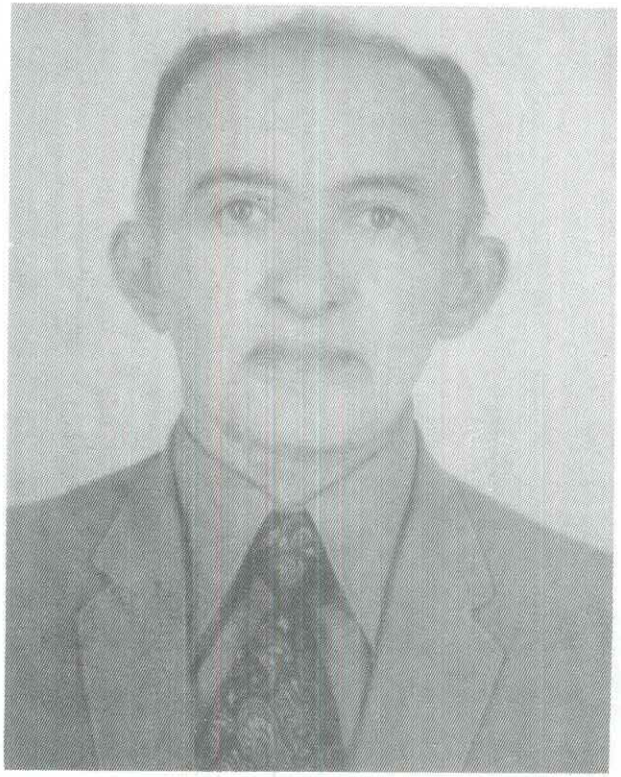
Igreja e Convento de N. S. da Soledade - As obras de sua construção se iniciaram em 1752, em terreno doado pelo Capitão-Mor José Campos Pessôa, do Engenho Boa Vista. Tem significação histórica porque nele estiveram depositados os restos mortais de André Vidal de Negreiros, os quais foram depois transladados para o Palácio do Bispado no Recife.

Igreja de Santa Tereza, da Ordem 3ª de N. S. do Carmo Praça do Carmo. Construção Barroca, do ano de 1753.

Banda Musical Saboeira. Maestro: Assuero Alves da Silva.



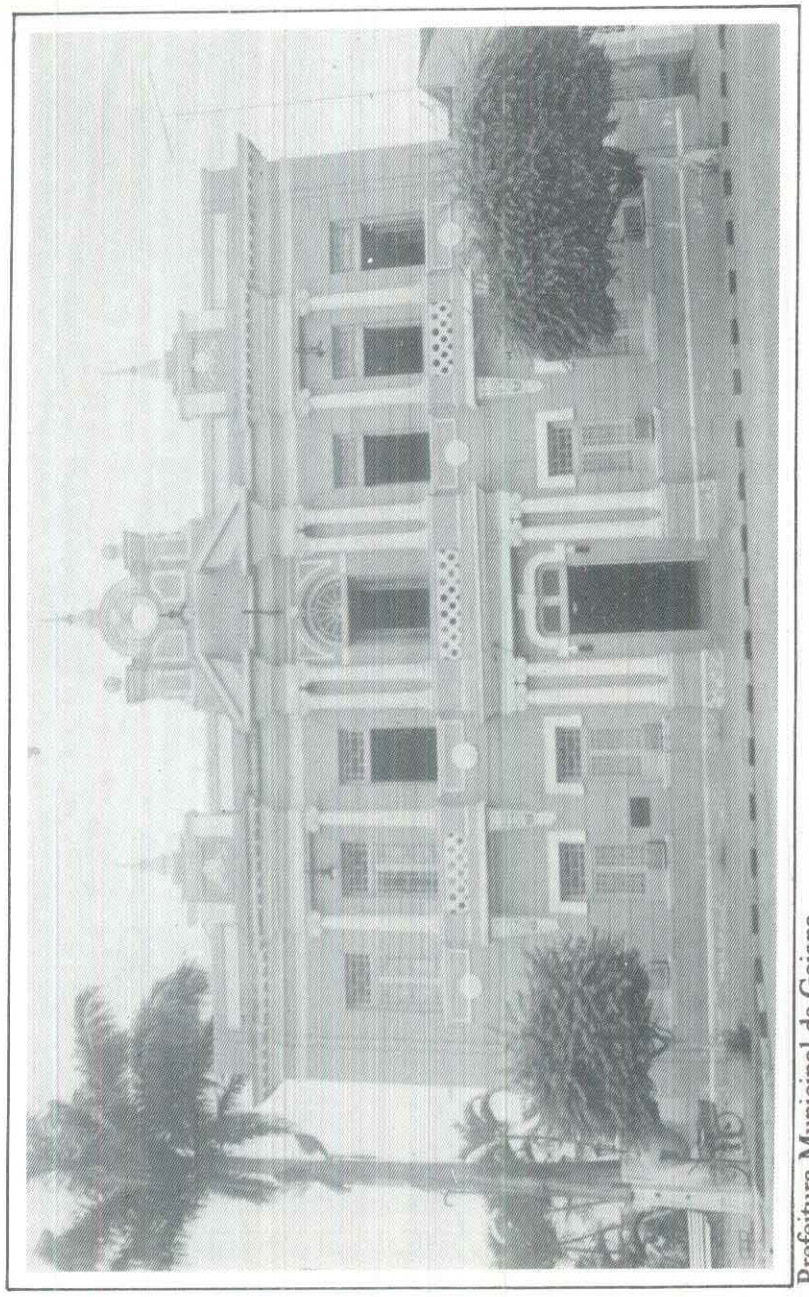
Banda Musical Curica.



João Carlos de Mendonça, diretor do Gabinete de Leitura Desembargador Francisco Luiz, é o mais antigo funcionário público do Brasil exercendo atividades ininterrupta há 60 anos na prefeitura de Goiana.

Símbolo à "Epopéia de Tecucopapo", construído na administração do Prefeito Antônio Raposo, logo após a Revolução de 1930. Foto em 7 de janeiro de 1971, durante o encerramento das festividades do IV Centenário de Goiana. (Data da inauguração do obelisco: maio de 1931).

Maria do Carmo Pinto Rodrigues, desfilando no 1° Baile das Debutantes, em companhia de seu pai (o Autor).



Prefeitura Municipal de Goiana

José Roberto Tavares Cadelha, prefeito de Goiana, de quem recebemos estimulante apoio para a produção desta obra.

O AUTOR

Mário Rodrigues do Nascimento nasceu na vila de Goianinha (então município de Goiana e atual Condado) aos 23 de janeiro de 1921. É filho de d. Tude Maria da Conceição e Manoel Rodrigues do Nascimento.

Alfabetizou-se e concluiu o Curso Primário na terra onde nasceu. Fez o Exame de Admissão no Liceu Pernambucano e chegou a cursar pré-Engenharia.

Iniciou-se na arte literária em 1945. Ex-combatente, foi partícipe da II Guerra Mundial, como soldado, convocado para servir à pátria, razão pela qual foi forçado a abandonar os estudos.

Mais tarde, iniciou-se na vida profissional, como professor de História e Geografia, durante 25 anos, ingressando, depois, no Serviço Público Federal, como funcionário da SUDEPE (atual IBAMA), com passagem pelo SESI, aposentando-se em 1989.

Casou-se com Lêda Raposo Pinto, filha de tradicional família de Goiana, tetra-neta do General Labatut. São filhos, genros, noras e netos do casal:

Sílvio Romero Pinto Rodrigues - (Advogado)
C/com Maria de Fátima Mendes Rodrigues
Filho: Sílvio Romero Pinto Rodrigues Jr.

Maria do Carmo Rodrigues Farias
Funcionária Pública Estadual
C/com Dr. Nicácio Marinho de Farias (Advogado)

Mário Rodrigues do Nascimento Filho - (Engenheiro)
Filho: Bruno Guedes Rodrigues

Fábio Rogério Pinto Rodrigues (Advogado)
C/com Jaise da Costa Leão
Filhos: Felipe Costa Pinto Rodrigues e Thaís da Costa Pinto Rodrigues

Residência e escritório do Autor:
Rua Luiz Gomes, 51 - Centro - Tel.: (081) 626.0578
CEP 55900-000 - Goiana - Pernambuco - Brasil.

Momentos do Autor, em sua residência, fotografias tiradas especialmente para este livro, em março de 1996.

ALBUM DE FAMÍLIA

ESPOSA E FILHA

Lêda

Maria do Carmo

OS FILHOS VARÕES

Fábio Rogério

Sílvio Romero

Mário Filho

OS ADORADOS NETOS

Diego

Bruno

Sílvio Romero

Filipe

Thaís

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia de Goiana - Genny da Costa e Silva e Maria do Carmo Rodrigues
Anais Pernambucanos - Pereira da Costa
Almanaque de Goiana - Ângelo Jordão
Passado - Aurélio Domingues
Velhas Histórias de Goiana - Otávio Pinto
História da Imprensa de Goiana - Luiz do Nascimento
Eça de Queiroz, Agitador no Brasil - Paulo Cavalcanti
Analecto Goianense - Álvaro Guerra
História da Província da Paraíba - Maximiano Lopes Machado
Império Brasileiro - Oliveira Lima
Dicionário Geográfico, H. e E. de Pernambuco - Sebastião Galvão
Atas e Ofícios da Câmara Municipal de Goiana (1854 a 1856)
Revista do Instituto Histórico de Goiana
Revista do Instituto Geneológico da Bahia
Movimentos Nativistas em Pernambuco - Manoel Correia de Andrade
Cartas Recifenses - Braga, Napoleão Barroso

OFERENDA

A título de Apoio Cultural a uma das tradições mais representativas de nossa cultura, o Autor destacou, desta 1ª edição, 300 exemplares, para doar às bandas Filarmônica 28 de Junho (do Condado), Curica e Saboeira, (de Goiana), oferenda que se constitui a expressão maior do seu respeito e admiração pelo trabalho desenvolvido por esses grupos disseminadores da cultura musical da Região.

Este livro foi editado por Carlos Eduardo Carvalho dos Santos, Fone: (081) 271.4594 e acabou de imprimir no ano de 1996, em que se comemora os 350 anos da "Epopéia de Tejucopapo", o 75º aniversário do Autor e ano em que se edifica o pórtico da cidade de Goiana. O Presidente da República Federativa do Brasil é o dr. Fernando Henrique Cardoso; o Governador do Estado de Pernambuco é o dr. Miguel Arraes de Alencar e o Prefeiro da Cidade de Goiana é o Dr. José Roberto Tavares Gadêlha.

Nota do Editor: Respeitamos a solicitação do Autor, quanto aos aspectos vernaculáres constantes nesta obra.

HINO DE GOIANA

Goiana tem o seu hino, gravado na administração do prefeito Lourenço Gadelha (1966). A letra e música de Álvaro Alvim da Anunciação (autor do "Analecto Goianense"), e orquestração do maestro Guedes Peixoto (antigo músico da Saboeira).

A Lei Municipal que o criou tem o nº 959, de 02.09.66. Há um compacto simples (33/3 RPM), fabricado pela Discos Rozenblit Ltda. (Estrada dos Remédios, 855 - Recife/PE). Face "A" - Orquestra de Guedes Peixoto; Face "B" - mesma orquestra c/Coral Misto (Selo Nordestânia). Na capa principal (de Alfeu), aparece o Convento do Carmo de Goiana, numa homenagem ao seu III centenário de fundação. Eis o hino: (I) - "Salve! terra querida, / guarnecida de lindos florões! / Berço augusto de heróis sublimados, / denodados, ilustres varões! Salve! a mais gloriosa trincheira / da fé brasileira no ardor varonil! / - onde vovó com o filho guapo, / em Tejucopapo, / salvou o Brasil! Estribilho: Goiana! terra adorada, / sempre amada / dos filhos teus!... / Pela glória do teu passado / és um presente / abençoado de Deus! (II) - Se grandeza tens no passado, / laureado é teu nome atual! / - pelo grande valor de teus filhos, / pelos brilhos de teu ideal! / Eia! pois, com afã laboremos; / unidos marcharemos - olhar no porvir! / Pois, somente ao calor das efusões / tão lindos florões hão de sempre luzir!"

Jornal do Commercio, janeiro de 1992.

Um goianense ilustre

O dr. Antônio Gonçalves Raposo, advogado de renome nos meios forenses de Goiana, em época já bem distante, contava histórias, alusivas a tipos populares ou mesmo a pessoas de relevo da sociedade local.

Eu ficava, horas inteiras, a ouvi-lo em narrativas de humor gostoso, ora revivendo fatos políticos, ora analisando o comportamento de certos personagens na vida da cidade no começo deste século. Era uma coletânea de contos humorísticos que ele guardava com carinho sob o título: "GOIANA QUE EU VI SORRIR".

Goiana pelo lado faceto, dizia ele, não foi propriamente terra de apelidos, de alcunhas como a cidade de Aracati, no Ceará. Não. Aqui, o que mais havia era a anedota criada pelo espírito folgazão de alguns, a graçola, a pilhéria, tudo fazendo sorrir a alma sensível e apaixonada da terra.

E uma das lembranças desse precioso acervo vem a lume nesta coluna, ensejando à mocidade de hoje conhecer Goiana do primeiro decênio do atual século: ela de borzeguim e bengala, de chapeu de coco e fraque, de botão de rosa na lapela, formalística, autoritária e, ao mesmo tempo, risonha e maliciosa.

Hoje, contaremos o que aconteceu nos primórdios do século e que fez sorrir por algum tempo a alma vibrátil de Goiana: Padre Batalha (Anselmo Batalha, sergipano de coração goianense), pregava na igreja da Conceição em uma noite de novena e, aludindo aos milagres de Jesus, dizia alto, no seu tom anasalado: Nosso Senhor Jesus Cristo, com 5.000 pães alimentou 5 pessoas, ao que o incorrigível Benício Pirá, no coro, onde cantava de tenor, dissera para o companheiro ao lado: "Até eu, que não sou Deus, faria a mesma coisa". Mas, na noite seguinte, voltou o padre Batalha a pregar e, tendo dado pelo engano que caíra, procurou corrigi-lo, gritando, afônico: Jesus Cristo com 5 pães, alimentou 5.000 pessoas! E o Benício, no coro, ouvindo a emenda do padre, disse para o companheiro da noite anterior: "Até eu faria o mesma coisa". E o companheiro, admirado perguntou-lhe: Como? E o Benício, a sorrir, respondeu: "com o resto da bóia de ontem".

O velho Antônio Raposo, homem de ação e de sentimento nobre, deixou, ao morrer, um legado de honradez e trabalho. Lutou pelo desenvolvimento cultural de seu povo, quer na cátedra, ao lado de Ângelo Jordão, no Ateneu Goianense; quer na Imprensa, como o seu jornal "A CIDADE DE GOIANA". E ainda nos comícios políticos, na pregação cívica pela condidatura de Gilberto Freyre, em 1945, e, finalmente, no Fórum, na tribuna do júri, onde pontificou por mais de meio século.

Mário Rodrigues (do Instituto Histórico de Goiana) - Goiana-PE

*Publicado no Correio de Goiana, julho, 1987.